**Sob o Pôr do Sol**

**Bram Stoker**

**(1882)**

*A*

*MEU FILHO*

*cujo Anjo contempla o rosto do*

*REI*

**Sob o Pôr do Sol**

Longe, muito longe, há um belo País o qual nenhum olho humano jamais viu em vigília. Sob o Pôr do Sol ele fica, onde o horizonte distante desenha os limites do dia, e onde as nuvens, esplêndidas em luz e cor, dão uma promessa da glória e da beleza que o cerca.

Algumas vezes, é-nos concedido vê-lo em sonhos.

De vez em quando achegam-se Anjos, ternamente, abanando com suas grandes asas brancas os cenhos franzidos, e repousam mãos de bálsamo sobre os olhos dormentes. Então, o espírito do adormecido levanta voo. Do ofuscamento e das trevas da temporada noturna ele se alça. Para longe, através das nuvens púrpuras, veleja. Apressa-se pela vasta amplidão de luz e ar. Pelo azul intenso da abóbada celeste voa e, estendendo-se pelo longínquo horizonte, repousa no belo Reino Sob o Pôr do Sol.

Esse País é como o nosso, em vários sentidos. Tem homens e mulheres, reis e rainhas, ricos e pobres; tem casas, e árvores, e campos, e pássaros, e flores. Há ali dia e também noite, e calor e frio, e doença e saúde. Os corações dos homens e mulheres, e de garotos e garotas, batem como os daqui. Há as mesmas tristezas e as mesmas alegrias; e as mesmas esperanças e os mesmos medos.

Se uma criança daquele País estivesse ao lado de uma criança daqui, você não poderia apontar a diferença entre elas, exceto que somente as roupas são diferentes. Elas falam a mesma língua que nós falamos. Não não sabem que são diferentes de nós, e não sabemos que somos diferentes delas. Quando elas vêm a nós em seus sonhos, não sabemos que são estranhos; e quando vamos ao País delas em nossos sonhos, parecemos estar em casa. Talvez isso ocorra porque os lares das pessoas boas moram em seus corações; e, em qualquer lugar em que possam estar, terão paz.

O País Sob o Pôr do Sol foi por longas eras um Reino fantástico e agradável. Nada havia que não fosse belo e doce e agradável. Foi somente quando o pecado veio que as coisas começaram a perder sua perfeita beleza. Até mesmo agora é uma terra fantástica e agradável.

Porque lá o sol é forte, às margens de todas as estradas estão plantadas grandes árvores que espalham seus galhos grossos. Assim, os viajantes têm abrigo quando passam. Os marcos à margem são fontes de água fresca e agradável, tão clara e cristalina que, quando o viajante chega a uma delas, senta-se no banco de pedra talhada a seu lado e dá um suspiro de alívio, pois sabe que há descanso.

Quando é pôr do sol aqui, lá é o meio do dia. As nuvens se ajuntam e com suas sombras livram o Reino do calorão. Daí, por um curto tempo, tudo adormece.

Essa hora agradável e pacífica é chamada de Hora do Descanso.

Quando ela chega, os pássaros param seu canto, e repousam sob as amplas calhas das casas ou nos galhos das árvores, onde eles se juntam aos caules. Os peixes param de agitar-se e descansam sob as pedras, com suas barbatanas e caudas tão imóveis como se estivessem mortos. As ovelhas e o gado descansam sob as árvores. Os homens e as mulheres deitam-se em redes estendidas entre as árvores ou sob as varandas de suas casas. Então, quando o sol para de resplandecer intensamente e as nuvens se dissipam, todas as coisas vivas acordam.

As únicas coisas vivas que não dormem na Hora do Descanso são os cachorros. Eles ficam deitados, muito quietos, somente meio dormindo, com um olho aberto e uma orelha levantada, mantendo vigilância o tempo todo. Assim, se algum estranho chega durante o momento de Descanso, os cães se levantam e olham para ele suavemente, sem latir, para não perturbar ninguém. Eles sabem se o recém-chegado é inofensivo; e, quando é assim, deitam-se novamente, e o estranho também se deita, até que passe a Hora do Descanso.

Mas se os cães pensam que o estranho veio para causar malefícios, eles latem alto e rosnam. As vacas começam a mugir e as ovelhas a balir, e os pássaros a gorjear e a cantar suas notas mais altas, mas sem música; e até mesmo os peixes começam a se agitar de lá para cá e a espirrar água. Os homens acordam e saltam de suas redes, e agarram suas armas. Então, o intruso passa por momentos ruins. Imediatamente ele é levado à Corte e julgado, e, se a sentença o considerar culpado, é encarcerado ou banido.

Depois os homens voltam para suas redes, e todas as coisas vivas novamente se retiram até que a Hora do Descanso termine.

À noite acontece o mesmo que à Hora do Descanso, caso um intruso venha para causar malefícios. À noite, somente os cães e os doentes e suas enfermeiras estão acordados.

Todos só podem deixar o País Sob o Pôr do Sol seguindo em uma única direção. Aqueles que vão para lá em sonhos, ou que vêm em sonhos para nosso mundo, vêm e vão sem saber como. Mas, se um habitante tenta deixá-lo, só consegue de uma maneira. Se tenta de outras maneiras, vaga infinitamente, dando voltas sem perceber, até chegar ao único lugar por onde pode partir.

Esse lugar é chamado de Portal, e ali os Anjos mantêm guarda.

Exatamente no meio do País fica o palácio do Rei, e as estradas estendem-se a partir dele para todos os lados. Quando o Rei se posta no topo da torre, que se ergue a uma grande altura no meio de seu palácio, ele pode estender seu olhar pelas estradas, que são todas bem retas.

Elas parecem se tornar mais e mais estreitas à medida que seguem adiante, até que por fim se perdem totalmente na pura distância.

Em volta do palácio do Rei estão reunidas casas de grandes nobres, cada uma de um tamanho proporcional ao posto de seu dono. Ao lado dessas, vêm as casas dos menos nobres; e depois aquelas de todas as outras pessoas, tornando-se cada vez menores à medida que se vai mais adiante.

Toda casa, grande e pequena, ergue-se no meio de um jardim que tem uma fonte e um curso d’água, e grandes árvores, e canteiros de belas flores.

Mais ao longe, em direção ao Portal, o país torna-se cada vez mais selvagem. Para além dele, há densas florestas e grandes montanhas repletas de cavernas profundas, tão escuras quanto a noite. Aqui, animais selvagens e todas as coisas cruéis têm seu lar.

Então vêm pântanos e brejos e lamaçais profundos e instáveis, e densas selvas. Depois tudo se torna tão selvagem que a estrada some completamente.

Nos lugares selvagens mais além, nenhum homem sabe o que há. Alguns dizem que os Gigantes que ainda existem, vivem ali, e que todas as plantas venenosas ali crescem. Dizem que lá há um vento iníquo que carrega as sementes de todas as coisas más e as espalha sobre a terra. Há alguns que dizem que o mesmo vento iníquo também espalha as Doenças e as Pragas que existem ali. Outros dizem que a Fome vive lá nos pântanos, e que ela se aproxima silente quando os homens são malévolos – tão malévolos que os Espíritos que guardam essa terra choram muito amargamente quando não a veem passar.

Murmura-se que a Morte tem seu reino nos Ermos além dos pântanos, e vive em um castelo tão terrível de se olhar que ninguém jamais o viu e viveu para contar como é. Também se diz que todas as coisas más que vivem nos pântanos são os desobedientes Filhos da Morte que deixaram seus lares e não conseguem mais encontrar o caminho de volta.

Mas nenhum homem sabe onde está o Castelo do Rei Morte. Todos os homens e mulheres, garotos e garotas, e mesmo as crianças pequenas devem viver de tal modo que, quando tiverem de entrar no Castelo e ver o Rei macabro, não tenham medo de contemplar seu rosto.

Por muito tempo, a Morte e seus Filhos permaneceram fora do Portal e tudo dentro dele era alegria.

Mas eis que veio um tempo em que tudo mudou. Os corações se esfriavam e endureciam de orgulho à medida que a prosperidade crescia, e os homens não prestavam atenção às lições que lhes tinham sido ensinadas. Então, quando lá dentro houve frieza e indiferença e desdém, os Anjos em guarda viram nos terrores lá de fora os meios de punição e a lição que poderia fazer bem.

As boas lições vieram – como muito frequentemente vêm as coisas boas – depois de dor e de provação, e elas ensinaram muito. A história de sua vinda guarda uma lição para o bom entendedor.

No Portal, dois Anjos vigiavam e mantinham guarda constantemente. Esses anjos eram tão majestosos e tão vigilantes, e sempre tão firmes em sua guarda, que havia somente um nome para ambos. Cada um deles ou o par, quando interpelado, seria chamado pelo nome inteiro. Um deles conhecia tanto quanto o outro sobre qualquer coisa que pudesse ser conhecida. Isso não era tão estranho, pois ambos conheciam tudo. O nome deles era Fid-Def.

Fid-Def estavam de guarda no Portal. Ao lado deles havia uma Criança-Anjo, mais bela do que a luz do sol. A silhueta de sua bela forma era tão suave que sempre parecia estar desvanecendo no ar; parecia uma luz viva e sagrada.

Ela não ficava em pé como os outros Anjos, mas flutuava para cima e para baixo e por todo lado. Algumas vezes era somente uma pequena mancha, e, então, repentinamente, sem parecer passar por qualquer mudança, tornava-se maior do que os grandes Espíritos Guardiões que eram os mesmos desde sempre.

Fid-Def amavam a Criança-Anjo, e às vezes, quando porventura ela se levantava, eles abriam suas grandes asas brancas, sobre as quais ela subia. E, com suas próprias asas, belas e delicadas, ela arejava os rostos deles suavemente quando se viravam para falar. .

Mas a Criança-Anjo nunca cruzava o limiar. Ela olhava para o ermo ao longe, mas nunca colocava nem mesmo a ponta de sua asa para além do Portal.

Ela sempre fazia perguntas para Fid-Def, e parecia querer saber o que havia lá fora, e como tudo lá diferia de tudo daqui.

As perguntas e as respostas dos Anjos não eram como nossas perguntas e respostas, pois não havia necessidade de fala. No momento em que vinha o pensamento de querer saber alguma coisa, a pergunta era feita e a resposta era dada. Mas, mesmo assim, a pergunta não deixava de ser feita pela Criança-Anjo e respondida por Fid-Def; e, se conhecêssemos a não-língua que os Anjos estavam não-falando, teríamos ouvido Fid-Def falando com Fid-Def da seguinte maneira:

“Chiaro não é belo?”

“É muito belo. Ele será um novo poder no Reino.”

Aqui Chiaro, que estava apoiado com um pé na pluma da asa de Fid-Def, disse:

“Diga-me, Fid-Def, o que são aqueles Seres além do Portal, de aparência horrível?

Fid-Def respondeu:

“São os Filhos do Rei Morte. O mais horrível de todos, envolto em trevas, é Skooro, um Espírito Mau.”

“Como eles parecem horríveis!”

“Muito horríveis, caro Chiaro. E esses Filhos da Morte querem cruzar o Portal e entrar no Reino”.

Chiaro, diante da terrível notícia, ergueu-se para o alto, e ficou tão grande que todo o País Sob o Pôr do Sol passou a brilhar. Logo depois, entretanto, foi diminuindo, diminuindo, até que virou somente uma mancha, como o facho colorido visto num quarto escuro quando o sol entra por uma fresta. Ele perguntou aos Anjos do Portal:

“Digam-me, Fid-Def, por que os Filhos da Morte querem entrar?”

“Porque, querida Criança, eles são malvados, e querem corromper os corações dos moradores do Reino”.

“Mas me digam, Fid-Def, eles conseguem entrar? Tenho certeza que, se o Pai-Supremo diz ‘Não!’, eles têm de ficar para sempre fora do Reino.”

Depois de uma pausa veio a resposta dos Anjos do Portal:

“O Pai-Supremo é mais sábio do que até mesmo os Anjos podem conceber. Ele expulsou os malvados com seus próprios truques, e fez o caçador cair em sua própria armadilha. Os Filhos da Morte, quando entram – como estão prestes a fazer – farão muitas coisas boas no Reino, ao qual querem fazer mal. Pois veja!, os corações das pessoas estão corrompidos. Eles esqueceram as lições que lhes foram ensinadas. Eles não sabem o quanto deveriam ser gratos por sua sorte, pois a tristeza eles não conhecem. Deve haver alguma dor ou pesar ou tristeza para que possam ver o erro de seus caminhos”.

Enquanto falavam, os Anjos choraram de dor pelos pecados do povo e pelo sofrimento que ele teria de suportar.

A Criança-Anjo respondeu assombrada:

“Então esse, que é mais Ser mais horrível, também está para entrar no Reino. Ai! Ai!”

“Querida Criança”, disseram os Espíritos Guardiães enquanto a Criança-Anjo deslizou para seus peitos, “a você está incumbido um grande dever. Os Filhos da Morte estão prestes a entrar. A você foi confiada a vigilância desse Ser horrível, Skooro. Onde quer que ele vá, lá você deverá estar também; assim, nada de mal pode acontecer – exceto somente o que é pretendido ou permitido”.

A Criança-Anjo, maravilhada pela grandeza da confiança, resolveu que sua tarefa deveria ser bem-feita. Fid-Def continuaram:

“Você deve saber, querida Criança, que sem a escuridão não há medo algum do invisível; e nem mesmo a escuridão da noite pode assustar caso haja luz dentro da alma. Ao bom e puro não há medo, seja das coisas más da terra, seja dos Poderes invisíveis. A você é confiada a guarda do puro e verdadeiro. Skooro lançará sua sombra sobre eles; mas a você é dado penetrar em seus corações e por sua própria luz gloriosa tornar a sombra dos Filhos da Morte invisível e desconhecida.

Mas de quem faz o mal, isto é, dos perversos, e dos mal-agradecidos, e dos impiedosos, e dos impuros, e dos falsos você se manterá afastado; e assim, quando o procurarem para que você lhes dê conforto – como sempre haverão de fazer – eles não o verão. Verão somente a sombra que a sua luz distante fará parecer ainda mais escura, pois a sombra estará em suas próprias almas.

Mas, oh!, Criança, nosso Pai é bom para além do acreditável. Ele ordena que, caso uma pessoa seja más e arrependa, você voará imediatamente até ela e a confortará, e a ajudará, e a animará, e forçará a sombra para longe. Caso ela apenas finja se arrepender, intencionando ser novamente maus quando o perigo passar, ou caso eles ajam somente devido ao medo, então você esconderá sua claridade para que a sombra sobre eles cresça e fique ainda mais escura. Agora, querido Chiaro, torne-se invisível. Aproxima-se a hora em que será permitido ao Filho da Morte entrar no Reino. Ele tentará entrar sorrateiramente, e nós vamos deixar, pois devemos trabalhar invisíveis e incógnitos para desempenharmos nossa função”.

Então a Criança-Anjo desvaneceu-se lentamente, a fim de que nenhum olho – nem mesmo os de Fid-Def – pudesse vê-lo; e os Espíritos Guardiães se postaram como sempre ao lado do Portal.

A Hora do Descanso chegou, e tudo estava quieto no Reino.

Quando os Filhos da Morte, bem ao longe nos pântanos, viram que nada estava em movimento, exceto pelo fato de que os Anjos estavam como sempre de guarda, resolveram fazer mais uma tentativa para entrar no Reino.

Desse modo, dividiram-se em muitas partes. Cada parte assumiu uma forma diferente, mas todos juntos se moveram em direção ao Portal. Assim, os Filhos da Morte chegaram bem perto do limiar do Reino.

Sobre a asa de um pássaro que passava eles vieram; em uma nuvem que deslizava lentamente pelo céu; nas cobras que rastejavam sobre a terra; nos vermes, e ratos, e toupeiras que se arrastavam sob ela; nos peixes que nadavam e nos insetos que voavam. Por terra e água e ar eles vieram.

Então, sem obstáculos ou impedimentos, e de muitas formas, os Filhos da Morte entraram no país Sob o Pôr do Sol; e a partir daquela hora tudo naquele belo Reino mudou.

Os Filhos da Morte não se fizeram conhecidos imediatamente. Um a um, os espíritos mais arrojados entre eles, espreitando com passadas cruéis pelo Reino, preencheram todos os corações com terror à medida que avançavam.

Entretanto, cada um e todos eles deixaram uma lição para o bem nos corações dos moradores do Reino.

**O Príncipe da Rosa**

Há muito, muito tempo – há tanto tempo que, se alguém tenta pensar tão longe no passado, é ainda mais longe –, o Rei Mago reinava no País Sob o Pôr do Sol.

Era um rei velho, sua barba branca crescera tão longa que quase tocava o chão. E todo seu reinado transcorrera no esforço de fazer seu povo feliz.

Ele tinha um único filho, de quem gostava muito. Esse filho, o Príncipe Zaphir, era bastante merecedor do afeto de seu pai, pois era tão bom quanto se pode ser.

Ele ainda era apenas um garoto, e nunca tinha visto o belo e doce semblante de sua mãe, que morrera quando ele era apenas um bebê. Amiúde ficava muito triste por não ter mãe, quando pensava que os outros garotos tinham mães carinhosas, em cujos joelhos eles aprendiam a rezar, que vinham lhes dar beijos à noite em suas camas. Ele achava estranho que muitas das pessoas pobres nos domínios de seu pai tivessem mães, enquanto ele, o príncipe, não tinha. Quando pensava assim, tornava-se muito humilde; pois sabia que nenhum poder, ou riqueza, ou juventude, ou beleza salvaria qualquer pessoa do destino de todos os mortais, e que a única coisa bela no mundo, cuja beleza dura para sempre, é uma alma pura e justa. Ele sempre lembrava, entretanto, que, se não tinha mãe, tinha um pai que o amava muito e, assim, ficava consolado e contente.

Ele costumava devanear muito sobre diversas coisas; e frequentemente, até mesmo durante a luminosa hora do descanso, quando todas as pessoas dormiam, ele ia para o bosque perto do palácio e pensava e pensava sobre tudo o que era belo e verdadeiro, enquanto seu fiel cão Gomus se agachava a seus pés e às vezes balançava a cauda, como que para dizer:

“Aqui estou eu, príncipe. Também não estou dormindo”.

O Príncipe Zaphir era tão bom e gentil que nunca machucou qualquer coisa viva. Se via à sua frente um verme rastejando sobre a estrada, passaria cuidadosamente acima dele a fim de não o machucar. Se visse uma mosca caída na água, ele a levantaria com cuidado e a soltaria, com as asas livres, ao ar claro e glorioso: tão bom era ele que todos os animais que uma vez o tinham visto o reconheciam, e, quando se sentava em seu lugar favorito no bosque, ali se elevava um zunzum alegre vindo de todos os seres vivos. Aqueles insetos brilhantes, cujas cores mudam de hora em hora, mostravam suas cores mais vivas e se expunham ao cintilar da luz do sol que penetrava oblíqua entre os galhos das árvores. Os insetos ruidosos se cobriam com seus abafadores para não o perturbar; e os passarinhos descansando nas árvores abriam seus olhos redondos e brilhantes, e saíam, e piscavam os olhos à luz, e assobiavam canções jubilosas de boas-vindas com todas as suas notas mais doces.

Assim ocorre sempre com pessoas afáveis e amorosas. Os seres vivos que têm vozes tão doces quanto as de um homem ou de uma mulher e que têm idiomas próprios, apesar de não os podermos entender, todos falam a tais pessoas com notas alegres e lhes desejam boas-vindas ao seu modo peculiar e belo.

O Rei Mago tinha orgulho de seu garoto corajoso, bom e belo, e gostava de vê-lo muito bem vestido. E todas as pessoas adoravam observar seu rosto límpido e sua vestimenta vistosa. O Rei mandou os grandes mercadores procurarem perto e longe, até que conseguissem a maior e mais fina pena que já fora vista. Essa pena ele colocou na frente de um belo chapéu, da cor de um rubi, e a fixou com um broche feito de um grande diamante. Deu esse chapéu a Zaphir em seu aniversário.

Quando o Príncipe Zaphir andava pelas ruas, as pessoas viam a distância a grande pluma branca acenando de longe. Todos ficavam alegres ao vê-la e corriam às janelas e às portas, inclinando-se em reverência, sorrindo e agitando as mãos enquanto seu belo príncipe passava. Zaphir sempre se inclinava e sorria de volta; ele amava seu povo e se rejubilava com o amor que tinham por ele.

Na Corte do Rei Mago, Zaphir tinha uma companheira, a qual ele amava muito. Era a Princesa Bluebell, filha de outro rei que fora injustamente privado de seu domínio por um inimigo cruel e traidor, e que havia procurado o Rei Mago pedindo ajuda, vindo a morrer em sua Corte depois de viver ali por muitos, muitos anos. Mas o Rei Mago acolheu sua filhinha órfã e criou-a como sua própria filha.

Uma grande vingança havia recaído sobre o usurpador maléfico. Os Gigantes haviam atacado seus domínios e assassinaram a ele e toda a sua família, e mataram todas as pessoas do reino, e destruíram até mesmo todos os animais, exceto os selvagens, que eram como os próprios Gigantes. Então as casas começaram a vir abaixo devido à velhice e à deterioração, e os belos jardins tornaram-se selvagens e abandonados. E assim, quando depois de muitos longos anos os Gigantes se cansaram e voltaram para sua remota terra natal, o país que a Princesa Bluebell possuía era uma desolação tão vasta que ninguém que lá entrasse saberia que ali já havia morado gente.

A Princesa Bluebell era muito jovem e muito, muito bela. Ela, como o Príncipe Zaphir, nunca conhecera o amor materno, pois, quando nova, sua mãe também morrera. Ela amava muito o Rei Mago, mas amava o Príncipe Zaphir mais do que todo o resto do mundo. Eles sempre haviam sido companheiros, e não havia um pensamento sequer do coração dele que ela não conhecesse quase antes de ele o pensar. O Príncipe Zaphir amava-a também, mais ternamente do que podem dizer as palavras, e por ela ele faria qualquer coisa, sem importar o tamanho do perigo. Ele tinha esperança de que, quando eles fossem homem e mulher, ela se casaria com ele, e ambos ajudariam o Rei Mago a reinar em seu domínio justa e sabiamente, e não haveria dor ou pobreza por todo o país, caso eles pudessem evitar.

O Rei Mago havia mandado fazer dois pequenos tronos; e quando ele se sentava cerimoniosamente em seu grande trono, as duas crianças se sentavam uma de cada lado dele e aprendiam como ser Rei e Rainha.

A Princesa Bluebell usava um robe de arminho como o de uma Rainha, e um pequeno cetro e uma pequena coroa, e o Príncipe Zaphir tinha uma espada, tão brilhante quanto um raio de luz, pendurada em uma bainha dourada.

Atrás do trono do Rei, os cortesãos costumavam se reunir. E muitos deles eram notáveis e bons, e outros eram somente vaidade e egoísmo.

Havia Phlosbos, o Primeiro Ministro, um homem muito, muito velho com uma barba longa parecida com seda branca, que carregava um bastão branco com um anel de ouro nele.

Havia Janisar, o Capitão da Guarda, com bigodes selvagens e uma armadura pesada como vestimenta.

E depois havia Tufto, um cortesão antigo, um velho tolo que não fazia nada senão vaguear em torno dos grandes nobres e prestar-lhes deferência; e todos, de alto a baixo, desprezavam-no muito. Ele era gordo e não tinha cabelos ou pelos no rosto, nem mesmo sobrancelhas; ele parecia – oh!, tão engraçado com sua grande cabeça calva, bem branca e macia.

Havia Sartorius, um cortesão jovem e tonto, que pensava que roupa era a coisa mais importante do mundo, e que por isso se vestia com as melhores roupas que conseguia comprar. Mas as pessoas apenas sorriam e até mesmo riam dele, pois não há honra advinda de roupas bonitas, mas somente do que está no próprio homem que as veste. Por toda parte, Sartorius sempre tentava forçar passagem para estar na frente dos outros e exibir suas belas roupas, e pensava que, como não tentavam repeli-lo pelo mesmo motivo, os outros cortesãos reconheciam seu direito de ser o primeiro. Não era assim, no entanto; eles apenas o desprezavam e não fariam o que ele fazia.

Havia também Skarkrou, que era exatamente o oposto de Sartorius, e que pensava – ou fingia pensar – que a falta de asseio era uma coisa boa. E ele era tão ou mais orgulhoso de seus trapos do que Sartorious o era de suas belas roupas. Também era desprezado, pois era vaidoso, e sua vaidade tornava-o ridículo.

Então havia Gabbleander, que nada mais fazia além de falar desde a manhã até a noite, e que falaria da noite até a manhã se conseguisse alguém para ouvi-lo. Também riam dele, pois as pessoas não conseguem falar sempre com juízo se falam demais. As coisas tolas são lembradas, mas as sábias são esquecidas. E assim, os tagarelas vêm a ser considerados tolos.

Mas ninguém deve pensar que toda a Corte do bom Rei Mago era como essas pessoas. Não! Havia muitas, muitas pessoas boas, e grandiosas, e nobres, e corajosas. Mas a vida é assim em qualquer país, até mesmo no País Sob o Pôr do Sol: há tolos tanto quanto sábios, covardes tanto quanto corajosos e homens maus tanto quanto homens bons.

Crianças que desejam se tornar homens importantes e bons ou mulheres boas e nobres devem tentar conhecer bem todas as pessoas que encontram. Assim, elas perceberão que não há ninguém que não tenha um tanto de bondade; e quando virem grandes tolices, ou um pouco de malvadeza, ou um pouco de covardia, ou algum erro ou fraqueza em outra pessoa, elas devem examinar a si mesmas cuidadosamente. Então verão que, talvez, elas próprias também têm alguns defeitos – ainda que eles não se revelem da mesma forma – e que devem tentar vencer tais defeitos. Assim, elas se tornarão melhores à medida que crescem; e os outros as examinarão, e ao descobrirem que elas não têm defeitos, irão amá-las e honrá-las.

Bem, um dia o Rei Mago estava sentado em seu trono com seu manto e sua coroa, segurando seu cetro na mão.

À sua direita sentava a Princesa Bluebell com seu manto, sua coroa e seu cetro, tendo ao lado seu cãozinho Smg.

Esse cão era de longe o favorito. Primeiramente, fora chamado de Sumog porque o cão de Zaphir se chamava Gomus, e este era seu nome escrito ao contrário. Mas então foi nomeado Smg porque esse era um nome que não se poderia gritar, mas somente sussurrar. Bluebell não tinha necessidade de mais do que isso, pois Smg nunca estava longe, e ficava sempre perto de sua dona e a protegia.

À esquerda do Rei sentava-se o Príncipe Zaphir, em seu pequeno trono, com sua espada brilhante e sua imponente pena.

Mago estava fazendo leis para o bem de seu povo. Em volta dele estavam reunidos todos os cortesãos e muitas pessoas estavam no salão, e outras muitas lá fora na rua.

De repente, ouviu-se um ruído alto – estalos de chicote e sopros de trombeta –; e o ruído foi se aproximando cada vez mais, e as pessoas na rua começaram a murmurar. Surgiram gritos altos, o Rei parou para ouvir, e as pessoas viraram a cabeça para ver quem vinha. A multidão se abriu, e um mensageiro de botas e esporas, e coberto de poeira, correu para o salão e ajoelhou-se ante ao Rei sobre um dos joelhos, estendendo um papel que o Rei Mago pegou e leu avidamente. O povo esperou em silêncio para ouvir as notícias.

O Rei ficou profundamente tocado, mas como sabia que seu povo estava ansioso, ficando de pé, disse a todos:

“Meu povo, um grave perigo assalta nosso Reino. Soubemos, por este despacho da província de Sub-Tegmine, que um terrível Gigante surgiu dos pântanos além da Terra-de-Ninguém e está devastando o país. Mas não tema, meu povo, pois hoje muitos soldados se apresentarão com suas armas, e ao pôr do sol de amanhã o Gigante terá sucumbido, acreditamos.”

As pessoas curvaram suas cabeças com murmúrios de agradecimento, e foram todos quietos para suas casas.

Naquela noite, um corpo de soldados selecionados saiu com corações valentes para lutar contra o Gigante, e as pessoas os saudavam pelo caminho.

Por todo o dia seguinte e a noite seguinte, as pessoas, bem como o Rei, estiveram muito ansiosas; e na segunda manhã esperaram por notícias que dissessem que o Gigante havia sido derrotado.

Mas nenhuma notícia chegou até o anoitecer; e então um homem cansado, coberto com poeira e sangue, e ferido de morte, entrou na cidade arrastando-se.

As pessoas abriram caminho, e ele foi para diante do trono, curvou-se e disse:

“Ai! Rei, tenho de lhe dizer que seus soldados foram mortos – todos exceto eu. O Gigante triunfa e avança em direção a cidade”.

Tendo dito isso, a dor de seus ferimentos aumentou tanto que ele gritou diversas vezes e caiu; e quando o ergueram, estava morto.

Diante da triste notícia que ele trouxe, surgiu um lamento baixo, vindo do povo. As viúvas dos soldados mortos soltaram um grito alto e breve, e se dirigiram ao trono do Rei, prostrando-se diante dele, levantando as mãos para cima e dizendo:

“Oh, Rei! Oh, Rei!”, e não puderam dizer mais nada por causa do choro.

Então o coração do Rei ficou muito, muito magoado, e ele tentou consolá-las, mas seu melhor consolo estava em suas lágrimas – pois as lágrimas de amigos ajudam a aliviar os problemas. Ele falou ao povo, dizendo:

“Ai! Nossos soldados eram muito poucos. Hoje à noite enviaremos um exército, e talvez o Gigante sucumba”.

Naquela noite, um exército aguerrido, com muitas máquinas de guerra, com bandeiras tremulando e bandas tocando, partiu contra o Gigante.

No comando do exército cavalgava Janisar, o capitão, com sua armadura de aço incrustada de ouro reluzente ao brilho do pôr do sol. Os adornos escarlates e alvos de seu grande cavalo de guerra negro mostravam-se esplêndidos. Com ele, a alguma distância pelo caminho, cavalgava o Príncipe Zaphir em seu palafrém branco.

O povo todo se reuniu para desejar ao exército sucesso em sua partida; e muitas pessoas tolas que acreditavam na sorte atiraram sapatos velhos depois da passagem deles. Um desses sapatos acertou Sartorius, que estava como de costume forçando a dianteira para se exibir, e deixou seu olho roxo, e a sujeira preta do sapato sujou sua roupa nova, estragando-a. Outro sapato – pesado, com saltos de ferro – acertou Tufto enquanto ele conversava com Janisar, bem no topo de sua cabeça calva, e cortou-a, e então todos riram.

Imagine como é desprezado um homem de quem as pessoas riem quando ele se machuca. O velho Tufto caiu e ficou com muita raiva, e então as pessoas riram ainda mais; pois nada é mais engraçado do que uma pessoa que está com tanta raiva que perde todo o autocontrole.

Todas as pessoas aclamavam à medida que o exército passava. Mesmo as pobres viúvas dos soldados mortos estavam aclamando. E os homens que partiam olhavam para elas e decidiam que venceriam ou morreriam, como bravos soldados em serviço.

A Princesa Bluebell foi com o Rei Mago para o topo da torre do palácio, e juntos eles assistiram aos soldados partindo em marcha. O rei logo se retirou, mas Bluebell continuou lá, observando os capacetes cintilando e reluzindo ao poente, até que o sol mergulhou no horizonte.

Bem naquele momento, o Príncipe Zaphir, que havia retornado, juntou-se a ela. Então, ao crepúsculo no topo da torre, com muitos milhares de corações batendo ávidos e ansiosos na cidade abaixo deles, e com o belo céu acima, as duas crianças se ajoelharam e rezaram pelo sucesso do exército pela manhã.

Na cidade não se dormiu naquela noite.

No dia seguinte, as pessoas estavam cheias de ansiedade. E à medida que o dia gradualmente avançava e não havia notícias, elas ficavam ainda mais ansiosas.

Ao anoitecer, ouviram o som de um grande tumulto ao longe. Sabiam que a batalha continuava; e assim esperaram e esperaram por notícias.

Absolutamente ninguém foi se deitar naquela noite; mas, por toda a cidade, fogueiras de vigia foram acesas e todos ficaram acordados esperando por notícias.

Mas nenhuma notícia veio.

Então o medo se tornou tão grande que os rostos dos homens e das mulheres ficaram tão brancos e seus corações tão frios quanto a neve. Por um tempo muito longo ficaram em silêncio, pois pessoa alguma ousava falar.

Finalmente, uma das viúvas dos soldados mortos levantou-se e disse:

“Vou me levantar e ir ao campo de batalha para ver o que está acontecendo lá, e trarei notícias para aquietar vossos pobres e aflitos corações”.

Então muitos homens ergueram-se e disseram:

“Não! Não deve ser assim. Nós iremos. Seria uma vergonha para nossa Cidade se uma mulher fosse a um lugar onde homens não conseguiram ir. Nós iremos”.

Mas ela lhes respondeu com um sorriso tristonho:

“Ah! Não tenho medo da morte, já que meu corajoso marido foi morto. Não desejo viver. Vocês devem defender a cidade, eu irei”.

Imediatamente, ela saiu da cidade na manhã cinzenta e fria em direção ao campo de batalha. À medida que se afastava e desaparecia na distância, dava ao povo ansioso a impressão de um fantasma da Esperança evanescendo diante deles.

O sol nasceu e brilhou nos céus até que a hora do descanso chegou; mas os homens não se importaram com ela, sempre vigiando e esperando.

Nesse instante, viram de longe a silhueta de uma mulher correndo. Dirigiram-se até ela e descobriram que era a viúva. Ela colocou-se no meio deles e gritou:

“Ai! Ai! Ah! O nosso exército está desbaratado. Nossos mais fortes estão sob o domínio do orgulho de sua força. O Gigante triunfa e temo que tudo esteja perdido”.

Do povo subiu um grande lamento, e um silêncio caiu sobre todos, tão grande era o medo.

Então o Rei reuniu sua Corte inteira e seu povo, e aconselhou-se quanto ao melhor a se fazer. Muitos pareciam pensar que um novo exército deveria partir, formado por todos aqueles que estavam dispostos a morrer, se necessário, pelo bem do País. Mas havia muita perplexidade.

Enquanto discutiam, o Príncipe Zaphir permaneceu quieto, sentado em seu trono. E seus olhos mais de uma vez se encheram de lágrimas diante do pensamento do sofrimento de seu povo amado. Então, levantou-se e se pôs diante do trono.

Houve silêncio até que ele começasse a falar.

Quando o Príncipe se pôs, de chapéu nas mãos, diante do Rei, havia no rosto dele um olhar com tamanha determinação que aqueles que a perceberam não puderam deixar de ter a esperança renovada. O Príncipe falou:

“Oh, Rei, Pai, antes que decida algo, escute-me. É certo que, se há perigo no Reino, o primeiro que deve enfrentá-lo é o Príncipe em quem o povo confia. Se há dor a ser sentida, quem deve senti-la antes dele? Se a morte vem a qualquer um, certamente deveria atingir primeiro o seu cadáver. Rei, Pai, espere somente um dia. Deixe-me partir amanhã para enfrentar o Gigante. Essa viúva lhe contou que ele está dormindo agora, após o combate. Amanhã eu o encontrarei na luta. Se eu vier a sucumbir, então será hora de arriscar a vida de seu povo; mas se quem deve de sucumbir é o Gigante, então tudo estará bem”.

O Rei Mago sabia que o Príncipe havia falado bem, e apesar de afligi-lo ver seu amado filho indo ao encontro de tal perigo, não tentou impedi-lo, e disse:

“Oh, filho, filho digno de ser rei, falaste bem! Que seja tal como queres”.

Então o povo deixou o Salão, e o Rei Mago e a Princesa Bluebell beijaram Zaphir. Bluebell lhe disse:

“Zaphir, você fez o certo”, e olhou para ele, orgulhosa.

Imediatamente, o príncipe foi deitar-se, para que pudesse dormir e assim estar forte para o amanhã.

Por toda aquela noite, os ferreiros e os armeiros e os ourives trabalharam duro e rápido. Até o raiar do dia, as fornalhas brilharam e as bigornas soaram; e todas as mãos habilidosas nessas artes trabalharam com esforço.

Pela manhã, eles levaram ao Salão, e colocaram diante do trono como um presente ao Príncipe Zaphir, uma armadura como antes nunca se vira.

Era trabalhada em aço e ouro, e feita toda com lamelas. Cada lamela era como uma folha diferente, e era inteira polida e brilhante como o sol. Entre as folhas havia joias e muitas outras mais estavam presas nelas como gotas de orvalho. Assim, a armadura cintilava à luz até ofuscar os olhos de quem a olhasse – pois os habilidosos armeiros acreditavam que, quando o Príncipe lutasse, seu inimigo poderia ser parcialmente cegado com o brilho e, desse modo, errar seus golpes.

O capacete era como uma flor; a insígnia do Príncipe fora fundida em cima dele, e a pena e o grande diamante de seu chapéu foram fixados na frente.

Quando ficou todo aparamentado, o príncipe parecia tão nobre e corajoso que o povo aclamou aos gritos que ele venceria; e teve novas e grandes esperanças.

Então seu pai, o Rei, abençoou-o, e a Princesa Bluebell beijou-o, verteu algumas lágrimas e deu-lhe uma graciosa rosa, que ele fixou em seu capacete.

Entre brados do povo, o Príncipe Zaphir partiu para lutar contra o Gigante.

Seu cão, Gomus, queria ir com ele, mas não podia ser levado. Então Gomus se aquietou e uivou, pois sabia que seu querido amo estava em perigo e desejou estar com ele.

Depois que o Príncipe partiu, a Princesa Bluebell subiu ao topo da torre e observou-o até que ele estivesse tão longe a ponto de ela não mais poder ver o lampejo de sua bela armadura à luz do sol. Inicialmente, quando ela estava se despedindo de Zaphir – e ela sabia que poderia ser uma despedida para sempre –, não chorou nenhuma lágrima para não causar dor a seu amado Príncipe, pois sabia que ele estava rumando para a batalha e precisaria de toda sua coragem e de toda sua firmeza. Assim, a última imagem que Zaphir viu no rosto de sua Bluebell foi um sorriso amável, esperançoso e confiante. Por isso, ele partiu para a batalha fortalecido pelo pensamento de que o coração dela o acompanhava, e de que, embora o corpo dela estivesse longe, o espírito estava ao seu lado.

Quando ele já havia partido, realmente, para bem longe da vista, e ela se postava sozinha no topo da torre, Bluebell derramou muitas lágrimas. E o grande medo em seu coração de que Zaphir pudesse ser morto, deixou-a fatalmente triste. Pensou que poderia acontecer de ele ser morto pelo maléfico Gigante, que já havia destruído dois exércitos, e que, então, ela nunca mais iria vê-lo – nunca mais veria o amor em seus olhos queridos e verdadeiros – nunca mais ouviria os tons de sua voz tenra e doce – nunca mais sentiria o bater de seu coração grandioso, generoso.

E então ela chorou, oh!, tão amargamente. Mas, enquanto chorava, ocorreu-lhe o pensamento de que a vida não se encontra em poder dos homens, ou mesmo dos gigantes; e, assim, ela enxugou suas lágrimas, ajoelhou-se e rezou com coração humilde, ficando consolada ao levantar-se, assim como as pessoas sempre ficam quando rezam com sinceridade.

Depois desceu ao grande salão, mas o Rei Mago não estava lá. Ela o procurava para consolá-lo, pois sabia que o coração dele devia estar sofrendo por seu filho em perigo.

Encontrou-o em seus aposentos, e ele, também, estava rezando. Ajoelhou-se ao seu lado, e eles – o velho Rei e a criança órfã – colocaram os braços em torno um do outro e rezaram juntos. E assim ambos se consolaram.

Juntos, esperaram, e esperaram pacientemente, pelo retorno de seu amado. Toda a cidade esperou também; e nem de dia nem de noite houve sono no País Sob o Pôr do Sol, pois todos estavam aguardando o retorno do Príncipe.

Quando Zaphir deixou a cidade, rumou sempre adiante em direção ao Gigante, até o sol brilhar alto nos céus, tão brilhante que sua armadura dourada reluzia como fogo. E então andou sob a proteção das árvores, e não parou nem mesmo na hora do descanso, mas continuou sempre em frente.

Ao anoitecer, ouviu e viu coisas estranhas.

Ao longe, o chão parecia tremer, e ecoava um estrondo surdo de rochas sendo destruídas e de florestas sendo derrubadas. Esses eram os sons dos passos do Gigante vindo em direção à cidade. Mas o Príncipe Zaphir, apesar de os sons serem terríveis, não tinha medo e avançou bravamente. Então, começou a encontrar muitas coisas vivas, que passavam por ele a toda velocidade – pois eram as mais rápidas de suas espécies e, por isso, haviam fugido do Gigante antes dos demais.

Elas vinham, em centenas e milhares, sua quantidade aumentando mais e mais à medida que o tempo passava, e à medida que o Príncipe e o Gigante se aproximavam.

Havia todos os animais do campo, e todas as aves do ar, e todos os insetos que voam e rastejam. Leões e tigres, e cavalos e ovelhas, e ratos e gatos e camundongos, e galos e galinhas, e raposas e gansos e perus, todos estavam misturados, grandes e pequenos, e todos estavam tão atemorizados pelo Gigante que se esqueceram de ter medo uns dos outros. Assim, fugiam juntos, gatos e ratos, lobos e carneiros, raposas e gansos; os fracos não tinham medo, nem os mais fortes queriam fazer mal algum.

Entretanto, à medida que vinham, todas as coisas vivas pareciam saber que o Príncipe Zaphir era mais corajoso do que elas, e abriam caminho para a sua passagem. As mais fracas, e as mais atemorizadas, não continuavam em fuga, mas tentavam chegar o mais perto possível do Príncipe; e muitas preferiam segui-lo, de retorno em direção ao Gigante, a não ficar perto dele.

Mais adiante, depois de um tempo, ele encontrou todos os animais velhos que não podiam ir tão rápido quanto os demais, e todos os pobres seres vivos feridos, e todos aqueles que eram lentos. Esses, também, não tentaram ir mais longe, pois sabiam que estariam mais seguros perto de um homem corajoso do que em uma fuga desamparada.

Então o Príncipe Zaphir viu algo, ainda muito longe, que parecia uma portentosa montanha.

Estava se movendo em sua direção, e seu coração bateu alto, parte com o pensamento na batalha vindoura, parte com esperança.

O Gigante aproximava-se cada vez mais. Seus passos esmagavam as rochas, e com sua poderosa clava ele varria as florestas de seu caminho.

As criaturas vivas atrás do Príncipe Zaphir tremeram de medo e esconderam suas caras na poeira. Alguns animais, como algumas pessoas tolas, pensam que se não veem algo que não desejam ver, isso deixa então de existir.

Muito tolo da parte deles.

Então, com o Gigante já próximo, o Príncipe Zaphir sentiu que era chegada a hora da batalha.

Quando ficou cara a cara com um inimigo mais poderoso do que qualquer coisa que já tinha visto, Zaphir sentiu-se como nunca antes. Não é que estivesse com medo do Gigante, pois se sentia com tanta coragem que, pelo bem de seu povo, poderia vir a morrer alegremente da forma mais dolorosa. É que havia se dado conta de que coisa pequenina ele era naquele mundo tão grande.

Viu, mais claramente do que jamais havia visto, que era apenas um ponto – um mero átomo – no enorme mundo vivo; e, num instante, percebeu que, se a vitória lhe coubesse, não seria porque seu braço era forte ou seu coração valente, mas porque ela foi desejada por Aquele que governa o universo.

Então, em sua humildade, o Príncipe Zaphir rezou pedindo por forças. Ele desvestiu sua esplêndida armadura, que brilhava como um sol na terra, tirou o esplêndido capacete e deitou ao lado a rutilante espada; e tudo ficou ao seu lado como um amontoado de coisas sem vida.

Era uma bela visão a daquele jovem garoto ajoelhado ao lado da armadura descartada. O amontoado brilhante era belíssimo, cintilando no claro pôr do sol com milhões de lampejos coloridos, chegando até mesmo a parecer uma coisa viva. No entanto, era triste, miserável e desprezível ao lado do rapaz, que ali se ajoelhou e rezou humildemente, com seus olhos profundamente sérios, acesos pela verdade e pela confiança que jaziam em seu coração limpo e em sua alma pura.

A armadura reluzente parecia o trabalho das mãos do homem – como o era, e o trabalho das mãos de homens bons e verdadeiros. Mas o belo garoto, ajoelhado em confiança e em fé, era o trabalho das mãos de Deus.

Enquanto rezava, o Príncipe Zaphir reviu toda sua vida passada, desde o primeiro dia de que conseguia se lembrar até aquele exato momento, face a face com o Gigante. Não houve um pensamento indigno que ele tivesse tido, nem uma palavra rude que tivesse dito, nem um olhar colérico que tivesse provocado dor em outra pessoa que não tenha voltado à sua mente. Muito o afligiu haver tantos, pois se amontoavam tão rápida e abundantemente que ele ficou espantado justamente com a quantidade. / Muito o afligiu haver tanta coisa, que se amontoava tão rápida e abundantemente que ele ficou espantado justamente com a quantidade.

É sempre assim, as coisas erradas que fazemos – ainda que possam parecer pequenas no momento, e ainda que as ignoremos por causa da dureza de nossos corações – voltam para nós com amargura, quando o perigo nos leva a pensar no pouco que fizemos para merecer ajuda e no muito que fizemos para merecer punição.

O coração do Príncipe Zaphir foi purificado pelo arrependimento de todas as coisas erradas feitas no passado, e pela sublime resolução de ser bom no futuro. E quando sua humilde reza terminou, ele se levantou e sentiu em seus braços uma força que não conhecia. Sabia que não era a sua própria força, mas que ele era o humilde instrumento da salvação de seu amado povo. E em seu coração ficou agradecido.

O Gigante logo viu o brilho da áurea armadura, e percebeu que mais um inimigo se aproximara.

Deu um rugido estrondoso de raiva e fúria, que soou como o eco de um trovão. Pelas colinas distantes o som ecoou, ribombou através dos vales ao longe e dissipou-se em resmungos e rosnados baixos, como os de animais selvagens em cavernas e rochedos montanhosos.

Era sempre com esse estrondo que o Gigante começava suas lutas, a fim de atemorizar seus inimigos. Mas o coração valente do Príncipe não tremeu de medo. Ele se tornou mais valente do que nunca quando ouviu o barulho; pois sabia que era preciso ter ainda mais coragem para que seu povo, e até mesmo o Rei, seu pai, e Bluebell não caíssem sob o poder do Gigante.

Enquanto entre as pedras e as florestas as passadas do Gigante embatiam, e enquanto subia em volta de seus pés o pó da desolação que causava, o Príncipe Zaphir juntou do riacho alguns seixos arredondados.

Ele encaixou um deles na funda que carregava.

Assim que levantou seu braço para rodopiar a funda em volta de sua cabeça, o Gigante o viu, riu e apontou desdenhoso em sua direção com suas grandes mãos, que eram mais brutas do que as garras de tigres. A risada que o Gigante trovejou era tão terrível – tão rude e raivosa e medonha que as coisas vivas que haviam levantado os tímidos olhos para observar a luta enterraram novamente as cabeças na terra, e tremeram de medo.

Mas justo quando o Gigante riu para escarnecer de seu inimigo, sua perdição foi proferida.

Em volta da cabeça do Príncipe Zaphir a funda girou, e o seixo sibilante voou. Acertou bem na têmpora do Gigante, e foi com a risada de escárnio em seus lábios, e com sua mão estendida apontando com menosprezo, que ele caiu de bruços.

Enquanto caía, emitiu um único grito, mas um grito tão alto que percorreu as colinas e os vales como o estrondo de um trovão. Em meio ao som, as coisas vivas novamente se acovardaram e fraquejaram de medo.

Ao longe, as pessoas da cidade ouviram o poderoso som, mas elas não sabiam o que ele significava.

Quando o grande corpo do Gigante caiu de bruços, a terra tremeu por muitas milhas ao redor devido ao choque. E quando sua grande clava caiu de sua mão, derrubou muitas árvores altas da floresta.

Então, o Príncipe Zaphir caiu de joelhos e rezou com gratidão fervorosa por sua vitória.

Rapidamente se levantou e, porque sabia da amarga ansiedade do Rei e do povo, nem parou para recolher sua armadura, mas dirigiu-se rápido para a cidade a fim de levar as boas-novas.

A noite havia caído agora e o caminho estava escuro; mas o Príncipe Zaphir tinha confiança e seguiu adiante pela escuridão, com coração valente e esperançoso.

Logo, as coisas vivas que eram nobres circundaram-no com gratidão, e todos que puderam seguiram-no de perto. Havia muitos animais nobres – leões e tigres e ursos, bem como animais domésticos. E seus grandes olhos fogosos pareciam lampiões e ajudaram-no em seu caminho.

Entretanto, à medida que se aproximaram da Cidade, os animais selvagens começaram a se retrair, pois, apesar de confiarem em Zaphir, temiam os outros homens. Rosnaram um pequeno rosnado de pesar e pararam, e o Príncipe Zaphir continuou sozinho.

Por toda a noite a cidade permanecera acordada. Na corte, o Rei Mago e a Princesa Bluebell esperavam e vigiavam juntos, as mãos dadas. O povo nas ruas se sentou em volta de suas fogueiras de vigília, e as pessoas só ousavam falar em sussurros.

Assim, a longa noite passou.

Por fim, o céu do oriente começou a clarear; e então uma risca de fogo rubro disparou pelo horizonte e o sol nasceu em sua glória. E assim fez-se dia. O povo, quando viu a luz e ouviu o cantar revigorado dos pássaros, teve esperança. E aguardou ansiosamente pela vinda do Príncipe.

Nem o Rei Mago, nem a Princesa Bluebell ousaram subir para o alto da torre; e esperaram pacientemente no salão. Seus rostos estavam pálidos como a morte.

As sentinelas da cidade e aqueles que se juntaram a elas observavam a longa estrada, esperando ver em algum momento a armadura áurea do Príncipe Zaphir reluzindo à luz esfuziante da manhã e sua grande pluma branca, que conheciam muito bem, acenando à brisa. Sabiam que poderiam vê-la de longe e, por isso, de vez em quando davam só uma olhada para o horizonte.

De repente, houve brados de todas as pessoas – e depois uma quietude repentina.

Todos se levantaram, e esperaram todos por notícias.

Pois, oh!, que alegria!, lá, entre eles – despojado de sua armadura brilhante e de sua pluma que acenava, mas cheio de viço – estava seu amado Príncipe.

Havia vitória em seu olhar.

Ele sorriu para eles, levantando as mãos como se abençoando, e apontou para o palácio do Rei, como para dizer:

“Nosso rei! Ele tem o direito de ouvir as mais novas notícias”.

Passou e foi entrando no salão, todas as pessoas a segui-lo.

\*

Quando o Rei Mago e a Princesa Bluebell ouviram o brado e sentiram a quietude que se seguiu, seus corações começaram a bater forte e aguardaram muito apreensivos.

A Princesa Bluebell sentiu um calafrio e chorou um pouco, aproximou-se do Rei e apoiou seu rosto em seu peito.

Enquanto apoiava e escondia seu rosto junto ao Rei, sentiu-o sobressaltar. Ela rapidamente levantou os olhos, e ali – oh!, alegria das alegrias! – estava seu amado Zaphir entrando no saguão, com todo o povo a segui-lo.

O Rei desceu de seu trono e tomou-o nos braços, beijando-o; Bluebell também colocou seus braços em torno dele e o beijou na boca.

O Príncipe Zaphir pôs-se a falar e disse:

“Oh!, Rei, meu Pai, e oh!, Povo! – Deus foi bom para conosco e Seu braço deu-nos a vitória. Veja! O Gigante sucumbiu no orgulho de sua força!”

Então, do meio do povo surgiu um tamanho brado que o teto tremeu novamente, e o barulho percorreu toda a Cidade nas asas do vento. A multidão contente bradou mais e mais, até que o som transbordou em ondas por todo o Domínio, e em Sob o Pôr do Sol naquela hora nada houve senão alegria. O Rei chamou Zaphir de seu Filho Valente, e a Princesa Bluebell beijou-o novamente, chamando-o de seu Herói.

Naquele mesmo momento, lá longe na floresta, o Gigante jazia sucumbido pelo orgulho de sua força – a coisa mais vil de todo o mundo –, e sobre seu cadáver corriam raposas e arminhos. As cobras rastejavam em torno de seu corpo; e ali, também, arrastavam-se todos os piores seres vivos que haviam fugido dele quando ele vivia.

Vindos de longe, os abutres se reuniram ao redor de sua presa.

Perto do Gigante abatido, brilhando na luz, jazia a armadura áurea. A grande pluma branca erguia-se do capacete e acontinuava a acenar na brisa.

Quando o povo saiu para ver o Gigante morto, descobriu que ervas daninhas já haviam crescido onde seu sangue tinha escorrido, mas também que, em volta da armadura que o Príncipe havia despido, um anel de graciosas flores havia crescido. A mais bela de todas era uma roseira em flor, pois a rosa que a Princesa Bluebell tinha lhe dado havia criado raízes e florescido novamente, formando uma coroa de rosas vivas em volta do capacete e inclinando-se para a haste da pluma.

Então o povo levou de volta, respeitosamente, a armadura dourada; o Príncipe Zaphir, porém, disse que não fora tal armadura, mas sim um coração verdadeiro, a melhor proteção, e que ele não ousaria vesti-la novamente.

Então a penduraram na Catedral entre as grandes bandeiras antigas e os capacetes de cavaleiros de outrora, como um memorial da vitória sobre o Gigante.

O Príncipe Zaphir tirou do capacete a pena que o Rei, seu pai, havia antes lhe dado e usou-a novamente em seu chapéu. A rosa que florescera foi plantada no centro do jardim do palácio, e cresceu tanto que muitas pessoas podiam se sentar sob ela, abrigando-se do sol pela abundância de suas flores.

\*

Quando o aniversário do Príncipe Zaphir chegou, o povo já havia feito, em segredo, grandes preparos.

Quando ele se levantou de manhã para ir à Catedral, todo o povo havia se reunido e formado uma fila de cada lado do caminho. Toda pessoa, velha e nova, segurava uma rosa. Aqueles que tinham muitas rosas trouxeram uma para quem não tinha; e cada pessoa tinha somente uma rosa para que todos pudessem ser iguais aos olhos do Príncipe que amavam. Eles haviam removido todos os espinhos dos caules para que os pés do Príncipe não fossem machucados. À medida que ele passava, o povo jogava suas rosas no caminho, até que toda a longa rua tornou-se um tapete de flores.

Quando o Príncipe passava, as pessoas se inclinavam e recolhiam as rosas que seus pés haviam tocado, guardando-as como terna relíquia.

Durante toda a vida, a cada aniversário do Príncipe, elas repetiram isso. Quando Zaphir e Bluebell se casaram, cobriram o caminho deles com rosas da mesma forma, pois o povo os amava muito.

Por muito tempo e felizes viveram O Príncipe da Rosa – pois assim o chamavam – e sua bela esposa, a Princesa Bluebell.

Quando, chegando ao termo de seus dias, o Rei Mago faleceu – pois todos os homens falecem –, eles reinaram como Rei e Rainha. Reinaram com justiça e altruisticamente, sempre renunciando aos próprios interesses e lutando para fazer as pessoas boas e felizes.

Eles foram abençoados pela paz.

**O Gigante Invisível**

O tempo segue em frente no País Sob o Pôr do Sol tanto quanto aqui.

Muitos anos se passaram: e acarretaram muitas mudanças. E agora encontramo-nos em uma época na qual as pessoas que viveram no tempo do bom Rei Mago dificilmente reconheceriam seu próprio Reino se o vissem de novo.

Tristemente, ele havia mesmo mudado. Não havia mais o mesmo amor ou a mesma reverência em relação ao rei – não havia mais a paz perfeita. As pessoas haviam se tornado mais egoístas e mais gananciosas, e tentavam tomar tudo o que podiam para si mesmas. Alguns poucos eram muito ricos, e havia muitos pobres. A maioria dos belos jardins havia sido devastada. Casas haviam sido erguidas bem ao redor do palácio, e em algumas delas viviam muitas pessoas que só podiam pagar por parte de uma casa.

Tristemente, todo o belo país estava mudado. O povo tinha quase se esquecido do Príncipe Zaphir, que morrera há muitos, muitos anos; e rosas não foram mais espalhadas pelos caminhos. Aqueles que viviam agora no País Sob o Pôr do Sol riam da ideia de outros Gigantes, e não os temiam porque não os tinham visto. Alguns deles diziam:

“Ora! O que há para temer? Mesmo que em algum momento tenham existido gigantes, eles já não existem mais”.

E assim as pessoas cantavam e dançavam e banqueteavam como antes, e somente pensavam em si mesmas. Os Espíritos que guardavam o Reino estavam muito, muito tristes. Suas asas, grandes ao ponto de fazer sombra, definhavam enquanto eles permaneciam em seus postos nos Portais do Reino. Os Espíritos escondiam os rostos e tinham os olhos turvos pelo choro constante, de modo que não notavam se qualquer coisa má passasse por eles. Tentaram fazer com que o povo pensasse nos próprios atos maléficos, mas não podiam deixar seus postos, e as pessoas, ao ouvir seus lamentos nessa época de trevas, diziam:

“Ouça o suspirar da brisa; que doce!”

Conosco, também é sempre assim: quando ouvimos o vento suspirando e gemendo e choramingando em volta de nossas casas em noites solitárias, não pensamos que nossos Anjos podem estar se lamentando por nossas maldades, mas somente que uma tempestade está por vir. Os Anjos choravam o tempo todo, e sentiam a tristeza da mudez – pois,apesar de poder falar, aqueles a quem falassem não os escutariam.

Enquanto o povo ria diante da ideia de Gigantes, havia um velho que balançava a cabeça e lhes replicava, quando os ouvia, dizendo:

“A Morte tem muitos filhos, e ainda há Gigantes nos pântanos. Vocês podem não os ver, talvez –, mas eles estão lá, e o único reduto de segurança está em uma terra de corações pacientes e leais”.

O nome desse bom velho era Knoal, e ele vivia em uma casa construída com grandes blocos de pedra, no meio de um local selvagem longe da cidade.

Na cidade havia muitas casas velhas e grandes, com vários andares; e nessas casas viviam muitas pessoas pobres. Quanto mais alto você subia as grandes escadas íngremes, mais pobre era a gente que ali vivia, de forma que nos sótãos havia pessoas tão pobres que, quando a manhã vinha, elas não sabiam se teriam algo para comer durante o dia todo. Isso era muito, muito triste, e crianças boas chorariam se vissem sua dor.

Em um desses sótãos vivia solitária uma mocinha chamada Zaya. Ela era uma órfã, pois seu pai havia falecido há muitos anos e sua pobre mãe, que havia trabalhado exaustivamente por muito tempo para sua querida filhinha – a única criança que tivera –, também havia morrido não fazia muito.

A pobrezinha Zaya chorou tão amargamente quando viu sua querida mãe morta, e ficou tão triste e desconsolada por um longo tempo, que se esqueceu de que não tinha meios para viver. Entretanto, as pessoas pobres que viviam na casa lhe deram parte de sua própria comida para que ela não morresse de fome.

Então, depois de um tempo, ela tentou trabalhar por si mesma e ganhar o próprio sustento. Sua mãe havia lhe ensinado a fazer flores de papel; então ela fez um monte de flores e, quando juntou uma cesta cheia delas, saiu para as ruas e as vendeu. Ela fazia flores de vários tipos, rosas e lírios, violetas, fura-neves, prímulas, resedas e muitas outras flores belas que só crescem no País Sob o Pôr do Sol. Algumas delas ela podia fazer sem qualquer modelo, mas outras não; assim, quando queria um modelo, tomava seu maço de folhas, tesouras, cola, pincéis e todas as coisas que usava e ia para o jardim que pertencia a uma boa senhora onde cresciam muitas flores belas. Ali ela se sentava e se punha a trabalhar, observando as flores que queria.

Algumas vezes ficava muito triste, e suas lágrimas caíam espessas e rápidas quando pensava em sua querida e falecida mãe. Muitas vezes, parecia sentir que sua mãe a estava observando e ver o terno sorriso dela refletido na água à luz do sol; então seu coração se alegrava, e ela cantava tão docemente que os pássaros a rodeavam e interrompiam seus próprios cantos para escutá-la.

Ela e os pássaros se tornaram grandes amigos, e às vezes, depois de ela haver cantado uma música, eles todos, sentando-se ao redor, entoavam notas que pareciam dizer com bastante clareza:

“Cante para nós de novo. Cante para nós de novo”.

Então ela cantava de novo. Em seguida, pedia que eles cantassem, e eles cantavam até que houvesse uma espécie de concerto. Após certo tempo, os pássaros a conheciam tão bem que entravam em seu quarto e chegavam a fazer ali mesmo seus ninhos e a segui-la para onde quer fosse. As pessoas costumavam dizer:

“Olhe a menina com os pássaros. Ela mesma deve ser meio pássaro, pois veja como os pássaros a conhecem e a amam”. Tantas pessoas vieram a dizer coisas como essa que alguns indivíduos tolos realmente acreditavam que ela era meio pássaro e balançavam a cabeça quando pessoas mais sábias riam delas, dizendo:

“De fato, ela deve ser. Ouçam-na cantando: sua voz é ainda mais doce do que a dos pássaros”.

Então lhe foi dado um apelido; e os garotos levados a seguiam pelas ruas chamando-a por ele. E o apelido era “Passarona”. Mas Zaya não se importava com a alcunha; e, embora os garotos levados toda hora a chamassem assim, pretendendo lhe causar sofrimento, isso não a desagradava; ao contrário, pois ela se rejubilava tanto com o amor e a confiança de seus queridinhos de voz doce que gostava de ser confundida com eles.

De fato, seria bom para os garotinhos e as garotinhas levados se fossem tão bons e inofensivos quanto os passarinhos que trabalham o dia todo para seus filhotinhos indefesos, construindo ninhos e trazendo comida, e sentando-se pacientemente a chocar seus pequenos ovos manchados.

Certa noite, Zaya estava sentada sozinha em seu sótão, muito triste e desolada. Era uma noite de verão muito agradável, e ela estava sentada na janela, pousando os olhos sobre a cidade. Podia ver muitas ruas que iam em direção à grande catedral, cujo pináculo se erguia ao céu muito mais alto que a grande torre do palácio do rei. Quase não havia sopro de vento, e a fumaça subia reta das chaminés, tornando-se cada vez mais tênue até desaparecer completamente.

Zaya estava muito triste. Pela primeira vez em muitos dias, seus pássaros estavam todos longe dela, que não sabia aonde eles tinham ido. Era como se a houvessem abandonado; e ela estava tão sozinha, pobrezinha, que derramou lágrimas amargas. Estava pensando na história que há muito tempo sua falecida mãe havia lhe contado, a história de como o Príncipe Zaphir havia matado o Gigante, e imaginou como era o príncipe, e pensou como as pessoas devem ter sido alegres quando Zaphir e Bluebell eram rei e rainha. Então se perguntou se havia crianças famintas naqueles tempos bons, e se, de fato, como as pessoas diziam, não mais havia Gigantes. Então ela pensou e pensou enquanto continuava a trabalhar em frente à janela aberta.

De repente, desviou o olhar de seu trabalho e fitou o outro lado da cidade. Lá ela viu uma coisa terrível – algo tão terrível que emitiu um gritinho de medo e espanto, e debruçou-se na janela, fazendo sombra aos olhos com sua mão para ver mais claramente.

No céu, além da cidade, viu uma Forma imensa e sombria, com os braços erguidos. Estava envolta em um grande manto de névoas que a cobria, desvanecendo-se no ar, de modo que a menina só podia ver o rosto e as mãos macabras, espectrais.

A Forma era tão portentosa que a cidade abaixo dela parecia um brinquedo de criança. Estava ainda longe da cidade.

O coração da garotinha pareceu ficar paralisado de medo quando pensou: “Os Gigantes, então, não estão mortos. Esse é mais um deles”.

Ela desceu correndo rapidamente as altas escadas e saiu para a rua. Ali viu algumas pessoas e gritou para elas:

“Olhem! Olhem! O Gigante, o Gigante!”, e apontou em direção à Forma que ela ainda via se movendo lentamente na direção da cidade.

As pessoas olharam para cima, mas não podiam ver coisa alguma; então riram e disseram:

“A criança está louca”.

Então a pobrezinha Zaya ficou mais assustada do que nunca, e correu pela rua ainda gritando:

“Olhem! Olhem! O Gigante, o Gigante!” Mas ninguém lhe prestou atenção e todos disseram: “A criança está louca”, e continuaram com seus afazeres.

Então, os garotos levados se aproximaram dela e berraram:

“A Passarona perdeu seus colegas. Agora está vendo um pássaro maior do que ela no céu e o quer para si”. E ficaram a fazer trovas sobre ela, cantando-as enquanto dançavam em círculo.

Zaya fugiu deles; correu apressada pelo meio da cidade, e adentrou os campos mais além, pois ainda via a grande Forma diante de si, no ar.

À medida que avançava, e aproximava-se mais e mais do Gigante, ele se tornava um pouco mais escuro. Ela só podia enxergar as nuvens, mas ainda era visível a forma turva de um Gigante pendendo no ar .

Uma névoa fria rodeou-a quando o Gigante pareceu vir em sua direção. Então, pensou em todas as pessoas pobres na cidade, e teve esperança de que o Gigante as poupasse; ajoelhando-se diante dele, ergueu suas mãos em súplica e gritou:

“Oh, grande Gigante! Poupe-as, poupe-as!”

Mas o Gigante seguia em frente como se não a tivesse escutado. Ela gritou ainda mais alto:

“Oh, grande Gigante! Poupe-as, poupe-as!” E curvou a cabeça e chorou; e o Gigante, apesar de bem lentamente, continuava a avançar para a cidade.

Não longe, havia um velho parado em pé, à porta de uma pequena casa construída com grandes pedras, mas a menina não o viu. O rosto dele mostrava um olhar de medo e espanto, e, ao ver a criança se ajoelhar e erguer as mãos, aproximou-se e escutou sua voz. Quando a ouviu dizer “Oh, grande Gigante”, murmurou para si mesmo:

“Então é mesmo como eu temia. Há mais Gigantes, e realmente esse é outro deles”. Olhou para cima, mas nada viu, e murmurou novamente:

“Eu não vejo, mas essa criança consegue ver; e, no entanto, eu temia, pois algo me dizia que havia perigo. Realmente, o conhecimento é mais cego do que a inocência”.

A menina, ainda sem notar qualquer ser humano por perto, gritou novamente, soltou um grande grito de aflição:

“Oh!, não, não, grande Gigante, não faça mal às pessoas. Se alguém deve sofrer, que seja eu. Leve-me. Estou disposta a morrer, mas poupe-as. Poupe-as, grande Gigante; e faça comigo o que bem entender”. Mas o Gigante não prestou atenção.

E Knoal – pois era ele o velho – sentiu seus olhos se encherem de lágrimas, e disse a si mesmo:

“Oh, que nobre criança! Como é corajosa, está disposta a se sacrificar!” E, aproximando-se dela, colocou a mão na cabeça da menina.

Zaya, que estava arqueando a cabeça novamente, assustou-se e olhou em torno quando sentiu o toque. Entretanto, quando viu que era Knoal, consolou-se, pois sabia como ele era sábio e bom, e sentiu que, se alguma pessoa poderia ajudá-la, seria ele. Achegou-se a ele e escondeu o rosto em seu peito; ele fez carinho nos cabelo dela e a consolou. Mas, ainda assim, não conseguia ver nada.

A névoa fria passou, e quando Zaya levantou os olhos, viu que o Gigante já havia passado por ali e estava se movendo em direção a cidade.

“Venha comigo, minha filha”, disse o velho. E os dois se levantaram e entraram na casa construída com grandes pedras.

Quando Zaya entrou, ela se espantou, pois, pasmem!, o interior era como uma tumba. O velho percebeu seu arrepio, pois ainda a mantinha perto de si, e disse:

“Não chore, pequenina, e não tema. Este lugar me lembra, e a todos que nele entram, que à tumba todos retornaremos ao fim. Não tema, pois isto se tornou um lar alegre para mim”.

Então a menina ficou aliviada, e começou a examinar mais atentamente seu entorno. Ela viu todo tipo de instrumentos curiosos, e muitas ervas estranhas e comuns, e plantas medicinais penduradas para secar em cachos nas paredes. O velho observou-a em silêncio até que o medo dela passasse, e depois disse:

“Minha filha, você viu a aparência do Gigante quando ele passou?”

Ela respondeu: “Sim”.

“Pode descrever a face e o feitio dele para mim?”, ele perguntou novamente.

Daí então ela começou a lhe contar tudo o que havia visto. Como o Gigante era tão grande que todo o céu parecia preenchido. Como os grandes braços estavam abertos, ocultos sob o manto, até que muito longe a mortalha se perdia no ar. Como o rosto era o de um homem forte, impiedoso, porém sem malícia; e como os olhos eram cegos.

O velho arrepiou-se enquanto ouvia, pois percebeu que era um Gigante muito terrível; e seu coração chorou pela malfadada cidade, onde tantos haveriam de perecer em meio aos próprios pecados.

Eles decidiram partir e alertar novamente a malfadada população; sem atraso, o velho e a menina correram para a cidade.

Quando deixaram a casinha, Zaya viu o Gigante mais à frente deles, ainda se movendo em direção a cidade. Apressaram-se; e quando passaram através da névoa fria, Zaya olhou para trás e viu que o Gigante havia sido ultrapassado por eles.

Rapidamente, chegaram à cidade.

Era uma visão estranha aquele velho e aquela menina correndo para avisar as pessoas da terrível Praga que estava por cair sobre elas. A longa barba branca do velho e os cachos dourados da criança puxados pelo vento para trás, de tão rápido que vinham. Os rostos de ambos estavam pálidos como a morte. Atrás deles, visto apenas pelos olhos da mocinha de coração puro, quando ela olhava para trás, o espectral Gigante continuava a se avançar lentamente, toldando uma sombra escura no ar do fim da tarde.

Mas as pessoas na cidade não viam o Gigante de modo algum. E quando o velho e a menina as alertavam, elas ainda assim não prestavam atenção, mas zombavam e escarneciam deles, dizendo:

“Ora! Não há mais Gigantes agora”, e continuavam com seus afazeres, rindo e zombando.

Então, o velho se colocou em um lugar elevado entre eles, no degrau mais baixo da grande fonte, com a menina ao seu lado, e falou assim:

“Oh!, povo, moradores deste Reino, sejam alertados a tempo. Esta criança, de coração puro, em torno de cuja inocência até mesmo os passarinhos, que temem os homens, e as mulheres reúnem-se em paz, viu esta noite no céu a forma de um Gigante que avança continuamente, ameaçador, em direção à nossa cidade. Acreditem, oh!, acreditem; e fiquem alertas enquanto podem. A mim mesmo, como a vocês, o céu está limpo; e, no entanto, vejam que eu acredito. Pois, escutem-me: ignorando completamente que um novo Gigante havia invadido nossa terra, sentei pensativo em minha morada. E, sem causa ou motivo, veio ao meu coração um medo repentino pela segurança de nossa cidade. Eu me levantei, olhei ao norte e ao sul e ao leste e ao oeste, e para o alto e para baixo, mas nunca pude enxergar um sinal de perigo. Então eu disse a mim mesmo: ‘Meus olhos estão turvos devido a uma centena de anos observando e esperando, e assim não consigo enxergar.’ E, no entanto, oh!, povo, moradores deste reino, apesar desse século ter embaçado meus olhos externos, ele aguçou meus olhos internos – os olhos de minha alma. Novamente eu saí da minha casa e, veja!, esta menina estava ajoelhada, implorando a um Gigante, invisível para mim, que poupasse a cidade; mas ele não a escutou, ou, se escutou, não respondeu, e ela se prostrou no chão. Então viemos para cá para alertá-los. Dali, diz a menina, ele avança para a cidade. Oh, sejam alertados! Alertados a tempo”.

Ainda assim, as pessoas não prestaram atenção, mas zombaram e riram ainda mais, dizendo:

“Ora!, a menina e o velho estão loucos”; e foram para suas casas – para dançar e festejar como antes.

Então os garotos levados vieram e zombaram deles, e disseram que Zaya perdera seus pássaros e ficara louca; e fizeram músicas e cantaram-nas enquanto dançavam em círculo.

Zaya estava tão dolorosamente angustiada pelo pobre povo que não prestou atenção aos garotos cruéis. Vendo que ela não prestava atenção, alguns se tornaram ainda mais rudes e malvados. Afastaram-se um pouco e arremessaram coisas contra a menina e o velho, zombando ainda mais dos dois.

Então, triste no coração, o velho se levantou, e tomou a menina pela mão, e a levou para bem dentro da floresta, abrigando-a consigo na casa feita de grandes pedras. Naquela noite Zaya dormiu com o doce cheiro de ervas secas em torno de si, e o velho segurou sua mão para que não tivesse medo.

De manhã, Zaya se levantou cedo e acordou o velho, que havia dormido em sua cadeira.

Ela foi até a porta e olhou para fora; então uma vibração de alegria sobreveio a seu coração. Pois, do lado de fora, como se esperando para vê-la, estavam todos os seus passarinhos e muitos, muitos mais. Quando os pássaros viram a menina, entoaram alto alguns sons alegres, e voaram loucamente pelo entorno de tanta alegria – alguns deles sacudindo as asas e tão engraçados que ela não conseguiu segurar algumas risadas.

Depois que Knoal e Zaya tomaram seu café da manhã simples e repartiram-no com seus amiguinhos de penas, partiram com corações pesarosos para visitar a cidade e tentar mais uma vez alertar o povo. Os pássaros voavam em torno deles à medida que avançavam, e, para incentivá-los, cantavam o mais alegre que podiam, embora seus coraçõezinhos estivessem abatidos.

Enquanto andavam, viam diante si o grande Gigante sombrio. E ele agora havia avançado até as fronteiras da cidade.

Mais uma vez, alertaram as pessoas, e grandes aglomerados de gente os cercaram, mas só para zombar mais do que nunca deles. E garotos levados jogaram gravetos e pedras nos passarinhos, matando alguns deles. A pobre Zaya chorou amargamente, e o coração de Knoal ficou muito triste. Depois de certo tempo, quando os passarinhos já tinham se afastado da fonte em que estavam, Zaya olhou para cima e teve um sobressalto com uma alegre surpresa, pois não via mais o Gigante. Ela exclamou de alegria e as pessoas riram, dizendo:

“Criança esperta! Ela vê que não vamos acreditar nela e finge que o Gigante foi embora”.

Cercaram-na, zombeteiros, e alguns deles disseram:

“Vamos colocá-la na fonte e afundá-la, como uma lição a mentirosos que nos assustam”. Eles então se aproximaram dela com ameaças. Ela se agarrou a Knoal, que mostrava um semblante terrivelmente grave desde que ela dissera que não via mais o Gigante. Ele estava como que em sonho, pensativo. Mas, ao toque dela, pareceu acordar; e falou severamente às pessoas, censurando-as. Mas elas também gritaram com ele, e disseram que, como havia ajudado Zaya em sua mentira, ele também seria afundado; e se aproximaram para deitar as mãos em ambos.

A mão de um homem, que era um dos líderes do bando, já estava estendida, quando ele emitiu um pequeno grito e pressionou com ela a lateral do próprio corpo; e, enquanto os outros se viraram para olhá-lo, assustados, ele gritou sentindo uma grande dor e urrando horrivelmente. Bem na hora que as pessoas o olharam, seu rosto começou a enegrecer e enegrecer, e ele caiu diante delas, estrebuchando por alguns momentos, e então morreu.

Todas as pessoas gritaram de terror, e fugiram aos berros:

“O Gigante! O Gigante! Ele está mesmo entre nós!”

Eles temeram ainda mais por não poderem vê-lo.

Mas antes de conseguirem sair da praça do mercado, no centro da qual estava a fonte, muitos caíram mortos, e os cadáveres ficaram no chão.

Ali no centro, o velho e menina ajoelharam, rezando; e os pássaros pousaram em volta da fonte, mudos e quietos, e nenhum som se escutava, exceto os gritos das pessoas ao longe. Então, suas lamentações soaram cada vez mais altas, pois o Gigante – a Praga – estava entre e em volta deles, e não havia escapatória, pois agora era tarde demais para fugir.

Ah! No País Sob o Pôr do Sol houve muito choro naquele dia. E quando a noite chegou, pouco se dormiu, pois havia medo em alguns corações e dor em outros. Ninguém estava quieto, exceto os mortos, que jaziam rígidos pela cidade, tão inertes e sem vida que nem mesmo a fria luz da lua e as sombras das nuvens passando sobre eles podiam fazer com que parecessem vivos.

E por muitos dias houve dor e pesar e morte no País Sob o Pôr do Sol.

Knoal e Zaya fizeram tudo o que puderam para ajudar o pobre povo, mas era realmente difícil ajudá-los, pois o Gigante invisível estava entre eles, vagando de lá e para cá pela cidade, de modo que ninguém podia dizer sobre quem ele deitaria sua mão gelada da próxima vez.

Algumas pessoas fugiram da cidade; mas não adiantava, pois, como quer que partissem dali e por mais rápido que escapassem, permaneciam ao alcance do Gigante invisível. De vez em quando, com seu sopro e seu toque, ele fazia de seus tépidos corações um gelo, e eles caíam mortos.

Alguns, como aqueles ficaram na cidade, eram poupados, mas uma parte deles perecia de fome; já os demais rastejavam tristemente de volta para a cidade, e viviam ou morriam entre seus amigos. E tudo isso era, oh!, tão triste, pois nada havia senão pesar e medo e choro de manhã à noite.

Agora, veja como os passarinhos amigos de Zaya ajudaram-na em sua necessidade.

Eles aparentemente viam a vinda do Gigante quando ninguém – nem mesmo a menina – podia ver qualquer coisa, e conseguiam contar para ela quando havia perigo, tal como se pudessem falar.

No começo, Knoal e ela iam para a casa feita de grandes pedras todas as noites, para dormir, e voltavam à cidade de manhã, ficando com o pobre povo doente, consolando-o e alimentando-o, dando-lhe os remédios que Knoal, com sua grande sabedoria, sabia que lhes fariam bem. Assim, eles salvaram muitas preciosas vidas humanas, e aqueles que foram salvos ficaram muito agradecidos e, desde então e para sempre, viveram de maneira mais pura e altruísta.

Depois de alguns dias, entretanto, eles descobriram que o pobre povo doente precisava de ajuda mais de noite do que de dia, e então os dois vieram para a cidade e nela passaram a morar juntos, ajudando o povo abatido dia e noite.

De manhã bem cedo, Zaya saía para respirar o ar da manhã; e ali, recém-acordada do sono, estariam seus amigos emplumados esperando por ela. Eles entoavam canções de alegria, vinham e empoleiravam-se em seus ombros e em sua cabeça, beijando-a. Então, se ela fosse em direção a qualquer lugar onde, durante a noite, a Praga houvesse deitado sua mão mortífera, eles sempre se agitavam em frente a ela, tentavam impedi-la e gritavam em sua própria língua:

“Volte! Volte!”

Eles ciscavam de seu pão e bebiam de sua xícara antes que ela os tocasse; e quando havia perigo – pois a mão fria do Gigante estava por toda parte –, eles sempre bradavam:

“Não, não!”, e ela não tocaria a comida, ou não deixaria qualquer um tocá-la. Frequentemente ocorria que, no exato momento em que ciscava o pão ou bebia da xícara, um pobre passarinho caía, sacudia suas asas e morria. Mas todos aqueles que morriam, morriam com um trilo de alegria, olhando para sua pequena mestra, por quem eles haviam alegremente falecido. Sempre que passarinhos achavam que o pão e a xícara estavam puros e livres do perigo, olhavam para Zaya vivamente, e batiam suas asas e tentavam piar, parecendo tão travessos que a pobre e triste menininha sorria toda vez.

Havia um pássaro velho que sempre se demorava mais, e frequentemente dava muito mais ciscadas no pão quando este era bom, de modo que conseguia uma refeição substanciosa. E algumas vezes ele continuava a se alimentar até que Zaya balançasse o dedo a lhe dissesse:

“Guloso!”, e ele saltitava para longe como se não tivesse feito nada.

Havia outro passarinho querido – um tordo, com peito tão vermelho quanto o pôr do sol – que amava Zaya mais do que se pode imaginar. Quando experimentava a comida e descobria que era seguro comê-la, ele tirava um pequeno pedacinho com o bico, voava e o colocava na boca dela.

Cada passarinho que bebia da xícara de Zaya e gostava levantava sua cabeça para agradecer; e desde então os passarinhos fazem a mesma coisa, e nunca se esquecem de agradecer – como fazem algumas crianças ingratas.

Assim viviam Knoal e Zaya, ainda que muitos à sua volta morressem, e o Gigante ainda permanecia na cidade. Morriam tantas pessoas que surpreendia o fato de que ainda sobrasse muita gente, pois foi só quando a cidade começou a ficar rarefeita que o povo pensou no imenso número de pessoas que haviam vivido nela.

A pobre e pequenina Zaya ficara tão pálida e magra que parecia uma sombra, e a figura de Knoal estava mais curva com os sofrimentos de algumas poucas semanas do que estivera com todo seu centenário. Mas, apesar de estarem fatigados e desgastados, os dois continuavam sua boa obra de ajuda aos doentes.

Muitos dos passarinhos estavam mortos.

Uma manhã, o velho ficou muito fraco – tão fraco que mal podia ficar em pé. Zaya temeu por ele e disse:

“Você está doente, pai?”, pois ela sempre o chamava de pai agora.

Ele lhe respondeu com uma voz, ai!, rouca e baixa, mas muito, muito carinhosa:

“Minha criança, temo que o fim esteja se aproximando: leve-me para casa, para que eu possa morrer lá”.

Às suas palavras, Zaya emitiu um pequeno grito e caiu de joelhos ao lado dele, enterrando sua cabeça em seu peito, e chorou amargamente enquanto o abraçava forte. Mas ela tinha pouco tempo para chorar, pois o velho lutava para ficar em pé. Ao ver que ele desejava ajuda, ela limpou as lágrimas e o ajudou.

O velho pegou seu cajado e, com Zaya ajudando a lhe dar apoio, chegou até a fonte no meio da praça do mercado. E ali, no degrau mais baixo, ele sucumbiu, como que exausto. Zaya sentiu-o ficar frio como gelo, e percebeu que a mão gelada do Gigante havia se deitado sobre ele.

Então, sem saber o motivo, olhou para onde havia visto pela última vez o Gigante, quando Knoal e ela estavam ao lado da fonte. E eis que, quando ela olhou para lá, segurando a mão de Knoal, viu entre as nuvens, de forma cada vez mais nítida, a forma sombria do terrível Gigante, o qual estivera invisível por tanto tempo.

Seu rosto estava severo como sempre, e seus olhos ainda estavam cegos.

Zaya gritou ao Gigante, ainda segurando bem forte as mãos de Knoal:

“Ele não, ele não! Ó, poderoso Gigante! Ele não! Ele não!”, e arqueou a cabeça e chorou.

Tamanha era a angústia em seu coração que dos olhos cegos do Gigante sombrio brotaram lágrimas, as quais caíram como orvalho na testa do velho. Knoal falou a Zaya:

“Não se aflija, minha menina. Estou contente por você ver novamente o Gigante, pois tenho esperança de que ele irá deixar nossa cidade livre de infelicidades. Sou a última vítima, e morro contente”.

Então Zaya ajoelhou-se ao Gigante, e disse:

“Poupe-o! Oh! Poupe-o e me leve! Sim, poupe-o! Poupe-o!”

O velho levantou-se com os cotovelos, ainda deitado, e falou a ela:

“Não se aflija, pequenina, e não lamente. De verdade, sei que você alegremente daria sua vida pela minha. Mas nós devemos dar pelo bem dos outros aquilo que para nós é mais caro do que nossas próprias vidas. A bênção, minha pequenina, e seja boa. Adeus! Adeus!”

Quando ele falou a última palavra, ficou frio como a morte, e seu espírito partiu.

Zaya ajoelhou-se e rezou; e quando olhou para cima, viu o Gigante sombrio se afastando.

O Gigante virou-se quando passou por ela, e Zaya viu que seus olhos cegos estavam apontados em sua direção, como se ele tentasse enxergá-la. Ele levantou os grandes braços umbrosos, dobrou-se em silêncio em sua mortalha de névoa, como que a abençoando; e ela pensou que o vento que passou por ela uivando levava o eco das palavras:

“Inocência e devoção salvam o reino”.

\*

Imediatamente ela viu ao longe o grande Gigante-Praga se afastando para as fronteiras do Reino, passando entre os Espíritos Guardiães e pelo Portal em direção aos desertos mais além... para sempre.

**O Construtor de Sombras**

O solitário Construtor de Sombras sempre observa tudo em sua morada solitária.

As paredes são de nuvem, e, em volta e através delas, sempre mudando enquanto vêm, passam as sombras escuras de todas as coisas que já foram.

Esse círculo infinito, sombrio, rodopiante e movente é chamado de A Procissão do Passado Morto. Nela, tudo é tal como já foi no grande mundo. Não há mudanças em parte alguma; pois cada momento, à medida que passa, envia sua sombra para as fileiras dessa turva Procissão. Aqui há pessoas que se movem e eventos – preocupações – pensamentos – tolices – crimes – alegrias – tristezas – lugares – cenas – esperanças e medos, e tudo isso perfaz a soma da vida com todas suas luzes e sombras. Cada imagem na natureza em que more a sombra – e isso são todas as coisas – aqui tem seu fantasma obscuro.

Aqui, todas as imagens mais belas e mais tristes de se ver – a escuridão que permeia um milharal ensolarado quando, com a brisa, vem o balanço escuro das espigas cheias a se dobrar e se endireitar; a onda na superfície vítrea de um mar de verão; a vastidão escura que jaz além e fora da ampla trilha da luz da lua na água; a renda de brilho e de sombra que cintila sobre a estrada à medida que se passa por ela no outono, quando a luz da lua cai através dos galhos nus das árvores pendidas à margem; a sombra fresca e tranquila sob as grossas árvores no verão quando o sol está flamejando acima do preparador de feno que trabalha; as nuvens negras que esvoaçam atravessando a lua, escondendo sua luz, que depois reaparece vazia e fria; a escureza do violeta e do preto que se alça no horizonte quando a chuva se aproxima no verão; os recessos escuros e as cavernas sombrias de onde as cachoeiras, chiando, se arrojam no lago abaixo –, todas essas imagens sombrias, e mais mil outras que vêm dia e noite, circulam na Procissão entre as coisas que já foram.

Aqui, também, cada ato que qualquer humano realize, cada pensamento – bom ou mal – cada desejo, cada esperança – tudo o que é secreto – está retratado, e se torna um registro duradouro que não pode ser destruído; pois, a qualquer momento, o Construtor de Sombras pode incitar, com sua mão espectral, qualquer um – dormindo ou acordado – a contemplar o que é retratado do Passado Morto, na distância obscura, misteriosa, que abarca sua morada solitária.

Nessa Procissão do Passado Morto sempre em movimento há somente um lugar no qual os fantasmas que circulam não estão presentes, e no qual as paredes de nuvem estão dissipadas. Há aqui uma grande escuridão, densa e profunda, e cheia de trevas, e além da qual jaz lá fora o grande mundo real.

Essa escuridão é chamada de O Portal do Horror.

À distância, a Procissão toma o seu curso a partir dele e, seguindo em seu caminho, faz um círculo e retorna à escuridão; os fantasmas sombrios derretem-se novamente em trevas misteriosas.

Algumas vezes, o Construtor de Sombras atravessa as paredes vaporosas de sua morada e mistura-se nas fileiras da Procissão. E algumas vezes uma forma invocada pelo gesto de sua mão espectral, com um passo silencioso, achega-se saindo da névoa e para ao seu lado. Algumas vezes, o Construtor de Sombras invoca em um corpo adormecido uma alma que sonha; então, por certo tempo, o vivo e o morto ficam face a face, e os homens chamam isso de sonho do Passado. Quando isso acontece, amigo encontra amigo ou inimigo encontra inimigo; e à alma do sonhador vem uma lembrança feliz e há muito desaparecida, ou a agonia inquieta do remorso. Mas nenhum espectro atravessa a parede enevoada, com a única exceção do Construtor de Sombras; e nenhum ser humano – mesmo em sonho – pode entrar na obscuridade por onde se move a Procissão.

Assim vive o solitário Construtor de Sombras entre suas trevas, e sua habitação é povoada por um passado espectral.

Seu único povo é o do passado; pois, apesar de ele criar sombras, elas não vivem com ele. Seus filhos saem imediatamente para suas casas no grande mundo, e ele não sabe mais delas até que, na completude do tempo, elas se juntem à Procissão do Passado Morto e alcancem, chegada sua vez, as paredes enevoadas de seu lar.

Para o Construtor de Sombras não há noite ou dia, nem estações do ano; mas, para todo o sempre, a silenciosa Procissão do Passado Morto passa em torno de sua morada solitária.

Algumas vezes ele se senta e medita com os olhos fixos e fitos, nada vendo; e então, lá no mar, há uma calmaria desnublada ou a treva negra da noite. Em direção ao distante Norte ou Sul, durante longos meses, ele nunca olha; e então a quietude da noite ártica reina sozinha. Quando os olhos em devaneio se tornam novamente conscientes, o silêncio duro se suaviza em sons de vida e de luz.

Algumas vezes, com um franzido em seu rosto e um olhar duro, que raia e lampeja relâmpagos negros, o Construtor de Sombras impele-se resoluto à sua tarefa, e por todo o mundo as sombras marcham densas e rápidas. Sobre o mar arroja-se o negror da tempestade; luzes baças bruxuleiam dentro de cabanas remotas, em pântanos solitários; e até mesmo nos palácios dos reis sombras negras passam e voam e deslizam por todas as coisas – sim, através dos próprios corações dos reis –, pois o Construtor de Sombras torna-se, então, horrível de se olhar.

De vez em quando, entre longos intervalos, o Construtor de Sombras, à medida que completa sua tarefa, demora-se em seu trabalho como se o amasse. Seu coração anseia pelos filhos de sua vontade, e ele gostaria de guardar ao menos uma sombra para servir-lhe de companhia em sua solidão. Mas a voz do Grande Presente está sempre soando em seus ouvidos nesses momentos, impondo-lhe pressa. A voz gigante rebomba:

“Adiante, adiante”.

Enquanto as palavras soam nos ouvidos do Construtor de Sombras, a sombra completa desvanece debaixo de suas mãos e, passando invisível pelo Portal do Horror, mistura-se no grande mundo lá fora, no qual deverá desempenhar seu papel. Quando, na completude do tempo, essa sombra adentra as fileiras da Procissão do Passado Morto, o Construtor de Sombras a reconhece e dela se lembra; mas em seu coração morto não há brilho de recordação amável, pois ele só pode amar o Presente, que sempre escapa de seu alcance.

E, ah!, é uma vida solitária a que o Construtor de Sombras leva; e nas trevas estranhas, tristes, solenes, misteriosas e silenciosas que o envolvem, ele trabalha dura e constantemente em sua tarefa solitária.

Mas, algumas vezes, também o Construtor de Sombras tem suas alegrias. Sombras bebês surgem, e imagens ensolaradas, iluminadas com doçura e amor, escorregam sob seu toque, e se vão.

Diante do Construtor de Sombras em sua tarefa, há um espaço em que não há nem luz nem escuridão, nem alegria nem melancolia. Tudo o que toca tal espaço desaparece como montes de areia que se desfazem quando a maré vem, ou como palavras escritas na água. Nele, todas as coisas perdem seu ser e se tornam parte do grande *Não-É*; e essa linha terrível de mistério é chamada de O Limiar. Tudo o que adentra nele desaparece; e tudo o que dele emerge está completo quando chega e passa para o grande mundo como algo por cumprir seu curso. Diante do Limiar, o próprio Construtor de Sombras é como nada; e nessa força absorvente do Limiar está aquilo que ele não consegue controlar ou dominar.

Em sua tarefa, o Construtor de Sombras faz invocações; e do nada impalpável do Limiar provém o objeto de seu desejo. Algumas vezes, a sombra irrompe cheia e fresca, e subitamente se perde nas trevas do Portal do Horror; outras vezes, ela cresce suave e imperceptivelmente, tornando-se mais cheia à medida que vem, e então se dissolve nas trevas.

\*

O solitário Construtor de Sombras está trabalhando em sua morada solitária; à sua volta, além das paredes vaporosas, impelindo-se para diante como sempre, está a Procissão do Passado Morto movendo-se em círculo. A tempestade e a calmaria foram invocadas do Limiar, e se foram; e agora, nesse momento calmo e melancólico, o Construtor de Sombras interrompe sua tarefa, e fica a desejar, desejar, até que seu anseio saudoso e solitário receba uma resposta do nada do Limiar.

Dele cresce a sombra de um pé de Bebê, pisando com um andar cambaleante em direção ao mundo; depois, segue o pequeno corpo roliço e a cabeça grande, e o Bebê sombra move-se adiante, oscilando e equilibrando-se com passos incertos. Rápidas por detrás dele vêm as mãos da Mãe, estendidas em um gesto amoroso de ajuda para que ele não caia. Um passo – dois – ele dá, e está caindo; mas os braços da Mãe são rápidos e as mãos delicadas o mantêm firmemente em pé. A Criança vira-se e cambaleia novamente para os braços de sua Mãe.

Novamente ele luta para andar; e novamente as mãos vigilantes da Mãe estão prontas. Desta vez, ele não precisa de ajuda; mas, quando a corrida acaba, a Criança sombra se volta mais uma vez, docemente, para o colo de sua Mãe.

Mais uma vez ele luta para andar, e anda corajosa e firmemente; mas as mãos da mãe se detêm junto ao corpo dela, agitadas, enquanto uma lágrima desce pela face, embora essa face esteja agraciada por um sorriso.

O Bebê sombra vira-se, e desvia-se um pouco do caminho. Então, sobre o Nada enevoado no qual as sombras caem, voa rapidamente a sombra tremeluzente de uma pequena mão acenando; e adiante, com passos firmes, a sombra dos pezinhos se move, saindo para as trevas enevoadas do Portal do Horror, e vai-se embora.

Mas a sombra da Mãe não se move. As mãos estão pressionadas contra o coração, o rosto amável está voltado para cima em reza, e grandes lágrimas se derramam pelas faces. Então, sua cabeça se arqueia para baixo à medida que os pezinhos passam para além de seu alcance; e mais e mais para baixo se curva a Mãe, chorando, até deitar-se de bruços.

Bem no momento em que lança seu olhar, o Construtor de Sombras vê as sombras desaparecendo, desaparecendo, e somente o terrível nada do Limiar está ali.

Então, nesse mesmo instante, na Procissão do Passado Morto, rondam em torno das paredes enevoadas as sombras do que já foi – a Mãe e a Criança.

\*

Agora do Limiar sai um Jovem com passo corajoso e animado; e à medida que no véu de névoa sua sombra recai, a vestimenta e o porte proclamam-no um jovem marinheiro. Perto dessa sombra está outra – a da Mãe. Mais velha e mais magra, como que por causa da vigília, mas ainda a mesma. As velhas mãos afetuosas arrumam com graça o lenço que enlaça frouxamente o pescoço aberto; e as mãos do Garoto se estendem, tomam o rosto da Mãe entre si, e trazem-no para frente para um beijo. Os braços da Mãe flutuam ao redor de seu Filho, e ambos se unem num abraço apertado.

A Mãe beija seu Garoto diversas vezes; e juntos eles permanecem, como se fosse impossível dividi-los.

De repente, o Garoto vira-se como se tivesse ouvido um chamado. A Mãe agarra mais apertado. Ele parece protestar carinhosamente; mas os braços afetuosos seguram com mais firmeza, até que, com delicada força, ele se desprende. A Mãe dá um passo adiante, e estende as mãos finas, tremendo em uma agonia de sofrimento. O Garoto para, prostra-se sobre um dos joelhos; então, arremessando suas lágrimas para longe, ajeita seu chapéu e se apressa, enquanto novamente a Mãe cai de joelhos, e chora.

E assim mais uma vez, lentamente, as sombras da Mãe e da Criança vão crescendo na completude do tempo, atravessam o Portal do Horror e circulam entre os fantasmas na Procissão do Passado Morto – a Mãe seguindo sem descanso os passos acelerados de seu Filho.

\*

Na longa pausa que se segue, enquanto o Construtor de Sombras observa, tudo parece mudado. Do Limiar vem uma névoa, tal qual a que se suspende algumas vezes sobre a superfície de um mar tropical.

Aos poucos a névoa se afasta, e a proa de um portentoso navio, negra e grande, desliza para frente. As sombras das grandes velas repousam fracas nas profundezas gélidas do mar enquanto os panos oscilam indolentes no ar sem brisas. Sobre a amurada há silhuetas apáticas esperando que um vento venha. A névoa no mar se dissipa lentamente; e pelas sombras escuras de homens ao abrigo do clarão do sol e arejando-se com seus largos chapéus de marinheiro fica claro que o calor é terrível.

Agora, ao longe, atrás do navio, eleva-se sobre o horizonte uma nuvem negra, não maior do que a mão de um homem, mas avançando rapidamente em grande velocidade. Também ao longe, diante do navio, surge a cumeeira de um recife de coral, que mal pode ser vislumbrado acima da água vítrea e vai escurecendo pelas profundezas abaixo.

As pessoas a bordo não veem nem uma coisa nem outra, pois se abrigam sob toldos e ficam a suspirar por brisas frescas.

Cada vez mais rápido vem a nuvem negra, deslizando cada vez mais veloz, ficando cada vez mais escura e mais vasta conforme se aproxima.

Então, as pessoas a bordo parecem reconhecer o perigo. Sombras apressadas voam pelos deques; sombras de homens sobem sombras de escadas. O agitar das grandes velas vai cessando à medida que, uma a uma, elas são recolhidas por mãos prestas.

Mas, mais rápido que as mãos dos homens possam trabalhar, a tempestade vem de roldão.

Ela precipita, e coisas terríveis vêm logo atrás; escuro breu– erguendo ondas que quebram furiosas e voam para o alto – a espuma do mar arrastada em direção ao céu – as grandes nuvens rodopiando em fúria. E, no centro dessas sombras que voam, rodopiam e enlouquecem, balança a sombra do navio.

Enquanto a escuridão negra dos céus abarca tudo, o ímpeto da tempestade obscura se propaga através do Portal do Horror.

Enquanto ele espera, e olha e vê o ciclone rodopiando entre as sombras na Procissão do Passado Morto, o Construtor de Sombras, mesmo em seu coração morto, sente um peso de dor pelo corajoso Garoto Marinheiro arremessado nas profundezas, e a Mãe ansiosa sentada sozinha em casa.

\*

Novamente, do Limiar atravessa uma sombra, tornando-se mais escura à medida que vem vindo, mas muito, muito fraca em um primeiro momento; pois aqui o sol é forte e não há senão pouco espaço para sombras na pedra nua, que parece se erguer do brilho e do cintilar das profundezas do mar ao redor.

Na pedra solitária está em pé um Garoto Marinheiro; magro e delgado ele está, e suas roupas são somente alguns poucos trapos. Protegendo seus olhos com sua mão, ele olha para o mar, onde, muito longe, o céu aberto mergulha para encontrar o mar ardente. Mas nenhuma mancha no horizonte – nenhum brilho distante de uma vela branca – lhe dá um raio de esperança.

Por muito, muito tempo ele espreita, até que, exausto, senta-se na pedra e curva sua cabeça por um tempo como se em desespero. À medida que o mar baixa, ele colhe da pedra o marisco que viera durante a maré.

Assim o dia se esvai e a noite vem; e, no céu tropical, as estrelas penduram-se como lampiões.

No silêncio frio da noite, o abandonado Garoto Marinheiro descansa – dorme e sonha. Seus sonhos são sobre o lar – sobre braços amorosos abertos para encontrá-lo –sobre banquetes –sobre campos verdes e galhos que balançam, e a alegria acolhedora do amor de sua mãe. Pois, em seu sonho, o Construtor de Sombras invoca sua alma onírica e lhe mostra todas essas bênçãos passando incessantemente na Procissão do Passado Morto, e consolando-o, assim, para que não desespere e morra.

Assim se passam muitos dias cansativos; e o marinheiro permanece na pedra solitária.

Ao longe ele pode ver somente uma colina que parece se erguer acima da água. Em uma manhã, quando o céu escurecendo e o ar abafado prometiam uma tempestade, a montanha distante pareceu mais perto. Ele pensa que tentará alcançá-la nadando.

Enquanto ele está assim decidindo, a tempestade corre sobre o horizonte e o arrasta de sua pedra solitária. Ele nada com coração destemido; mas, no momento em que sua força acaba, ele é jogado pela fúria da tempestade em uma praia de areias macias. A tempestade passa seguindo seu caminho e as ondas o deixam no alto e no seco. Ele se afasta da costa, onde, em uma caverna nas rochas, ele encontra abrigo e mergulha no sono.

O Construtor de Sombras, enquanto vê tudo isso acontecer nas sombras nas nuvens, na terra e no mar, alegra-se em seu coração morto pelo fato de que a mãe solitária talvez não terá esperado em vão.

Assim o tempo esvai, e muitos, muitos dias tediosos passam. O Garoto se torna um jovem Homem, vivendo na ilha solitária. Sua barba cresceu, e ele está vestido em uma roupa de folhas. Por todo o dia, exceto quando ele não está trabalhando para conseguir comida para comer, ele observa do topo da montanha algum navio que possa vir. Enquanto ele ficalá vigiando o mar, o sol emite sua sombra pela encosta, de forma que, à noite, à medida que ele se põe nas águas, a sombra do Marinheiro solitário se torna cada vez maior, até que, por fim, faz uma linha escura pela encosta até a beirada da água.

O coração do Homem solitário fica mais e mais melancólico à medida que espera e observa enquanto o tempo tedioso passa e incontáveis dias e noites vêm e vão.

Chega a hora em que ele começa a ficar cada vez mais fraco. Por fim, ele se torna mortalmente doente e permanece por muito tempo moribundo.

Então, essas sombras falecem.

Do Limiar cresce a sombra de uma velha mulher, magra e desgastada, sentada em uma cabana solitária em um penhasco saliente. Na janela, uma lamparina queima à noite para dar boas-vindas ao que foi Perdido, caso ele algum dia retorne, e para guiá-lo ao lar de sua Mãe. Junto à lamparina, a Mãe fica de vigia até que, fatigada, mergulha no sono.

Enquanto ela dorme, o Construtor de Sombras invoca sua alma adormecida com o acenar de sua mão espectral.

Ela fica a seu lado na morada solitária, enquanto à sua volta, através da parede de névoa, segue adiante a Procissão do Passado Morto.

Enquanto ela olha, o Construtor de Sombras levanta sua mão espectral para apontar à visão de seu Filho.

Mas os olhos da Mãe são mais rápidos até mesmo que a mão espectral que evoca todas as sombras da tempestade impetuosa e,antes que a mão fosse levantada, ela vê seu Filho entre as Sombras do Passado. O coração da Mãe se enche de uma alegria inefável quando o vê vivo e saudável, apesar de prisioneiro em mares tropicais.

Mas, ah!, ela não sabe que na ofuscada Procissão passam somente as coisas que já foram e que, apesar de no passado o Marinheiro solitário haver vivido, no presente – mesmo neste instante – ele pode estar morrendo ou estar morto.

A Mãe estende seus braços a seu Filho; mas, ao mesmo tempo, sua alma dormente perde de vista a ofuscada Procissão e desaparece da morada solitária do Construtor de Sombras. Pois quando ela tem a certeza de que seu Garoto está vivo, segue-se uma grande dor em saber que ele está sozinho, que espera e que procura por ajuda; o coração impaciente da Mãe está sobrepujado de pesar, e ela acorda com um grito amargo.

Então, quando ela se levanta e olha a manhã para além da lamparina que se apaga, a Mãe sente que tivera no sono a visão de seu filho, e que ele vive e espera por ajuda; e seu coração brilha com grande resolução.

Rapidamente, então, do limiar flutuam muitas sombras...

Uma Mãe solitária apressando-se com pés ligeiros a uma cidade distante.

Homens sérios recusando, mas não indelicadamente, uma mulher ajoelhada suplicando com as mãos levantadas.

Homens severos repelindo de suas portas às vaias uma Mãe que rezava.

Uma multidão selvagem de garotos e garotas maus e imprudentes perseguindo pelas ruas uma mulher apressada.

A sombra da dor em um coração de Mãe.

A vinda de nuvem negra de desespero, mas que está bem longe – pois ela não pode avançar para cima da luz solar brilhante da decisão da Mãe.

Dias cansativos com sua própria miríade de sombras.

Noites solitárias – desejo negro – frio – fome e dor; e através de todas essas sombras escurecedoras, a sombra rápida dos pés ligeiros da Mãe.

Uma longa, longa fila com tais figuras se aproxima cada vez mais na Procissão, até que o coração morto do Construtor de Sombras se torna gélido e seus olhos flamejantes vigiamselvagemente todos aqueles que provocam dor e provações ao coração fiel da Mãe.

E assim todas essas sombras flutuam para dentro de uma névoa negra, e perdem-se nas trevas do Portal do Horror.

Outra sombra sai da névoa...

Um Velho está sentado em sua poltrona. A luz crepitante lareira projeta sua imagem, dançando de forma estranha, na parede do quarto. Ele é velho, pois os grandes ombros estão curvados e o grande e forte rosto têm as linhas dos anos. Há outra sombra no quarto; é a da Mãe – ela está ao lado da mesa e está contando sua história. Suas mãos finas apontam aonde, na distância, ela sabe que seu Filho é um prisioneiro em mares solitários.

O Velho levanta-se; o entusiasmo do coração da Mãe tocou-o, e à sua memória volta apressado o velho amor, a energia e o valor de sua juventude. A grande mão se levanta, fecha-se e bate na mesa com um golpe poderoso, como se declarando uma promessa irrevogável. A Mãe cai de joelhos – ela segura a grande mão e a beija; depois, fica em pé, ereta.

Outros homens entram – eles recebem ordens –saem apressados.

Então vêm muitas sombras, cujo movimento, rapidez e firme propósito significam vida e esperança.

Ao pôr do sol, quando os mastros fazem longas sombras nas águas do cais, um navio grande zarpa em sua jornada a mares tropicais. As sombras dos homens rapidamente esvoaçam acima e abaixo do cordame e por todo o convés.

Quando as sombras rodam em volta do cabrestante, a âncora se levanta, e ao pôr do sol passa o grande barco a vela.

Na proa, como uma figura da Esperança, está a Mãe, fitando com olhos ávidos o horizonte longínquo.

Então, essa sombra desvanece.

Um grande navio se move, com grandes velas expandindo com a brisa. Na proa está a Mãe, fitando sempre a distância diante de si.

Tempestades vêm e o navio corre na frente do pé de vento; mas ele não desvia, pois a Mãe, com a mão estendida, aponta o caminho, e o timoneiro, balançando junto a seu timão, obedece a mão.

Então, essa sombra também desvanece.

As sombras dos dias e das noites chegam em uma sucessão rápida, e a Mãe procura continuamente por seu Filho.

Então, os registros de uma jornada próspera desvanecem em uma sombra fraca, turva, enevoada, através da qual uma silhueta sozinha se destaca claramente – a Mãe vigilante na proa do navio.

Agora, do Limiar crescem as sombras da ilha montanhosa e do navio se aproximando. Na proa, a Mãe se ajoelha, alerta e apontando. Um bote é baixado. Homens saltam a bordo com pés ávidos; mas, antes deles todos, está a Mãe. O bote se aproxima da ilha; a água se torna rasa e, na praia branca e quente, os homens saltam para a terra.

Mas a Mãe ainda está sentada na proa do bote. Em suas longas e ansiosas horas de agonia, ela vira em seus sonhos seu Filho lá longe e observando; ela o vira balançar seus braços com grande alegria à medida que o navio ficava maior sobre a linha do horizonte; ela o vira em pé na praia, esperando; ela o vira correndo através das ondas de modo que a primeira coisa que o solitário Garoto Marinheiro tocaria seriam as mãos amáveis de sua Mãe.

Mas, ah!por seus sonhos... Nenhuma silhueta com braços alegres acenando está no pico da montanha – nenhuma silhueta ávida está à beira da água ou corre para encontrá-la através das ondas. O coração dela fica frio e arrepiado de medo.

Ela viera mesmo tarde demais?

Os homens deixam o bote, consolando-a enquanto se vão com apertos de mão e toques amáveis no ombro. Ela lhes gesticula para que se apressem e permanece de joelhos.

O tempo passa. Os homens escalam a montanha; eles procuram, mas não encontram o Garoto Marinheiro, e, com pés lentos e hesitantes, retornam ao bote.

A Mãe os ouve vindo de longe e se levanta para encontrá-los. Eles baixam suas cabeças. Os braços da Mãe se erguem, atirados para cima em angústia e desespero, e ela cai desmaiada no bote.

Em um instante,o Construtor de Sombras invoca o espírito dela para que saia desua forma humana sem sentidos, e aponta para uma forma que passa, sem movimento, na Procissão do Passado Morto.

Então, mais rápido que a luz, a alma da Mãe retorna voando cheia de alegria recém-encontrada.

Ela se levanta do bote –salta para a terra. Os homens seguem-na, pensativos.

Ela corre pela costa com pés ligeiros; os marinheiros vêm logo atrás.

Ela para do lado oposto da entrada de uma caverna obscurecida por rastros de arbustos. Aqui, sem se virar, ela gesticula para os homens esperarem. Eles param e ela entra.

Por alguns momentos, uma escuridão macabra verte do Limiar;e então uma visão triste, triste, cresce e passa...

Uma caverna à meia luz, escura – um homem esgotado deitado de bruços, e uma Mãe em agonia curvada sobre a forma humana fria. No peito gélido, ela pousa a mão. Mas, ah!, ela não consegue sentir o batimento do coração que ela ama.

Com um gesto violento, de coração batido, ela se atira sobre o corpo de seu Filho e segura-o forte, forte – como se o abraço de uma Mãe fosse mais forte do que o abraço da Morte.

O coração morto do Construtor de Sombras se torna vivo de dor à medida que ele se afasta da cena triste; e, com olhos ansiosos, ele olha para onde, atrás do Portal do Horror, a Mãe e o Filho devem ir para se juntar às fileiras sempre crescentes da Procissão do Passado Morto.

Lentamente, lentamente vem passando a sombra da forma humana fria do Marinheiro.

Mas, mais rápidos que a luz, vêm os pés ligeiros da Mãe. Os braços tão fortes de amor estão estendidos – as mãos finas seguram a sombra de seu Filho que passa e arremessa-o novamente para além do Portal do Horror – para a vida – e a liberdade – e o amor.

O solitário Construtor de Sombras sabe agora que os braços da Mãe são mais fortes que o alcance da Morte.

**Como o 7 ficou louco**

Na ribanceira do rio que corre através do Reino há um belo palácio, no qual mora um dos grandes homens.

A ribanceira se ergue íngreme da corredeira; e as grandes árvores crescendo no sopé se erguem tão altas que seus galhos balançam no mesmo nível das torres do palácio. É um lugar belo, onde a grama é fresca e curta e densa como veludo e verde como esmeralda. Ali, as margaridas brilham como estrelas que caíram e jazem esparramadas pelo gramado.

Muitas crianças viveram e se tornaram homens e mulheres no velho palácio, e eles tiveram muitos animais de estimação. Entre seus animais havia muitos pássaros – pois os pássaros, entre todas as espécies, amam o lugar. Em um canto há um local que é chamado de Terra do Enterro dos Pássaros. Aqui todos os animais são colocados quando morrem; e a grama cresce mais viva aqui, e muitas flores brotam entre os monumentos.

Um dos garotos que aqui moraram teve, uma vez, como animal de estimação, um corvo. Ele encontrou o pássaro, cuja pata havia sido machucada, levou-o para casa e cuidou dele até que ficou bom novamente; mas o pobrezinho ficou manco.

Tineboy era o nome do jovem, e o pássaro se chamava Sr. Gralha. Como você pode imaginar, o corvo amava o garoto e nunca o deixou. Havia uma gaiola para ele em seu quarto, e o pássaro ia todas as noites para ali se empoleirar quando o sol se punha. Pássaros vão para cama regularmente segundo seu entender; e, se você quisesse punir um pássaro, você o acordaria. Pássaros não são como garotos e garotas. Imagine só punir um garoto ou uma garota não os deixando ir para cama ao pôr do sol, ou impedindo que eles se levantem bem cedo de manhã.

Bem, quando vinha a manhã, esse pássaro acordava e se alongava, piscava os olhos e dava uma boa chacoalhada; então, sentia-se muito acordado e pronto para começar o dia.

É muito mais fácil acordar um pássaro do que um garoto ou uma garota. O sabão não pode cair nos olhos dele, ou o pente não irá se prender em nós de cabelo, e seus cadarços nunca dão nós errados. Isso é porque ele não usa sabão, ou pentes, ou cadarços; se usasse, talvez também ele sofreria.

Quando o Sr. Gralha acabava de se trocar, ele subia e tentava acordar seu dono e fazê-lo se levantar; mas, das duas, acordá-lo era a tarefa mais fácil. Quando o garoto ia para a escola, o pássaro voava na rua junto a ele e se sentava em uma árvore próxima até que as aulas acabassem; então, seguia-o de volta para casa da mesma maneira.

Tineboy gostava muito do Sr. Gralha e algumas vezes costumava fazê-lo entrar em sua sala durante as aulas. Mas o pássaro era muito sábio e não entrava.

Um dia, Tineboy estava às voltas com seus problemas de matemática e, ao invés de prestar atenção ao que estava fazendo, ficou tentando fazer o Sr. Gralha entrar. O problema era “multiplicar 117.649 por 7”. Tineboy e o Sr. Gralha ficaram olhando um para o outro. Tineboy fez sinais para o pássaro entrar. O Sr. Gralha, entretanto, não se moveu; ele se sentou na sombra no lado de fora, pois o dia estava muito quente, pendeu sua cabeça para um lado e observou sabiamente.

“Entre, Sr. Gralha”, disse Tineboy,“e me ajude a resolver esse problema”. O Sr. Gralha somente grasnou.

“Sete vezes nove são setenta e sete, sete vezes nove são setenta e nove... não, noventa e sete. Oh, eu não sei... queria que o número sete nunca tivesse sido inventado”, disse Tineboy.

“Grá”, disse o Sr. Gralha.

O dia estava muito quente e Tineboy estava muito sonolento. Ele pensou que talvez seria capaz de resolver melhor o problema se ele descansasse um pouquinho, só para pensar; e assim, abaixou sua cabeça na carteira. Ele não estava muito confortável, pois sua testa estava no 7, ao menos ele achou que estava; assim, ele a mudou de posição até que ficou bem na beirada da carteira. Então, depois de um tempo, de alguma forma, coisas muito estranhas começaram a acontecer.

O Professor estava prestes a contá-los uma história.

Todos os alunos haviam se acomodado para escutar; o Corvo se sentou no peitoril da janela aberta, pendeu sua cabeça para um lado, fechou um olho – o olho mais perto da sala de aula – para que pensassem que estava dormindo, e escutou mais atentamente do que qualquer um deles.

Os pupilos estavam todos felizes – todos, exceto três. Um porque sua perna dormiu; outra porque ela tinha o bolso cheio de coalhada e queria comê-la, mas não conseguiria comer sem ser descoberta, e a coalhada estava derretendo; e o terceiro estava com muito sono e muito ansioso para ouvir a história, mas não podia fazer uma coisa por causa da outra.

O mestre, então, começou sua história.

*COMO O POBRE 7 FICOU LOUCO*

*O Médico de Alfabeto...*

Aqui ele foi interrompido por Tineboy, que perguntou:

“O que é um Médico de Alfabeto?”

“Um Médico de Alfabeto”, disse o mestre, “é o médico que cuida das doenças e das enfermidades das letras do Alfabeto”.

“Como Alfabetos têm doenças e enfermidades?”, perguntou Tineboy.

“Oh, eles têm muitas. Você nunca fez um ‘o’ torto ou um ‘A’ maiúsculo com uma perninha manca, ou um ‘T’ que não tivesse as costas retas?”

Houve um coro de toda a sala: “Ele faz. Ele faz bastante”. Ruffin, o garotomaior, disse, após todos os outros: “Bastante mesmo. Na verdade, sempre”.

“Muito bem, então deve haver alguém para colocá-las retas novamente, não?”

Nenhuma das crianças pôde dizer que não. Ouviu-se Tineboy, sozinho, murmurar para si mesmo: “*Eu não acredito*”*.*

O mestre recomeçou...

*O Médico do Alfabeto estava sentado tomando chá. Ele estava muito cansado, pois esteve cuidando de casos o dia todo.*

Tineboy interrompeu de novo: “Quais casos?”

“Posso lhe contar. Ele teve de colocar um ‘i’ que havia sido omitido, e alterar a perna de um ‘R’ que havia se tornado um ‘B’”.

*Bem, logo quando ele estava começando a tomar seu chá, houve uma batida rápida na porta. Ele foi até ela, abriu-a, e um estribeiro entrou apressado, sem fôlego por causa da corrida, e disse:*

*“Oh, Médico, venha rápido! Há uma calamidade em nossa casa.*

*“Qual é a sua casa?”, perguntou o médico.*

*“Oh, você sabe. Os Estábulos dos Números.”*

“O que são os Estábulos dos Números?”, perguntou Tineboy, interrompendo novamente.

“Os Estábulos dos Números”, disse o Professor, “são os estábulos em que os números são guardados”.

“Por que eles são guardados em estábulos?”, perguntou Tineboy.

“Porque eles vão muito rápido.”

“Como eles vão muito rápido?”

“Pegue um problema, resolva-o e você verá imediatamente. Ou olhe na sua tabuada: começa com duas vezes um são dois e antes que você chegue ao fim da página você estará em doze vezes doze. Isso não é ir rápido?

“Bem, eles têm de guardar os números em estábulos, senão todos os números iriam fugir e nunca mais se ouviria falar deles. No fim do dia todos eles voltam para casa, trocam os sapatos, limpam-se e jantam.”

*O Estribeiro dos Estábulos dos Números estava muito impaciente.*

*“Oh, pobre 7, senhor.”*

*“O que houve com ele?”*

*“Ele está quase morrendo. Pensamos que ele nunca irá conseguir.”*

*“Conseguir o quê?”, perguntou o Médico.*

*“Venha ver”, disse o Estribeiro.*

*O Médico apressou-se, levando a lanterna consigo, pois a noite estava escura, e logo chegou aos Estábulos.*

*Quando ele se aproximou, escutou-se um som muito curioso – um som ofegante e engasgado, gemidos e tosse, risadas, e um berro selvagem e sobrenatural, tudo ao mesmo tempo.*

*“Oh! Venha rápido!”,exclamou o Estribeiro.*

*Quando o Médico entrou nos estábulos lá estava o pobre número 7 com todos os vizinhos em volta dele, e ele estava muito mal. Estava espumando pela boca e aparentemente louco. A Enfermeira da Vila da Gramática estava segurando-o pela mão, tentando sangrá-lo. Todos os vizinhos estavam apertando com força as mãos ou os pescoços, ou estavam ajudando a segurá-lo. O Pezeiro,o homem*, explicou o professor, vendo pela expressão no rosto de Tineboy que ele iria fazer uma pergunta, “o homem que coloca os pés nas letras e nos números para que eles fiquem em pé sem se cansar” *– estava segurando o pobre número louco.*

*A Enfermeira, tentando acalmá-lo, disse:*

*“Pronto, pronto, querido... não faça barulho. Chegou aqui o bom Médico de Alfabeto, que vai deixar você são.”*

*“Não vou ficar são”, disse o 7, bem alto.*

*“Mas, meu caro senhor”, disse o Médico,“isso não pode continuar. Certamente você não está louco o bastante para insistir em estar louco?”*

*“Sim, estou”, disse o 7, bem alto.*

*“Então”, disse o Médico suavemente,“se você está louco o bastante para insistir em estar louco, devemos tentar curar sua loucura ou o seu estar louco, e então você ficará lúcido o bastante para querer não estar louco, e curaremos isso também.”*

“Eu não estou entendendo”, disse Tineboy.

“Shh!”, fez a classe.

*O Médico tomou seu estetoscópio, seu telescópio, seu microscópio e seu horóscopo e começou a utilizá-los no pobre e louco 7.*

*Primeiro ele colocou o estetoscópio na sola de seu pé e começou a falar nele.*

*“Não é assim que se usa isso,” disse a Enfermeira. “Você deve colocá-lo no peito dele e depois auscultar.”*

*“De maneira alguma, minha cara senhora,” disse mansamente o Médico, “esse é o jeito que se faz nas pessoas sãs; mas, claro, quando alguém está louco, o caso da doença precisa de um método oposto de tratamento.” Então, ele tomou o telescópio e observou para verificar o quão perto ele estava, e o microscópio para ver o quanto era pequeno. Então ele sacou seu horóscopo.*

“Por que ele o sacou?”, perguntou Tineboy.

“Porque, meu filho querido”, disse o Professor, “você não vê que por direito um horóscopo é feito? Mas, porque o pobre homem estava louco, o horóscopo havia de ser sacado”.

“O que é um horróscopo?”, perguntou Tineboy.

“Não é horróscopo, meu filho; é um horóscopo – uma coisa muito diferente”.

“Bem, o que é horóscopo?”

“Procure em seu dicionário, querido”, respondeu o Professor.

*Bem, quando o médico terminou de usar todos os seus instrumentos, ele disse: “Uso tudo isso a fim de encontrar o alcance da doença. Agora, começarei a encontrar a causa. No primeiro momento, interrogarei o paciente”.*

*“Bem, meu bom senhor, por que você insiste em estar louco?”*

*“Por que assim escolho.”*

*“Oh, meu caro senhor, essa não é uma resposta polida. Por que você escolhe?”*

*“Não posso dizer o por quê”, disse o 7, “a menos que eu faça um discurso.”*

*“Bem, faça um discurso.”*

*“Não posso falar até que eu seja posto em liberdade; como posso fazer um discurso com todas essas pessoas me segurando?”*

*“Estamos com medo de te soltar,” disse a Enfermeira, “você irá fugir”.*

*“Não vou”.*

*“Você promete?”, perguntou o médico.*

*“Eu prometo”, disse o 7.*

*“Soltem-no”, disse o Médico e, dessa forma, eles colocaram um pedaço de tapete sob ele; o Pezeiro sentou-se em sua cabeça, da maneira que fazem quando cavalos caem na rua. Depois, todos se distanciaram, e o Pezeiro também se distanciou. Depois de uma longa luta, o 7 se levantou.*

*“Agora, faça o discurso”, disse o Médico.*

*“Não posso começar”, disse o 7, “até que eu tenha um copo de água em uma mesa. Quem já ouviu de qualquer um discursando sem um copo de água?!”*

*Então eles trouxeram um copo de água.*

*“Senhoras e Senhores...”, iniciou o 7, e então parou.*

*“O que está esperando?”, perguntou o Médico.*

*“Por um aplauso, claro”, disse o 7. “Quem já ouviu falar de um discurso sem aplausos?”*

*Todos eles aplaudiram.*

*“Estou louco”, disse o 7, “porque eu escolho estar louco; e nunca irei, serei, poderei, deverei, seria, poderia ou viria a ser qualquer coisa além de louco. O tratamento que recebo é o suficiente para me deixar louco”.*

*“Ora, ora!”, disse o Médico. “Que tratamento?”*

*“De manhã, à tarde e à noite sou tratado pior do que qualquer escravo. Não há, em todo o alcance do aprendizado, qualquer coisa que tenha tanto a suportar quanto eu tenho. Trabalho duro o tempo todo. Nunca resmungo. Sou frequentemente um múltiplo, frequentemente um multiplicando. Estou disposto a suportar meu quinhão de ser um resultado, mas não posso aguentar o tratamento que recebo; e, além disso, eles não são órfãos como eu”.*

*“Órfãos?”, perguntou o Médico, “o que quer dizer?”*

*“Quero dizer que os outros números têm muitas relações. Mas não tenho parentes ou família – exceto o velho Número 1, e ele não conta muito; e, além disso, sou somente seu ta-ta-ta-ta-taraneto”.*

*“De que maneira?”, perguntou o Médico.*

*“Oh, ele é um velho camarada que está presente o tempo todo. Ele tem todos os seus filhos à sua volta, e eu venho somente seis gerações depois”.*

*“Hunf!”, exclamou o Médico.*

*“O Número 2”, continuou o 7, “nunca entra em confusão, e o 4, o 6 e o 8 são seus primos. O Número 3 é próximo do 6 e do 9. O Número 5 é um meio décimo e nunca se mete em confusão. Mas, quanto a mim, sou um miserável, maltratado e sozinho”. Aqui o pobre 7 começou a chorar e, arqueando sua cabeça, soluçou amargamente.*

Quando o Professor chegou a esse ponto houve uma interrupção, pois aqui o pequeno Tineboy também começou a chorar.

“Por que está chorando?”, perguntou Ruffin, o garoto brigão.

“Não estou chorando”, disse Tineboy, e soluçou mais rápido do que nunca.

O Professor continuou a história.

*O Médico de Alfabeto tentou alegrar o pobre 7.*

*“Escute, escute!”, disse ele.*

*O 7 parou de chorar e olhou para ele. “Não”, ele disse, “você deve dizer ‘fale, fale’; sou eu quem deveria dizer ‘escute, escute’”.*

*“Certamente”, disse o Médico, “você diria isso se fosse são; mas, por outro lado, você não é são, e, estando louco, você diz o que não deveria dizer”.*

*“Isso é falso”, disse o 7.*

*“Eu entendo”, disse o Médico, “mas não interrompa para discutir esse ponto. Se você fosse são você diria ‘isso é verdade’, mas você diz ‘isso é falso’, querendo dizer que concorda comigo”.*

*O 7 pareceu satisfeito em ser tão compreendido.*

*“Não”, disse ele – querendo dizer “sim”.*

*“Então”, continuou o Médico, “se você disser ‘fale, fale’, quando um homem são diria ‘escute, escute’, claro, eu diria ‘escute, escute’ quando quisesse dizer ‘fale, fale’ porque estou falando com um louco”.*

*“Não, não”, disse o 7 – querendo dizer “sim, sim”.*

*“Continue seu discurso”, disse o Médico.*

*O Número 7 pegou seu lenço e chorou.*

*“Senhoras e senhores”, ele continuou, “mais uma vez eu devo advogar a causa do número pobre e mal-usado – que sou eu – este número órfão – este número sem parentes...”*

Aqui Tineboy interrompeu o Professor: “Como ele não tinha aparentes?”

“Parentes, minha criança. Parentes, e não aparentes”, disse o Professor.

“Qual a diferença entre parentes e aparentes?”, perguntou Tineboy.

“Ficará muito pouco aparente”, disse o Professor, “a diferença entre esta bengala e seu couro se você interromper”. Assim, Tineboy ficou quieto.

“*Bem*”, seguiu o professor, “*o pobre 7 continuou: imploro sua piedade para este número miserável. Oh, vocês, garotos e garotas, pensem em um pobre número desolado, que não tem casa, nem amigos, nem pai, mãe, irmão, irmã, tio, tia, sobrinho, sobrinha, filho, filha ou primo, e está desolado e sozinho*”.

Aqui, Tineboy soltou um urro terrível.

“Por que está chorando?”, perguntou o Professor.

“Eu quero que o velho e pobre 7 seja mais feliz. Eu darei a ele um pedaço de meu lanche e uma parte da minha cama”.

O Professor voltou-se ao Monitor.

“Tineboy é uma boa criança”, ele disse, “deixe-o, para a próxima semana, aprender 7 vezes 0 e talvez isso irá reconfortá-lo”.

O Corvo, sentado na janela, piscou seu olho para si mesmo e saltitou no entorno com um grasnado contido e contente, balançou suas asas, e pareceu estar se abraçando e rindo. Então, saltitou para longe, subiu com a ponta das patas e se escondeu em cima da estante de livros.

O Mestre continuou sua história.

*Bem, crianças, depois de um tempo o pobre 7 melhorou e prometeu que ele ficaria deslouco. Antes de o Médico ir novamente para casa, todas as Crianças Alfabeto e Número vieram e apertaram a mão do pobre Número 7, e prometeram que eles seriam mais bonzinhos com ele no futuro.*

“Então, crianças, o que vocês acham da história?”

Todos elas disseram que gostaram, que era bela, e que tentariam também ser mais bonzinhos com o pobre 7 no futuro. Por fim, Ruffin, o valentão, disse:

“Eu não acredito. E, se for verdade, eu gostaria que ele tivesse morrido; ficaríamos melhor sem ele”.

“Ficaríamos?”, perguntou o professor. “Como?”

“Porque não nos importaríamos com ele”, disse Ruffin.

No momento em que ele disse isso, ouviu-se um tipo de grasnado esquisito emitido pelo Corvo, mas ninguém se importou, exceto Tineboy, que disse:

“*Sr. Gralha, você e eu amamos o pobre 7, em todo caso*”.

O Corvo odiou Ruffin porque ele sempre jogava pedras nele, e tentara puxar as penas de sua cauda; e enquanto Ruffin falava, seu grasnado parecia significar: “Espere só”. Quando ninguém mais estava olhando, o Sr. Gralha saltitou para cima e se escondeu nas vigas.

Então, na mesma hora, a escola acabou e Tineboy foi para casa. Mas ele não conseguiu achar o Sr. Gralha. Pensou que ele estivesse perdido, que estava muito infeliz, e foi para cama chorando.

Nesse meio tempo, quando a escola estava trancada e vazia, o Sr. Gralha saiu das vigas muito, muito quietamente – saltitou por sobre a porta e, abaixando sua cabeça, escutou; então, voou e escalou a maçaneta da porta, e olhou pela fechadura. Não havia nada para ver e nada para ouvir.

Então, ele se ergueu na mesa do Mestre, bateu suas asas, e começou a grasnar como um galo, porém muito suavemente, com medo de ser ouvido.

Imediatamente, sobrevoou toda a sala, voando até as grandes folhas da tabela de multiplicação, virando as folhas dos livros com suas garras e pegando Alguma coisa com seu bico afiado.

Seria difícil de acreditar, mas ele estava roubando todos os Números Sete daquele lugar; retirou o Sete do relógio, raspou-o da lousa e borrou-o do quadro negro com suas asas.

O Sr. Gralha sabia que, uma vez que você tirasse a inteireza de qualquer número de uma escola, ninguém mais poderia usá-lo sem pedir sua licença.

Enquanto ele estava tirando todos os Setes, inchou muito; e quando ele os retirou todos, ele ficou exatamente Sete vezes maior do que seu tamanho natural.

Ele não foi capaz de fazer tudo isso de uma vez. Levou-lhe a noite toda, e quando voltou para seu canto nas vigas era quase hora de a escola abrir.

Ele estava agora tão grande que conseguiu somente se espremer no canto e mais nada.

A hora da escola chegou, mas não havia Mestre e não havia Alunos. Toda uma hora passou; e então o Mestre chegou, e os Bedéis, e todos os Garotos e as Garotas.

Quando todos eles estavam na sala, o Mestre disse:

“Vocês todos estão muito atrasados”.

“Por favor, senhor, não pudemos evitar”.

Eles todos responderam juntos...

“Por que não puderam evitar?”

“Não fui acordado a tempo”.

“A que horas vocês são acordados toda manhã?”

Todos eles pareceram prestes a falar, mas ficaram calados.

“Por que não respondem?”, perguntou o Professor.

Eles fizeram movimentos com suas bocas como se falando, mas ninguém disse nada.

O Corvo, em seu canto, emitiu um grasnado, rindo silenciosamente só para si mesmo.

“Por que não respondem?”, perguntou novamente o Professor. “Se não responderem imediatamente à minha pergunta, vou mantê-los todos aqui dentro”.

“Por favor, senhor, não conseguimos”, disse um aluno.

“Por que não?”

“Porque...”

Aqui, Tineboy interrompeu, “*Por que se atrasou tanto, senhor?*”.

“Bem, meu filho, peço desculpas por ter me atrasado; mas o fato é que meu criado não bateu à minha porta na hora normal”.

“*Que hora, senhor?*”, perguntou Tineboy.

O Professor pareceu como se fosse falar, mas parou.

“Isso é muito estranho”, ele disse, depois de uma longa pausa.

Ruffin disse, de uma maneira fanfarrona: “Não estamos atrasados de modo algum. Você está aqui e nós estamos aqui – isso é tudo”.

“Não, isso não é tudo”, disse o Professor. “As horas são dez, e agora são onze – perdemos uma hora”.

“Como perdemos uma hora?”, perguntou um dos Alunos.

“Bem, isso é o que está me confundindo. Precisamos esperar um pouco para ver”.

Aqui, Tineboy disse de repente: “*Talvez alguém roubou!*”

“Roubou o quê?”, perguntaram os alunos.

“*Não sei*”, disse Tineboy.

Todos riram.

“*Vocês não precisam rir, algo foi roubado; olhem para a minha lição!*”, disse Tineboy e segurou alto o livro. Aqui está o que eles viram:

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| – | 1 | são | – |
| – | 2 | “ | 14 |
| – | 3 | “ | 21 |
| – | 4 | “ | 28 |
| – | 5 | “ | 35 |
| – | 6 | “ | 42 |
| – | – | “ | 49 |
| – | 8 | “ | 56 |
| – | 9 | “ | 63 |
| – | 10 | “ | –0 |

Todos os Alunos rodearam Tineboy para olhar o livro. Ruffin não foi, pois ele estava olhando o relógio da escola.

“O relógio perdeu alguma coisa”, ele disse, e com certeza não parecia certo.

O Professor olhou para cima – pois ele estava inclinado com sua cabeça em sua mesa, grunhindo.

“O que há de errado?”, ele perguntou.

“Algo está faltando”.

“Falta um número; há somente onze números”, disse o Professor.

“Não, não”, disseram os Alunos.

“Conte-os, Ruffin”, pediu o Mestre.

“1 2 3 4 5 6 8 9 10 11 12”.

“Certo”, disse o Professor, “você vê que há doze números. Não, não há – sim, há – não – sim – não, sim – o que está havendo?”, e olhou em torno da sala, e inclinou sua cabeça novamente em sua mesa e grunhiu.

Nesse meio tempo, o Corvo havia rastejado pelas vigas até que chegou acima da mesa do Professor; e então ele pegou um Sete grande e pesado e deixou-o cair no pequeno pedaço careca no topo da cabeça do Professor. Ele rebateu na cabeça e caiu na mesa em frente a ele. No instante em que o Professor o viu, descobriu o que estava querendo o tempo todo. Ele cobriu o Sete com um pedaço de papel borrão. Então, chamou Ruffin.

“Ruffin, você me disse que algo estava faltando – tem certeza?”

“Sim, claro”.

“Muito bem. Lembra-se que você disse ontem que queria que certo Número morresse em um manicômio?”

“Sim, eu lembro; e ainda quero”.

“Bem, esse Número foi roubado por alguém durante a noite”.

“Viva!”, disse Ruffin e jogou seu livro ao teto. Ele acertou o pobre Sr. Corvo, que tinha outro Sete em seu bico prestes a deixá-lo cair, e deixou cair esse Sete. Ele caiu no chapéu de Tineboy, que o segurou sem sua mão. Pegou-o, inclinou-se e fez-lhe carinhos.

“*Pobre 7*”, disse Tineboy.

“Me dê o Número”, disse Ruffin.

“*Não darei. Ele pertence a mim*”.

“Então vou te obrigar”, disse Ruffin. Ele agarrou Tineboy –mesmo na frente do rosto do Mestre.

“*Me deixa. Não te darei meu pobre Sete*”, disse Tineboy, e ele começou a gritar e a chorar.

“Ruffin, afaste-se”, ordenou o Mestre.

Ruffin afastou-se.

“Sete vezes sete?”, perguntou o Mestre.

Ruffin não respondeu. Ele não o poderia, pois ele não tinha um Sete.

“*Eu sei*”, disse Tineboy.

“Ah, sim”, disse Ruffin, com um olhar de desprezo, “ele sabe porque tem um Número”.

“*Quarenta e nove*”, disse Tineboy.

“Correto”, disse o Mestre; “venha para a frente, Tineboy”.

Então Tineboy foi para a frente da sala, e Ruffin para trás.

“Sete vezes quarenta e nove?”, perguntou o Mestre.

Todos ficaram em silêncio.

“Vamos, respondam!”, exclamou o Mestre.

“*Quanto é? Sim, você mesmo!*”, disse Tineboy.

“Bem, meu filho, perdão, mas não posso falar. Céus, é muito estranho”, e o Mestre abaixou sua cabeça em sua mesa novamente, e grunhiu mais alto do que nunca.

Bem nesse momento, o Sr. Gralha tomou outro sete e derrubou-o no chão na frente de Tineboy.

“Trezentos e quarenta e três,” disse Tineboy, rapidamente; pois agora ele podia responder, já que tinha outro Sete.

O Professor levantou a cabeça e riu alto.

“Viva! Viva!”, ele disse.

Quando o terceiro Sete caiu, o Corvo começou a inchar.

Ela ficou sete vezes maior do que era, de forma que começou a levantar as telhas do telhado.

Todos os Alunos olharam para cima; Ruffin tinha sua boca aberta, e o Sr. Gralha, ansioso por se livrar dos Setes, soltou um dentro dela.

“Dois mil, quatrocentos e um”, Ruffin balbuciou.

O Sr. Gralha soltou outro Sete em sua boca, e ele balbuciou novamente, mais do que nunca: “Dezesseis mil, oitocentos e sete”.

O Corvo começou a atirar Setes nele tão rápido quanto podia; e a cada vez que ele atirava um Sete, ficava menor e menor, até que ficou do seu tamanho natural.

Ruffin continuou a balbuciar e a ofegar números tão rápido quanto jamais pôde, até que o rosto ficou preto e ele caiu em convulsão assim que chegou a “setenta e nove mil e setecentos e noventa e dois bilhões, duzentos e sessenta e seis mil e duzentos e noventa e sete milhões, seiscentos e doze mil e um”.

De repente, Tineboy acordou e viu que estivera sonhando com sua cabeça abaixada.

**Mentiras e lírios**

Claribel vivia em paz e feliz com seu pai e sua mãe desde o tempo em que ela era um bebezinho até quando, aos dez anos, foi para a escola.

Seus pais eram pessoas boas e adoráveis, que amavam a verdade e tentavam sempre andar no caminho dos justos. Eles ensinaram a Claribel todas as coisas boas, e sua mãe, Fridolina, costumava levá-la todo dia quando ia visitar e consolar os doentes.

Quando Claribel foi para a escola, ela ficara ainda mais feliz, pois não somente ela tinha sua casa como sempre a tivera, mas também tinha muitos amigos novos que eram da sua idade e os quais viria a conhecer e a amar. A professora era muito boa e muito gentil e muito velha, com um belo cabelo branco e um rosto doce e gentil que nunca parecia duro ou sério, exceto quando alguém contava uma mentira. Então, o sorriso desaparecia de seu rosto; e era como a mudança no céu quando o sol se punha, e então ela ficava séria e chorava silenciosamente. Se a criança que tinha sido malvada confessasse o erro e prometesse nunca mais contar uma mentira, o sorriso retornaria como a luz do sol. Mas se a criança persistisse na mentira, seu rosto se tornaria sério, e depois o olhar sério ficaria na memória do mentiroso, mesmo quando ela não estivesse presente.

Todo dia ela falava a todas as crianças sobre a beleza da Verdade e como uma mentira era uma coisa muito obscura e terrível. Ela também lhes contava histórias do Belo Livro; uma que ela amava, e que eles amavam também, era sobre a Bela Cidade onde as pessoas boas vão viver depois daqui.

As crianças nunca se cansavam de ouvir sobre aquela Cidade, límpida como cristal de jaspe, com seus doze portões com nomes escritos neles; e faziam perguntas à Professora sobre o Anjo que mediu a Cidade com um junco dourado. Sempre perto do fim da história, a voz da Professora se tornava muito séria, e um silêncio se entranhava nas crianças, e elas ficavam mais juntas umas das outras, espantadas, quando ela lhes contava que fora daquela bela cidade era condenado a ficar de pé para sempre “todo aquele que amava e contava uma mentira”.

Então, a boa Professora contava a eles que coisa terrível seria ficar ali fora, e perder toda a beleza e a glória eterna que havia lá dentro. E tudo por um erro que nenhum ser humano precisava cometer – contar uma mentira. As pessoas não ficam muito bravas mesmo quando um erro era cometido quando a verdade é contada de uma vez; mas se um erro fosse piorado por uma mentira, então todo mundo ficava bravo com razão. Se homens e mulheres, até mesmo pais e mães que amam seus filhinhos com muito carinho, ficam bravos, o quanto mais bravo vai ficar Deus contra quem o pecado da mentira é cometido?

Claribel amava essa história e muitas vezes chorava quando pensava nas pobres pessoas que tinham de ficar fora da Bela Cidade para sempre, mas ela nunca pensou que ela mesma iria contar uma mentira. Na verdade, ela nunca pensou, até que veio a tentação. Quando as pessoas pensam muito bem de si mesmas, perigam cometer um pecado, pois, se não ficarmos sempre atentos para o mal, certamente faremos algo errado;e porque Claribel não temia mal algum, ela era facilmente levada ao pecado.

As crianças estavam todas com seus problemas de matemática. Algumas delas sabiam a aritmética, conseguiam suas respostas e provavam-nas; mas algumas não conseguiam a resposta certa, e outras empacavam e não conseguiam resposta alguma. Algumas crianças levadas nem mesmo tentavam chegar nas respostas, mas faziam desenhos em suas lousas e escreviam seus nomes. Claribel tentou resolver seus problemas, mas ela não conseguia lembrar 9 vezes 7, e ao invés de começar em “duas vezes um são dois” e ir aumentando, ela ficou sem vontade e preguiçosa e desistiu do problema, e fez começos de desenhos e desistiu deles também. Ela olhou para a janela pensando em algo para desenhar e viu nos vidros de baixo flores coloridas pintadas para impedir que as crianças olhassem para as pessoas lá fora durante as lições. Claribel olhou fixo para uma dessas flores, um lírio, e começou a desenhá-lo.

Skooro viu-a olhando e começou seu trabalho maléfico. Para ajudá-la a fazer o que ela não devia, ele tomou a forma de um lírio e se colocou em formas muito apagadas na lousa de modo que ela tinha somente de desenhar em volta de seus contornos, e então teria desenhado um lírio. Agora, não é errado desenhar um lírio, e se Claribel o tivesse desenhado na hora certa, ela teria sido elogiada; mas uma coisa boa pode se tornar uma coisa má se for feita de modo errado – e assim era com o lírio de Claribel.

Depois de um instante, a Professora pediu as lousas. Quando Claribel trouxe a dela, sabia que tinha errado e estava arrependida; mas ela só estava arrependida porque estava com medo de ser punida. Quando a Professora perguntou as respostas, ela baixou a cabeça e disse que não tinha conseguido.

“Você tentou?”, perguntou a Professora.

“Sim”, ela respondeu, sentindo que tinha tentado por um tempo.

“Ficou preguiçosa?”, perguntaram-lhe. “Você fez alguma coisa além de seus problemas?” Então ela percebeu que,se contasse,teria problemas por ter ficado preguiçosa; e, então, esquecendo tudo sobre a Cidade de Jaspe e aqueles que estão condenados a ficar fora de seus belos portões, ela respondeu que não tinha feito mais nada a não ser os problemas. A professora acreditou em sua palavra – pois ela sempre fora verdadeira – e disse:

“Você ficou confusa, suponho, minha querida. Deixe-me ajudá-la”, e gentilmente lhe mostrou como resolver o problema.

Quando estava voltando para seu assento, Claribel abaixou sua cabeça, pois sabia que havia contado uma mentira, e, apesar de agora nunca precisar ser descoberta, ficou triste e se sentiu como se estivesse no lado de fora da Cidade cintilante. Mesmo naquele momento, se ela tivesse corrido para a professora e tivesse dito: “Eu errei; mas serei de novo uma criança melhor”, tudo ficaria bem; mas ela não o fez, e a todo minuto que passava isso se tornou mais difícil de fazer.

Logo depois a aula terminou, e Claribel foi triste para casa. Ela não se interessou em brincar, pois havia contado uma mentira, e seu coração estava pesaroso.

Quando chegou a hora de dormir, ela se deitou cansada, mas não conseguiu dormir; e chorou amargamente, pois não conseguiu rezar. Estava arrependida deter contado uma mentira, e achou bem difícil o fato de que sua aflição não era suficiente para deixá-la novamente feliz. Mas sua consciência disse: “Vai confessar amanhã?” Mas ela pensou que não seria necessário, pois o pecado havia chegado ao fim e ela não havia feito mal a ninguém. Mas todo o tempo ela soube que havia errado. Tivesse a professora falado sobre isso, ela teria dito: “É sempre assim, querida. Um pecado não pode ser expiado até que a vergonha tenha vindo primeiro; pois sem a vergonha e o reconhecimento da culpa, o coração não pode ficar limpo de pecados”.

Finalmente, Claribel chorou até dormir.

Então, quando ela dormiu, a Criança Anjo entrou furtivamente no quanto e passou por cima de suas pálpebras, de modo que até mesmo em seu sono ela vira a bela luz, e pensou sobre a Cidade como uma pedra jaspe, límpida como cristal, com seus doze portões com nomes escritos nele. Sonhou que vira o Anjo com o junco dourado medindo a cidade, e Claribel ficou tão feliz que se esqueceu totalmente de seu pecado. A Criança Anjo conhecia todos os pensamentos dela, e ficou menor e menor até que toda a sua luz se extinguiu. E para Claribel, em seu sonho, tudo pareceu ficar enegrecido, e ela sabia que estava de pé no lado de fora do portão da Bela Cidade. O Anjo, que segurava o junco dourado de medir, estava nas ameias da cidade, e, com uma voz terrível, disse:

“Claribel, ficai no lado de fora; vós contais e amais uma mentira”.

“Oh, não”, disse Claribel, “Não a amo”.

“Então por que não confessais vosso erro?”

Claribel calou-se. Mas ela não iria confessar seu pecado, pois seu coração estava firme; o Anjo levantou seu junco dourado e, veja!, brotou um belo lírio. Então, o Anjo disse:

“Os lírios crescem somente para os puros, que vivem dentro da cidade; vós deveis ficar aqui fora entre os mentirosos”.

Claribel viu as paredes jaspe diante de si se elevando cada vez mais alto, e soube que elas eram uma barreira eterna e que deveria para sempre ficar do lado de fora da Bela Cidade. E, em angústia e horror, ela sentiu o quão profundo fora seu pecado, e desejou confessá-lo.

Skooro viu que ela estava se arrependendo, pois ele, também, podia ver seus pensamentos, e com a escuridão de sua presença tentou apagar todo o sonho da Bela Cidade.

Mas a Criança Anjo infiltrou-se em seu coração e deixou-o leve; a semente da penitência cresceu e floresceu.

Claribel acordou cedo, levantou-se, e contou à sua professora seu pecado, e ficou feliz mais uma vez.

Por toda sua vida ela amou os lírios, pois refletia sobre sua mentira e sua penitência por causa dela, e que os lírios crescem dentro da Cidade Jaspe, que é somente para os puros.

**O castelo do Rei**

Quando contaram ao pobre Poeta que Aquela que ele mais amava jazia enferma na sombra do perigo, ele ficou à beira da loucura.

Há semanas ele estava sozinho; pois ela, sua Esposa, fora para longe, para seu velho lar, a fim de ver um velho ancestral antes de ele morrer.

Por alguns dias, o coração do Poeta oprimiu-se por uma estranha tristeza. Ele não sabia a causa dela; ele somente sabia, com a profunda simpatia que é o dom do poeta, que Aquela que ele amava estava doente. Ele esperou ansiosamente por notícias. Quando as notícias chegaram, o choque, apesar de ele ter esperado uma mensagem triste, fora demais para ele e ficou à beira da loucura.

Em sua tristeza e ansiedade, ele saiu ao jardim que, por longos anos, havia cultivado para Ela. Ali, entre as flores mais resplandecentes, onde as velhas estátuas suavemente brancas se reclinavam contra as cercas de teixo, ele se deitou na grama alta de verão não cortada e chorou com sua cabeça enterrada no chão.

Pensou em todo o passado – sobre como ele havia conquistado sua Esposa e como eles se amavam; e, para ele, parecia uma coisa triste e cruel que ela estivesse longe e em perigo, e ele não estava perto para confortá-la ou mesmo compartilhar sua dor.

Muitos, muitos pensamentos voltaram a ele contando as histórias de anos maçantes cuja melancolia e solidão ele havia esquecido na clareza de seu lar amável...

De como na juventude eles, o par, haviam se conhecido e em um instante se amado. Como a pobreza dele e a grandeza dela os mantinham separados. Como ele lutara e trabalhara na estrada íngreme e pedregosa rumo à fama e à fortuna.

De como através de todos os anos maçantes ele lutara com a única ideia de conseguir tal lugar na história de seu tempo, que ele deveria ter sido capaz de vir a ela e dizer “eu te amo”, e, para seus parentes orgulhosos, “sou digno, pois eu também me fiz grande”.

De como em meio a todo esse sonhar com um tempo feliz que poderia vir ele se manteve silente quanto a seu amor. De como ele nunca vira ou ouvira a voz dela, ou mesmo conhecera sua morada, para que, sabendo-o, não falhasse no propósito de sua vida.

De como o tempo – como sempre acontece com aqueles que trabalham com honestidade e lealdade de propósitos – coroou as labutas e a paciência de sua vida.

De como o mundo chegou a conhecer seu nome, e reverenciá-lo e amá-lo como alguém quem ajudara por seu exemplo os fracos e os cansados; de quem purificara os pensamentos de todos os que escutavam suas palavras; e de quem havia varrido a ruindade ante a grandeza e a simplicidade de seus nobres pensamentos.

De como o sucesso foi o resultado ao despertar da fama.

De como, finalmente, até mesmo a seu coração, timorato pela dúvida do amor, nascera o pensamento de que ele finalmente alcançara a grandeza que o justificava na busca pela mão daquela que ele amava.

De como ele havia retornado à sua terra natal, e lá ainda a encontrara livre.

De como, quando ele ousara contar a ela sobre seu amor, ela lhe sussurrara que também havia esperado todos esses anos, pois sabia que ele viria finalmente reivindicá-la.

De como ela havia vindo com ele, como sua noiva, para casa, a qual estivera construindo para ela por todos esses anos. De como, ali, eles viveram felizes; e ousaram olhar atentamente aos longos anos por vir em busca de alegria e contentamento sem limites.

De como ele pensou que, mesmo então, quando apesar de um pouco diminuído em força pelo trabalho incessável dos anos e a preocupação da esperança, ele poderia ansiar pelos tempos felizes que viriam.

Mas, ah!, pela esperança; pois quem conhece o que o futuro pode trazer? Somente há pouco tempo sua Amada o deixara saudável, partindo por causa do dever; e, agora, ela jazia doente e ele longe de ajudá-la.

Todo o sol de sua vida parecia estar desvanecendo. Todos os longos anos de espera e a permanência paciente no êxito que havia coroado seus anos com amor pareciam senão um sonho efêmero, e tudo fora em vão – tudo, tudo em vão.

Agora, com a sombra pairando sobre sua Amada, a nuvem parecia estar acima e em volta deles, e contendo, em seus recessos ofuscados, a perdição de ambos.

“Por quê, oh!, por quê”, perguntou o pobre Poeta ao ar invisível, “o amor veio a nós? Por que paz e alegria e felicidade se as asas turvadoras do perigo ensombrecem o ar em torno dela, e deixam-me para chorar sozinho?”

Assim ele lamentou, e delirou, e chorou; e as horas amargas passaram por ele em sua solidão.

Enquanto jazia deitado no jardim com sua face enterrada na grama alta, eles vieram a ele e disseram-lhe, chorando, que notícias – tristes, de fato – haviam chegado.

Enquanto falavam, ele levantou sua pobre cabeça e os fitou; e eles viram nos olhos glaucos, escuros e tenros que agora ele estava um tanto perturbado. Sorriu triste para eles, como se não bem entendendo o significado de suas palavras. Tão ternamente quanto puderam, eles tentaram dizer a ele que Aquela que ele mais amava estava morta.

Eles disseram:

“Ela andou pelo Vale das Sombras”; mas ele pareceu não os entender.

Eles sussurraram:

“Ela ouviu a Música das Esferas”, mas ele ainda não os entendeu.

Eles falaram pesarosos com ele, e disseram:

“Ela agora reside no Castelo do Rei”.

Ele olhou para eles avidamente, como se para perguntar:

“Que castelo? Que rei?”

Arquearam suas cabeças; e, enquanto se viraram, chorando, eles lhe murmuraram suavemente:

“O Castelo do Rei da Morte”.

Ele nada disse; então, eles viraram suas faces chorosas a ele novamente. Eles viram que ele havia se levantado e estava de pé, com um propósito firme em seu rosto. Então, ele disse suavemente:

“Vou encontrá-la; lá onde ela mora também poderei morar”.

Eles lhe disseram:

“Você não pode ir. Além do Portal ela está, no Reino da Morte”.

Um propósito firme brilhou nos olhos sérios e amáveis do Poeta enquanto ele respondeu a eles pela última vez:

“Aonde ela foi, para lá também irei. Pelo Vale das Sombras farei meu caminho. Nestes ouvidos também soará a Música das Esferas. Procurarei e encontrarei minha Amada nos Salões do Castelo do Rei. Abraçá-la-ei firme – até mesmo diante da face temerosa do Rei da Morte”.

Quando ouviram essas palavras, abaixaram suas cabeças novamente, choraram e disseram:

“Oh! Oh!”

O poeta virou-se e os deixou; e foi embora. Eles o teriam seguido de bom grado; mas ele lhes aconselhou para que não se movessem. Então, sozinho, em seu pesar, partiu.

Quando ele passou, virou-se e balançou sua mão em um gesto de adeus. Então, por um momento, ficou com a mão levantada, e virou-a lentamente em todas as direções.

De repente, sua mão estendida parou e apontou. Seus amigos, olhando para ele, viram onde, para além do Portal, a imensidão ociosa se espalhava. Ali, no meio da desolação, a névoa dos pântanos jazia como um pálio de trevas no horizonte longínquo.

Quando o Poeta apontou, houve um brilho de felicidade – era muito, muito fraco – em seus olhos pobres e tristes, enlouquecidos com a perda, como se, ao longe, ele contemplasse algum sinal ou esperança da Perdida.

Rápida e tristemente, o Poeta viajou pelo dia escaldante.

A Hora de Descanso chegou, mas ele continuou a jornada. Não parou nem por sombra, nem por descanso. Nunca, mesmo por um instante, ele parou para esfriar seus lábios ressecados com um gole gélido das fontes cristalinas.

Os viajantes exaustos descansando em sombras frescas ao lado das fontes levantaram suas cabeças estafadas e olharam-no com olhos sonolentos quando ele passou apressado. Ele não se atentou para eles, e continuou sempre adiante com um propósito firme em seus olhos, como se alguma faísca de esperança irrompendo das névoas dos pântanos distantes o encorajasse.

Assim ele viajou por todo o dia escaldante, e por toda a noite silenciosa. De manhã bem cedo, quando a promessa do sol ainda não nascido despertava o céu oriental com uma luz pálida, ele se aproximou do Portal. O horizonte sobressaía sombrio na luz fria da manhã.

Lá, como sempre, estavam os Anjos que mantinham guarda e vigilância, e, oh!, impressionante!, apesar de invisíveis a olhos humanos, eles eram vistos por ele.

Quando se aproximou, eles o fitaram com pena e abriram bastante suas asas, como se para abrigá-lo. Ele falou; e, de seu coração inquieto, as palavras tristes saíram docemente de seus lábios pálidos:

“Dizei, Vós que guardais o Reino, minha Amada passou por aqui em jornada para o Vale das Sombras, para ouvir a Música das Esferas, e para habitar no Castelo do Rei?”

Os Anjos no Portal inclinaram suas cabeças em sinal de assentimento.Eles se viraram e olharam para fora do Reino, para onde, longe, na vastidão ociosa, as úmidas névoas rastejavam desde o peito inerte do pântano.

Eles bem sabiam que o pobre e solitário Poeta estava em busca de sua Amada; então, eles não o impediram, nem o encorajaram a ficar. Eles tiveram pena dele, muita, por ele amar muito.

Eles se separaram para que ele pudesse passar pelo Portal sem obstáculo.

Assim, o Poeta seguiu adiante para o deserto desolado a fim de procurar por sua Amada no Castelo do Rei.

Durante algum tempo ele passou por jardins cuja beleza era mais perfeita do que os jardins do Reino. A doçura de todas as coisas adentrava os sentidos como odores das Ilhas dos Abençoados.

A sutileza do Rei da Morte, que reina nos Domínios do Mal, é grande. Ele ordenou que o caminho além do Portal fosse feito cheio de encantos. Assim, aqueles que se desviam dos caminhos sagrados ao bem sempre encontram em torno de si tal beleza que, em sua alegria, a melancolia e a crueldade e a culpa do deserto são esquecidas.

Mas, à medida que o Poeta seguia adiante, essa beleza começava a desvanecer.

Os belos jardins se pareciam com jardins quando a mão do cuidado é retirada, e quando as ervas em sua abundância sufocam, à medida que nascem e crescem, a vida das mais finas flores.

De aleias gélidas sob galhos esparramados, e da relva viçosa que tocava tão suave quanto veludo os pés dolorosos do Viajante, o caminho se tornou uma vereda pedregosa e árida, completamente aberta ao brilho escaldante. As flores começaram a perder seu odor e a se apequenar devido ao crescimento retardado. Altas se cicutas elevavam de todos os lados, infectando o ar com seu odor fétido.

Grandes fungos cresciam nos buracos escuros nos quais jaziam poças de água desagradáveis. Árvores altas, com galhos como esqueletos, erguiam-se – árvores que não tinham folhas e que parar sob sua sombra significava morrer.

Então, rochas enormes barravam o caminho. Só se atravessava por passagens estreitas e tortuosas, suspensas pelos penhascos ponderosos acima, que sempre ameaçavam desabar e engolfar o Visitante.

Aqui, a noite começou a cair, e a névoa turva subindo dos pântanos longínquos tomou formas estranhas de coisas sombrias. Na solidez distante das montanhas, os animais selvagens começaram a rugir em suas tocas cavernosas. O ar se tornara medonho com os sons apavorantes do período noturno.

Mas o pobre Poeta não dava atenção às visões e aos sons maus do temor. Adiante ele seguia sempre – não pensava nos terrores da noite. Para ele não havia o medo da escuridão – nenhum medo da morte – nenhuma consciência do horror. Ele procurava sua Amada no Castelo do Rei; e nessa busca ávida todos os terrores naturais eram esquecidos.

Dessa maneira ele seguiu adiante por meio da noite infindável. Desfiladeiro acima ele caminhou. Pelas sombras das grandes rochas ele passou ileso. Os animais selvagens cercaram-no rugindo furiosamente – seus grandes olhos flamejando como estrelas ardentes através da escuridão da noite.

Das rochas altas, grandes jiboias rastejavam e se penduravam para capturar sua presa. Das fendas do escarpado das montanhas, e de fissuras cavernosas do caminho rochoso, serpentes venenosas deslizavam e se erguiam para atacar.

Mas, apesar de chegar perto, as coisas nocivas se abstinham de atacar, pois elas sabiam que o Visitante solitário estava em direção ao Castelo do Rei.

Ainda adiante, adiante ele rumou – incessante – não parando em seu caminho –, mas sempre insistente em sua busca.

Quando por fim a luz do dia irrompeu, o sol se levantou sobre uma visão desoladora. Ali, avançando lentamente no caminho rochoso, o pobre e solitário Poeta seguia sempre adiante, não prestando atenção ao frio ou à fome ou à dor.

Seus pés estavam descalços, e suas pegadas no caminho polvilhado de pedras eram marcadas por sangue. Em volta e atrás dele, longe, mantendo o mesmo passo nos cumes da cadeia de montanhas, vinham os animais selvagens que olhavam para ele como uma presa, mas que se abstinham de tocá-lo porque ele buscava o Castelo de seu Rei.

No ar rodopiavam os pássaros obscenos que sempre seguiam no rastro dos moribundos e dos perdidos. Pairavam os abutres de pescoços nus com olhos ávidos e bicos famintos. Suas grandes asas batiam preguiçosamente no ar parado à medida que seguiam o rastro do Viajante. Os abutres são um povo paciente e aguardam sua presa sucumbir.

Dos recessos cavernosos nos vales estreitos da montanha negra rastejavam, com velocidade silenciosa, as serpentes que ali espreitam. Veio a jiboia, com suas dobras colossais e caracóis intermináveis, de onde a pequena cabeça chata observava com perspicácia. Veio a boa e toda a sua tribo, que capturava sua presa pela força e a esmagava com a temível rigidez de seu abraço. Vieram as najas e todas aquelas que com seu veneno destroem suas presas. Aqui, também, vieram aquelas serpentes, as mais terríveis de todas para suas presas – as que fascinam com olhos de estranha magia e com a graça lenta de sua abordagem.

Aqui, vieram ou ficaram à espera cobras finas, que tomam a cor da erva, ou folha, ou galho morto, ou poça viscosa, em meio aos quais espreitam e, assim, atacam suas presas desatentas.

Havia grandes serpentes, ágeis de corpo, que se penduravam de rochas ou galhos. Estas, segurando-se firmes distante de suas presas, dão o bote para baixo com a rapidez da luz à medida que arremessam de longe seus corpos sobre suas presas como chicotes.

Assim, apareceram todas essas coisas nocivas a fim de encontrar o Homem em Busca e para tomá-lo de assalto. Mas quando tomavam conhecimento de que ele estava indo para o terrível Castelo de seu Rei, e viam como ele seguia adiante sem medo, elas se abstinham de atacar.

A mortal jiboia e a boa, erguendo-se com dobras colossais, ficaram passivas, e nesse momento se tornaram como pedra. As najas retraíam novamente suas presas venenosas. Os olhos brandos, profundamente sérios, da fascinante cobra se tornavam lúridos de rancor frustrado conforme ela sentia que seu poder de atração era em vão. Nessa descida mortal, a cobra pendurada deteve seu curso, e pendia da rocha ou do galho como uma linha frouxa.

Muitos seguiam o Viajante no deserto selvagem, aguardando e esperando uma chance de destruir.

Muitos outros perigos também estavam presentes para o pobre Viajante no ócio do deserto. À medida que ele avançava, o caminho rochoso se tornava mais íngreme e mais escuro. Fumaças lúridas e névoas gélidas e mortais se erguiam.

Então, nesse caminho junto à vastidão sem vestígios,houve coisas estranhas e terríveis.

Mandrágoras – metade planta, metade homem – berravam a ele com um grito desesperador, agudo, quando, impotentes ao mal, esticavam seus braços medonhos em vão.

Espinhos gigantes se erguiam no caminho; eles perfuravam seus pés sofridos e rasgavam sua carne à medida que ele seguia em frente. Ele sentia a dor, mas não prestava atenção a ela.

Em toda a longa e terrível jornada ele não tinha outra ideia senão sua busca ávida por sua Amada. Ele pensou que os filhos dos homens poderiam aprender muito da jornada em direção ao Castelo do Rei, jornada que começara tão bela entre os jardins perfumados e sob a sombra fresca das árvores espraiadas. Em seu coração, o Poeta falou à multidão dos filhos dos homens; e de seus lábios as palavras fluíam como música, pois ele cantava sobre o Portão Dourado o qual os Anjos chamam de Verdade.

“Não passe o Portal do Reino do Pôr do Sol, não!

Pare onde os Anjos em sua vigília estão.

Cuidado! Mesmo estando abertos os portões não passe,

Do lado de cá, seguro, relaxe.

Ainda que jardins perfumados e caminhos frescos chamem,

Os vales da noite mais sombrios lá jazem.

Descanse! Descanse contente. Pare,ainda imaculado,

Não procure os horrores do deserto devastado”.

Assim, esmagando todos os obstáculos com seus pés que sangravam, seguiu sempre em frente, o pobre e perturbado Poeta, para procurar sua Amada no Castelo do Rei.

Tocando em frente, mesmo a vida que é a dos animais parecia morrer atrás dele. Os chacais e os animais selvagens mais covardes se safavam. Leões e tigres, e ursos, e lobos, e todos os mais corajosos entre os animais ferozes de caça, que seguiam seu rastro até mesmo depois de os outros terem parado, agora começavam a hesitar em continuar.

Eles rosnavam baixo e então rugiam alto com as cabeças levantadas; os pelos eriçados de suas bocas se agitavam irados, e os grandes dentes brancos rangiam nervosamente juntos em raiva aturdida. Eles continuaram um pouco mais, e pararam novamente rugindo e rosnando como antes. Então, um a um, eles pararam, e o pobre Poeta continuou sozinho.

No ar, os abutres rodopiavam e crocitavam, parando e hesitando em seus voos, como os animais selvagens faziam. Estes também pararam, após um longo tempo, de seguir no ar o Viajante em seu caminho.

Por mais tempo do que todos os outros seguiam em frente as cobras. Com muitas torções e um rastejo camuflado, elas seguiram árduas os passos do Homem em Busca. Nas marcas de sangue de seus pés sobre as duras rochas elas encontraram alegria e esperança, e continuavam sempre a seguir adiante.

Mas chegou a hora em que o aspecto horrível dos lugares pelos quais o Poeta passava detinha até mesmo as serpentes em seus rastejos – os desfiladeiros sombrios de onde saem ventos venenosos que varrem com desolação até mesmo as tocas dos animais de rapina – a rigidez estéril que marcha sobre os vales da desolação. Aqui, até mesmo as serpentes furtivas pararam seu curso; e elas também desapareceram gradualmente. Deslizaram de volta, sorrindo com um rancor mortal, às suas rachaduras infaustas.

Então chegaram lugares em que as plantas e as verduras começaram a desaparecer. As próprias ervas se tornaram mais e mais atrofiadas e inanes. Mais além, elas definhavam até a esterilidade de rochas inanimadas. Então, as ervas mais nocivas que cresciam em formas medonhas de trevas e terror perderam até mesmo o poder de ferir, poder que sobrevive ao seu crescimento em vida. Definhadas e atrofiadas até mesmo do mal, elas eram condensadas nas pedras mortas. Aqui, até mesmo a mortal Upa não conseguia imprimir raízes na terra pestífera.

Então chegaram lugares em que, na entrada ao Vale das Sombras, até mesmo coisas sólidas perdiam sua substância, e derretiam em poças e em névoas gélidas que passavam rapidamente.

Quando ele passou, o enlouquecido Poeta não conseguiu sentir a terra sólida sob seus pés que sangravam. Nas sombras ele andava, e entre elas, para adiante, através do Vale das Sombras, para procurar sua Amada no Castelo do Rei.

O Vale das Sombras parecia ter uma extensão interminável. Circundado por névoas abundantes, olho algum poderia penetrar onde se erguiam as grandes montanhas entre as quais o Vale estava.

Ainda assim, elas estavam lá – a Montanha do Desespero de um lado, e a Colina do Medo do outro.

Até aqui o pobre cérebro perplexo do Poeta não se atentara a todos os perigos, e horrores, e dores que o circundavam – exceto somente a lição que eles ensinavam. Mas agora, perdido como estava no vapor amortalhado do Vale das Sombras, ele não conseguia pensar em nada senão nos terrores do caminho. Estava cercado por fantasmas pavorosos que de vez em quando se erguiam silenciosos na névoa, e se perdiam novamente antes que ele pudesse apreender totalmente seu sentido horrível.

Então, ali brilhou através de sua alma um pensamento terrível.

Poderia ser possível que sua Amada tivesse viajado para ali? Haviam-na acometido as dores que faziam tremer seu próprio estado de espírito com agonia? Era mesmo necessário que ela tivesse sido assustada por todos esses envolventes horrores?

Ao pensar nela, sua Amada, sofrendo tanta dor e medo, ele soltou um grito amargo que soou por toda a solidão – que partiu o vapor do Vale e ecoou nas cavernas das montanhas do Desespero e do Medo.

O grito selvagem, dilatado pela agonia na alma do Poeta, soou por todo o Vale, até que as sombras que o povoavam despertaram temporariamente para a vida-na-morte. Elas voavam rápida e indistintamente, agora desvanecendo e logo depois se lançando novamente em vida – até que todo o Vale das Sombras esteve, pelo menos uma vez, povoado por fantasmas despertos.

Oh!, naquela hora houve agonia na alma do pobre Poeta enlouquecido.

Mas na mesma hora houve calmaria. Quando o susto de sua primeira agonia passou, o Poeta soube que aos Mortos não chegavam os horrores da jornada que ele tomou para si. É somente para os Vivos o horror da passagem ao Castelo do Rei. Com esse pensamento, veio a ele uma tal paz que até mesmo ali – no escuro Vale das Sombras – permeou uma música suave, que soou no sombrio do deserto como a Música das Esferas.

Então o pobre Poeta se lembrou do que lhe haviam dito; que sua Amada havia percorrido o Vale das Sombras, que ela conhecia a Música das Esferas, e que ela habitava no Castelo do Rei. Então ele pensou que, já que estava no Vale das Sombras, e já que ouvira a Música das Esferas, logo deveria ver o Castelo do Rei onde sua Amada habitava. Assim, ele continuou esperançoso.

Mas, ah!, aquela mesma esperança era uma nova dor de que antes ele não havia se dado conta.

Até ali ele havia caminhado cegamente, não se importando aonde ele ia ou o que se aproximava dele, contanto que seguisse adiante em sua busca; mas agora, a escuridão e o perigo do caminho guardavam novos terrores, pois ele pensou em como eles poderiam deter seu curso. Tais pensamentos tornavam o caminho de fato longo, pois os momentos pareciam uma era de esperança. Avidamente, ele procurou pelo vindouro fim, quando, além do Vale das Sombras pelo qual ele havia viajado, ele veria erguidas as torres do Castelo do Rei.

O desespero parecia crescer sobre ele; e, à medida que crescia, soava ali, sempre mais alta, a Música das Esferas.

Adiante, sempre adiante, apressou-se com ligeireza desenfreada o pobre e louco Poeta. As sombras tênues que povoavam a névoa recrudesciam quando ele passava, estendendo a ele mãos conselheiras com dedos longos e sombrios de um frio mortal. No silêncio amargo do momento, elas pareciam dizer:

“Volte! Volte!”

Cada vez mais alto soou então a Música das Esferas. Cada vez mais rápido,com pressa desenfreada e febril, corria o Poeta entre as Sombras recrudescentes do vale sombrio. As sombras povoadoras, que desapareciam na sua frente, pareciam lamentar em um aviso pesaroso:

“Volte! Volte!”

Ainda em seus ouvidos soava sempre o tumulto crescente da música.

Cada vez mais rápido ele corria adiante; até que, por fim, a índole fatigada cedeu e ele caiu de bruços na terra, desacordado, sangrando, e sozinho.

Depois de um tempo – o quanto ele não podia nem mesmo supor –, ele despertou de seu desmaio.

Porum momento, não conseguiu pensar onde estava; e seus sentidos dispersos não podiam ajudá-lo.

Tudo era sombra e frio e tristeza. Uma solidão reinava ao seu redor, mais mortal do que qualquer coisa que ele já sonhara. Não havia brisa no ar; nenhum movimento de uma nuvem que passasse. Nenhuma voz ou barulho de algo vivo na terra, ou na água, ou no ar. Nenhum farfalhar de folha ou balançar de galho – tudo estava silencioso, morto,e abandonado. Entre as eternas colinas de sombra ao redor jazia o vale desprovido de tudo o que vivera ou crescera.

As névoas envolventes, com sua multidão de sombras, ficaram para trás. Até mesmo os terrores apavorantes do deserto não estavam lá. O Poeta, quando fitou em volta de si, em sua completa solidão, desejou o ímpeto da tempestade ou o estrondo da avalanche para romper o horror pavoroso das trevas silenciosas.

Então, o Poeta percebeu que veiopelo Vale das Sombras; que, tão assustado e enlouquecido quanto estivera, ouvira a Música das Esferas. Agora pensavaarduamente nisso ao andar pelo desolado Reino da Morte.

Ele olhou em volta de si, temendo não ver em lugar algum o terrível Castelo do Rei, onde sua Amava habitava; e ele berrou quando o medo de seu coração encontrou voz:

“Não aqui! Oh, não aqui, no meio desta horrível solidão”.

Então, entre o silêncio alredor, sobre colinas distantes, suas palavras ecoaram:

“Não aqui! Oh, não aqui”, até que, com o eco e o reverberar da rocha, a vastidão morta ficasse povoada de vozes.

De repente, as vozes do eco pararam.

Do céu lúrido acima rompeu o som terrível do estrondo de um trovão. Pelos céus distantes ele ressoou. Distante, sobre o anel infinito do horizonte gris, o ressoo se arrastou – indo e voltando – ressoando – crescendo – desaparecendo. Ele atravessou o éter, murmurando agora em um som ominoso como sons de ameaças, e imediatamente explodindo com a voz de umapavorosa ordem.

Em seu rugido, veio o som como se de uma palavra:

“Adiante”.

O Poeta caiu de joelhos e recebeu com lágrimas de alegria o som do trovão. Ele dominou, como um Poder de Cima, a desolação silenciosa da vastidão. Disse-lhe que dentro e acima do Vale das Sombras rolava os tons poderosos do comando dos Céus.

Então o Poeta ficou de pé, e com coração renovado continuou adiante para dentro da vastidão.

À medida que seguia, o som do trovão desaparecia gradualmente, e, novamente, o silêncio de desolação reinou sozinho.

Assim o tempo passou aos poucos; mas nunca chegou descanso para os pés fatigados. Adiante, ainda adiante ele seguia, com uma única memória a animá-lo – o eco do trovão ribombava em seus ouvidos, enquanto reverberava pelo Vale da Desolação:

“Adiante! Adiante!”

Agora o estrondo se tornava menos e menos rochoso à medida que ele seguia em seu caminho. Os grandes penhascos mergulhavam e se encolhiam, e o lodo do brejo rastejava sopé da montanha acima.

Após um longo tempo, as colinas e os desvãos das fortalezas da montanha desapareceram. O Viajante seguiu seu caminho por entre meras ruínas sem rastros, nas quais nada havia senão o som rude de pântano e lodo.

Adiante, adiante ele vagueou, tropeçando cegamente com pés fatigados na estrada sem fim.

Sobre sua alma pairava cada vez mais próxima a escuridão do desespero. Enquanto ele esteve vagando entre as gargantas da montanha, veio um pouco de coragem da esperança de que, em qualquer momento, alguma curva no caminho pudesse lhe mostrar o fim de sua jornada. Alguma entrada de um desfiladeiro escuro poderia desvelar a ele, agigantando-se na enorme distância – ou mesmo próximo a ele –, o terrível Castelo do Rei. Mas,agora, com a desolação monótona do pântano silencioso à sua volta, percebeu que o Castelo não poderia existir sem ele vê-lo.

Ficou por um tempo ereto, e se virou lentamente para que o percurso completo do horizonte fosse alcançado por seus olhos ávidos. Ah, não vira coisa alguma!E nada havia lá exceto a linha escura do horizonte, onde a terra triste jazia contra o céu plano. Tudo, tudo era concentrado em uma obscuridade silenciosa.

Ele cambaleou mais adiante. Sua respiração se tornou rápida e trabalhosa. Seus membros fatigados tremiam quando ele se sustentava com fraqueza de pé. Sua força – sua vida – estava diminuindo depressa.

Em frente, em frente ele se apressou, sempre em frente, com uma ideia desesperadamente fixa em sua pobre e tresloucada mente: no Castelo do Rei ele encontraria sua Amada.

Ele tropeçou e caiu. Não havia obstáculo para prender seus pés; somente por sua própria fraqueza ele definhava.

Rapidamente se levantou e seguiu adiante com pés alados. Temia que, se caísse, talvez não fosse capaz de se levantar de novo.

Novamente ele caiu. Novamente ele se levantou e continuou seu caminho desesperadamente, com um objetivo cego.

Assim, por um tempo ele continuou a avançar, tropeçando e caindo, mas se erguia sempre e não parava seu caminho. Ele continuou a busca por sua Amada, que morava no Castelo do Rei.

Por fim, ele ficou tão fraco que, quando caiu, não pôde mais se levantar.

Ele ficou cada vez mais fraco enquanto jazia de bruços; e sobre seus olhos ávidos veio a membrana da morte.

Mas mesmo então veio o conforto, pois ele sabia que sua corrida havia acabado, e que logo ele encontraria sua Amada nos Salões do Castelo do Rei.

À vastidão ele contou seus pensamentos. Sua voz saiu com um som fraco, como o sussurrar antes de um vendaval passando por juncos no outono gris:

“Mais um pouco. Logo a encontrarei nos Salões do Rei, e não nos separaremos mais. Pois vale passar pelo Vale das Sombras e escutar a Música das Esferas com sua esperança dorida. Qual é a vantagem, de qualquer forma, de o Castelo ficar longe? Rápidos correm os pés dos mortos. Ao espírito fugaz, toda distância é somente um instante. Não temo agora ver o Castelo do Rei; pois lá, dentro de seu Salão principal, logo encontrarei minha Amada – para não mais separar”.

Mesmo enquanto ele falava, sentiu que o fim estava próximo.

Adiante no pântano diante dele vinha uma névoa imóvel que se espalhava. Ela se ergueu silenciosamente, mais alto – mais alto –, envolvendo a vastidão a uma grande distância ao redor. Tomou matizes mais profundos e mais escuros à medida que se erguia. Era como se o Espírito das Trevas estivesse escondido ali dentro, e ele se tornava mais potente com o vapor que se espalhava.

Aos olhos do moribundo Poeta, a névoa que pairava era um castelo sombrio. Ergueram-se as torres altas e o forte torvo. O portão de entrada, com seus recessos cavernosos e suas torres que se projetavam, tomara a forma similar a uma caveira. As ameias distantes erguiam-se altas, para cima, para dentro do ar silencioso. Do próprio chão sobre o qual o Poeta jazia abatido apareceu, turva e escura, uma vasta trilha que levava à penumbra dos portões do Castelo.

O Poeta moribundo ergueu sua cabeça e olhou. Seus olhos ligeiros e necessitados, acelerados pelo amor e pela esperança de seu espírito, penetraram os muros negros da fortaleza e os terrores sombrios dos portões.

Ali, dentro do grande Salão em que o próprio Rei dos Terrores, severo, tem sua corte, ele a viu, aquela que ele procurava. Ela estava em pé nas fileiras daqueles que esperam pacientemente por seus Amados para segui-los ao Reino da Morte.

O Poeta percebeu que tinha somente um curto tempo para esperar, e ele era paciente – abatido, no entanto, ele jazia entre as Solidões Eternas.

De longe, além do distante horizonte, veio uma luz fraca, como a da manhã de um dia vindouro.

À medida que brilhou mais forte, o Castelo se destacou mais e mais claramente; até que, na manhã desperta, ele se revelou em toda sua extensão gélida.

O Poeta moribundo soube que o fim estava perto. Com um último esforço, ele se levantou de pé, pois que, ereto e destemido, como é o direito da virilidade, ele poderia então se encontrar face a face com o cruel Rei da Morte diante dos olhos de sua Amada.

O sol distante do dia que nasce se ergueu sobre o contorno do horizonte.

Um raio de luz disparou para cima.

Quando atingiu o cume da fortaleza do Castelo, o Espírito do Poeta, no tempo de um instante, correu pelo passadiço. Ele correu através do portal fantasmagórico do Castelo, e encontrou com alegria o Espírito gêmeo que ele amou diante do próprio rosto do Rei da Morte.

Mais rápido do que o reluzir de um raio, todo o Castelo derreteu ao nada; e o sol do dia vindouro brilhou calmamente sobre as Solidões Eternas.

No Reino dentro do Portal nasceu o sol do dia vindouro. Brilhou calmo e vivamente em um belo jardim, onde, em meio à grama alta do verão, jazia o Poeta, mais frio do que as estátuas de mármore à sua volta.

**A criança maravilhosa**

Muito longe, na beira de um grande riacho que se estendia para o interior desde o mar infinito, havia uma tranquila vila.

Aqui os lavradores levavam uma vida feliz e próspera. Eles se levantavam cedo, de forma que na manhã fria e gris ouviam a cotovia, totalmente invisível nas alturas da manhã, cantando o hino matinal do qual ela nunca se esquece.

Quando o pôr do sol vinha furtivo, eles retornavam a suas casas, felizes pelo que o resto do cair da noite trazia a eles.

No outono, quando a colheita devia ser feita, eles trabalhavam até tarde, como eram capazes de fazê-lo; pois, naquela época, o bom Sol e sua esposa, a Lua, tinham um pacto de que ajudariam aqueles que trabalhassem na colheita. Então o sol ficava no céu um pouco mais, e a lua saía de sua cama no horizonte um pouco mais cedo; assim, havia sempre luz para trabalhar.

A lua rubra, larga e cheia, que olha os lavradores trabalhando de cima, é chamada de Lua da Colheita.

O Senhor da Mansão dessa vila pacífica era um homem muito bom e agradável, que sempre ajudava os pobres. Na hora da refeição, a porta de sua mansão ficava aberta, e todos os que estavam com fome poderiam entrar, se assim escolhessem, e tomar assento à mesa, sendo hóspedes bem-vindos.

Esse Senhor da Mansão tinha três filhos, Sibold e May, e um Garotinho que havia acabado de chegar em casa, ainda sem ter um nome.

Sibold havia acabado de chegar a seu oitavo aniversário e May estava a dois meses de seu sexto. Eles gostavam muito um do outro – como irmãos e irmãs devem gostar – e faziam todas as brincadeiras juntos. May pensava que Sibold era muito grande e forte, e qualquer coisa que ele desejasse fazer ela sempre concordava.

Sibold adorava achar coisas e fazer explorações; e, em épocas diferentes, as duas crianças rondaram por todos os domínios de seu pai.

Eles tinham certos abrigos secretos dos quais ninguém sabia exceto eles mesmos. Alguns eram lugares extraordinários e deleitáveis.

Um ficava no centro de um Carvalho oco no qual viviam tantos esquilos que os galhos eram quase como ruas de uma cidade devidoàs idas e vindas deles.

Outro lugar ficava no topo de uma rocha, que era alcançado somente por um caminho estreito entre altos arbustos de heras. Aqui havia um tipo de cadeira grande cinzelada na rocha, na qual cabia somente os dois; e para aqui eles frequentemente levavam seu almoço e se sentavam metade do dia observando sobre os topos das árvores onde, bem longe na distância, a borda alva do horizonte se deitava no mar cintilante.

Então, eles contavam um ao outro as coisas que pensavam, e o que gostariam de fazer, e o que tentariam fazer quando crescessem.

Havia também outro lugar que lhes era o favorito entre todos.

Era embaixo de um grande Salgueiro Chorão. Essa era uma árvore vigorosa, com muitas centenas de anos, que se erguia alta acima de outras árvores que pontuavam a relva. Os longos galhos caíam tão espessos que, até mesmo no inverno, quando as folhas tinham caído e os galhos estavam nus, mal se podia ver dentro do buraco oco que havia ali dentro.

Quando a nova roupagem da primavera voltava, a árvore toda, de seu cimo mais alto até o solo musgoso do qual ela se elevava, tornava-se uma abundância de verde sólido; e era difícil entrar nela mesmo se se soubesse o caminho.

Em um lugar, um dos galhos longos tinha sido, há muito tempo, quebrado em uma grande tempestade que havia posto abaixo muitas árvores na floresta;mas os galhos que pendiam perto dele lançaram novascopas para preencher o espaço vazio, e, assim, a abertura foi coberta com ramos finos ao invés de galhos fortes.

No verão, as folhas cobriam tudo com uma multidão de verde; mas aqueles que conheciam a abertura podiam empurrar de lado os ramos e, assim, entrar no caramanchão.

Era um caramanchão muito belo. Não importava o quão forte o sol brilhava lá fora, dentro era fresco e agradável. Desde o chão até mesmo ao topo, até o próprio dossel em que os galhos pretos, encontrando-se, formavam uma massa escura, tudo era de um verde delicado, pois a luz lá de fora entrava pelo meio das folhas suave e docemente.

Sibold e May pensavam que assim o mar devia parecer às Sereias, que cantam e penteiam seus longos cabelos com pentes dourados nas profundezas frias do oceano.

Na relva ao redor dessa grande árvore havia muitos canteiros de belas flores. Ásteres, com seus rostos largos de muitas cores, olhando fixos diretamente ao sol sem mesmo piscar os olhos, e ao por onde esvoaçavam belas borboletas ao seu redor, com suas asas como arco-íris ou pavões ou pores do sol ou nada que fosse mais belo. A doce Reseda, sobre a qual pairavam abelhas com um zumbido agradecido. Amores-perfeitos, com seus rostos grandes e delicados tremendo em seus caules delgados. Tulipas, abrindo suas bocas ao sol e à chuva; pois a Tulipa é uma flor gananciosa, que abre tanto sua boca até que, de tão aberta, sua cabeça se desfaz em pedaços e ela morre. Jacintos, com seus muitos sinos agrupados em um galho – como uma grande festa de família. Grandes Girassóis, cujos rostos pendentes brilhavam como filhos do próprio parente, o Sol.

Havia também grandes Papoulas, com folhas espraiadas e descuidadas, caules grossos e suculentos, e grandes flores escarlates, que erguiam e pendiam como bem quisessem, e que pareciam muito livres e descuidadas e independentes.

Tanto Sibold quanto May amavam essas Papoulas, e iam todos os dias olhá-las. Nos canteiros, na relva musgosa, da qual se erguia o grande Salgueiro, elas cresciam a tamanhos enormes, tão altas que, quando Sibold e May ficavam de mãos dadas junto ao canteiro, as grandes Papoulas se elevavamacimadeles, até que Sibold, ficando na ponta dos pés, não pudesse alcançar as flores escarlates.

Um dia, depois do desjejum, Sibold e May levaram consigo seualmoço, e saíram para passar o dia juntos passeando entre os bosques, pois era umafestapara eles. Um pequenino irmão Garotinho havia chegado na casa, e todos estavam ocupados arrumando coisas para ele. As crianças haviam-no visto somente por um instante.

De mãos dadas, Sibold e May percorreram todos os seus lugares favoritos. Eles olharam a caverna no Carvalho, e diziam “Como vai o senhor?” a todo esquilo que vivia na árvore, e contavam-lhes sobre o novo Bebê que havia chegado em casa. Depois, eles foram à rocha, e sentaram-se juntos no assento, e observaram o mar distante.

Eles ficaram ali por um tempo sob a luz do sol quente, e falaram do pequeno e querido irmãozinho bebê que haviam visto. Eles se perguntaram de onde ele havia vindo, e fizeram um plano: procurariam e procurariam até que eles também encontrassem um bebê. Sibold disse que ele deve ter vindo lá do mar e ter sido colocado no canteiro de salsa pelos Anjos,de maneira que uma enfermeira pudesse encontrá-lo ali e levá-lo para confortar sua pobre mãe doente. Assim, eles pensaram como seriam capazes de partir para além do mar, e planejaram que algum dia o barco de Sibold seria aumentado, e eles entrariam nele e partiriam pelos mares, e procurariam outro bebezinhosó para eles.

Depois de um tempo, eles se cansaram de se sentar no sol quente; então, deixaram o lugar e, de mãos dadas, perambularam até que chegaram na relva plana onde o grande Salgueiro estava, e onde os canteiros de flores faziam o ar parecer cheio de cor e de perfume.

De mãos dadas eles caminharam, olhando as borboletas, e as abelhas, e os pássaros, e as belas flores.

Em um canteiro encontraram uma nova flor que aparecera. Sibold a conhecia e contou a May que era um Lírio Asiático; ela teve medo de se aproximar da flor até que ele disse a ela que a flor não a machucaria, pois era somente uma flor.

À medida que caminhavam, Sibold colhia algumas flores de cada canteiro e as dava à sua irmã; quando eles estavam se afastando do Lírio Asiático, ele puxou a flor, e, porque May tinha medo de carregá-la, ele mesmo a levou.

Por fim, eles chegaram ao grande canteiro de Papoulas. As flores pareciam tão brilhantes e frescas, devido a todasua cor, e tão despreocupadas, que May e Sibold pensaram, ambos ao mesmo tempo, que elas gostariam de acompanhá-los no Caramanchão do Salgueiro,pois estavam indo comer lá e desejaram que o lugar estivesse tão feliz e belo quanto possível.

Mas, antes, eles voltaram ao Carvalho para recolher muitas folhas, pois Sibold sugeriu que fariam do novo bebê irmão o Rei do Banquete, e que eles iriam fazer a ele uma coroa de carvalho. Como ele não estaria lá em pessoa, eles colocariam a coroa onde eles a pudessem ver bem.

Quando chegaram ao Carvalho, May exclamou:

“Oh, olhe, Sibold, olhe, olhe!”

Sibold olhou, e viu que em quase todos os galhos havia um monte de esquilos sentados dois a dois, com suas caudas peludas sobre suas costas, comendo nozes tão ávidos quanto podiam.

Quando os esquilos os viram, não tiveram medo, pois as crianças nunca haviam feito mal algum a eles. Eles deramtodos juntos um tipo de grasnada estranho e um pulinhoengraçado. Sibold e May começaram a rir, mas eles não gostaram da perturbação, e voltaram ao canteiro de Papoulas.

“Agora, Sibold, querido”, disse May, “precisamos pegar muitas Papoulas, pois o querido Be gosta muito delas”.

“Como você sabe?”, perguntou Sibold.

“Porque ele deve gostar”, ela respondeu. “Você e eu gostamos, e ele é nosso irmão, então claro que ele gosta”.

Então Sibold colheu muitas Papoulas, e algumas delas ele apanhoujunto com muitas folhas verdes frescas até que ficaram, cada um, com um braço cheio delas. Então, juntaram todas as outras flores e entraram no Caramanchão do Salgueiro para comer. Sibold foi à fonte que nascia no jardim e que corria ao mar. Ali ele encheu seu gorro com água e trouxe-o tão devagar quanto pôde para que não derramasse muito, e voltou ao caramanchão. May segurou abertos os galhos folhados quando ele chegou; quando ele passou, ela os deixou cair novamente. Quando a cortina de folhas estava pendurada toda em volta deles, as duas crianças ficaram sozinhas no Caramanchão do Salgueiro.

Então se puseram a trabalhar para adornar sua cabana folhada com as flores. Eles as torceram em torno de galhos pendurados, e fizeram uma coroa de flores e a colocaram em volta do tronco da árvore. Em toda parte, eles colocaram as Papoulas no lugar mais alto que alcançavam, e então Sibold segurou May no alto enquanto ela enfiava os Lírios Asiáticos em uma fissura no tronco de árvore em cima de todas as outras flores.

Então as crianças se sentaram para comer. Os dois estavam muito cansados e com muita fome, e apreciaram muito o descanso e a comida. Havia somente uma coisa que eles queriam, e essa coisa era o novo Irmãozinho Bebê, para que pudessem fazê-lo o rei do banquete.

Quando a refeição terminou, eles se sentiram muito cansados; então, deitaram-se juntos com suas cabeças uma no ombro do outro e seus braços entrelaçados; e ali eles foram dormir com as Papoulas escarlates acenando em todo o entorno.

Depois de um tempo, eles não estavam mais dormindo. Não parecia ser mais tarde no dia, mas sim de manhã cedo. Nenhum deles se sentiu nem um pouco sonolento ou cansado; ao contrário, ambos queriam partir para uma expedição mais longa do que nunca.

“Venha ao riacho”, disse Sibold, “e saiamos em meu barco”.

May levantou-se, e eles abriram a porta de folhas e saíram. Desceram ao riacho, e lá encontraram o barco de Sibold com todas as suas velas armadas.

“Vamos entrar”, disse Sibold.

“Por quê?”, perguntou May.

“Porque assim podemos velejar”, ele respondeu.

“Mas ele não vai nos aguentar; é pequeno demais”, disse May, que estava um tanto com medo de velejar, mas não queria dizê-lo.

“Tentemos”, disse seu irmão. Ele tomou a corda que amarrava o barco à margem e puxou-a. A linha parecia muito longa, e Sibold parecia estar puxando-a já por um bom tempo. De qualquer maneira, o barco por fim chegou. À medida que se aproximava, ficava cada vez maior, até que, quando tocou a margem, eles viram que era grande o bastante para aguentar os dois.

“Vamos, vamos entrar”, disse Sibold.

De alguma forma, May não sentia mais medo. Ela entrou no barco e descobriu que ali havia almofadas de seda da cor das flores de Papoula. Então Sibold entrou, eafastou a corda que amarrava o barco à margem. Ele se sentou na popa, e segurou o leme em sua mão; May se sentou em uma almofada no fundo do barco e se segurou nas bordas.

As velas brancas inflaram com uma brisa suave, e eles começaram a se afastar da margem; as pequenas ondas se agitaram com a proa do barco. May ouvia o marulhar das ondas quando elas tocavam a proa, e então se deitou.

O sol luzia muito brilhante. A água estava tão azul quanto o céu e tão límpida que as crianças podiam ver lá nas profundezas, onde os peixes estavam se movendo rápidos. Ali, também, as plantas e as árvores que crescem sob a água estavam abrindo e fechando seus galhos; e as folhas estavam se movendo como aquelas das árvores terrestres quando sopra o vento.

Por um tempo, o barco se afastou da terra, até que eles perderam a vista do alto Salgueiro que era maior do que os outros. Então ele pareceu se aproximar novamente à margem, e mudou de posição, sempre tão perto que as crianças podiam ver muito claramente tudo o que lá havia.

A margem era muito variada; e cada momento mostrava algo novo e belo...

Agora era uma rocha saliente toda coberta com plantas rastejantes cujas flores quase tocavam a água.

Agora era uma praia, em que a areia branca reluzia e resplandecia à luz, e na qual as ondas faziam um zunido agradável à medida que corriam margem acima e voltavam de novo – como se brincando, “tocando”, consigo mesmas.

Agora árvores escuras com uma folhagem densa pendiam sobre a água; mas, através de sua obscuridade, fendas brilhavam ao longe quando o sol corria, por alguma abertura, na clareira.

Novamente, havia lugares em que a grama, tão verde quanto esmeralda, seguia em declive até a borda da água, e onde as Prímulas e os Ranúnculos que cresciam na margem, sobre a qual se debruçavam, quase beijavam as ondinhas que iam encontrá-los.

Então havia lugares em que grandes Lilases tornavam o ar, até bem longe, doce com o sopro de seus cachos de flores rosas e brancas, e onde os Laburnos pareciam jorrar torrentes de ouro a partir da riqueza das flores que pendiam de seus galhos verdes retorcidos.

Havia também grandes Palmeiras, com suas folhas largas, fazendo uma sombra fresca na terra abaixo. Grandes Coqueiros, em cujos troncos tropas de macacos ficavam subindo para reunir cocos que eles arrancavam e jogavam para baixo. Aloés com grandes caules carregados com flores púrpuras e douradas – pois esse era o centésimo ano quando, somente então, os aloés florescem.

Havia Papoulas tão grandes quanto árvores, e Lírios cujas flores eram maiores que cabanas.

As crianças gostaram de todos esses lugares, mas, de repente, chegaram a um lugar em que havia um canteiro de grama esmeralda ensombrado por árvores gigantescas. Em volta, crescia ou pendia ou se agrupava cada uma das flores que crescem. Canas-de-Açúcar altas brotavam da beirada de um pequeno córrego que fluía sobre um leito de pedras brilhantes como joias. Palmeiraselevavam suas cabeças eminentes, e plantas com grandes folhas se erguiam e produziam sombras até mesmo na penumbra. Perto havia uma fonte cristalina que borbulhava formando um pequeno córrego de onde as Canas-de-Açúcar se erguiam.

Quando eles viram esse lugar, ambas as crianças bradaram: “Oh! Que bonito! Vamos parar aqui”.

O barco pareceu entender o desejo deles, pois, sem o leme ser tocado, ele se virou e flutuou suavemente à margem.

Sibold desceu e colocou May para a terra. Ele pretendia amarrar o barco; mas, no instante que May saiu, todas as velas se dobraram por si mesmas, a âncora pulou para fora do barco e, antes que fosse possível fazer qualquer coisa, o barco estava ancorado perto da margem.

Sibold e May deram-se as mãos e perambularam juntos pelo lugar, olhando para tudo.

De repente, May disse, em um sussurro:

“Oh, Sibold, este lugar é tão gostoso, será que há Salsa aqui?”

“Por que você quer Salsa?”, ele perguntou.

“Porque, se houver um bom canteiro de Salsa, talvez poderemos encontrar um Bebê... E, oh!, Sibold, quero *muito* um Bebê”.

“Muito bem, então, vamos procurar”, disse seu irmão. “Parece haver todo tipo de planta aqui; e se há *todo* tipo de planta, com certeza *deve* haver Salsa”. Pois Sibold era muito lógico.

Então, as duas crianças caminharam por todo o vale gramado, procurando;e, logo depois, como previsto, eles encontraram sob as folhas espalhadas de uma Cidra um grande canteiro de Salsa – as maiores Salsas que eles já haviam visto.

Sibold ficou bem satisfeito com isso, e disse: “Isso se parece com Salsa. Sabe, May, sempre me intrigou como um Bebê, que é muito maior do que a Salsa, possa estar escondido nela; e ele deve estar bem escondido nela, pois muitas vezes saio para olhar o canteiro de casa e nunca consigo achar um, apesar de a enfermeira sempre achar um em qualquer lugar que ela vá olhar. Mas ela não procura quase nunca. Sei que, se eu fosse tão sortudo quanto ela, ficaria sempre procurando”.

May viu que o desejo de encontrar um bebê se tornou tão forte nela que disse novamente:

“Oh, Sibold, eu desejo *tanto* um Bebê; *espero*que encontremos um”.

Assim que ela falou, ouviu-se um som estranho – um tipo de risada muito, muito leve – como um sorriso transformadoem música.

May ficou surpresa e, por um momento, não pensou em fazer coisa alguma; ela meramente apontou, e disse:

“Olhe, olhe!”

Sibold correu e levantou a folha de uma enorme Salsa; e ali – oh, alegria de alegrias! – estava deitado o Bebê mais precioso que já fora visto.

May ajoelhou-se ao lado dele, levantou-o, começou a balançá-lo e cantou “Nana nenê”, enquanto Sibold olhava complacente. Entretanto, depois de uns instantes, ele ficou impaciente e disse:

“Veja bem, entende, eu encontrei esse Bebê; ele pertence a mim”.

“Oh, por favor”, disse May, “eu o ouvi primeiro. Ele é meu”.

“Ele é meu”, disse Sibold; “Ele é meu”, disse May; e ambos começaram a ficar um pouco nervosos.

De repente eles ouviram um gemido baixo – um tipo de som como se uma música tivesse dor de dente. Ambas as crianças olharam para baixo alarmadas, e viram que o pobre Bebê estava morto.

Os dois ficaram horrorizados e começaram a chorar; e pediram perdão um ao outro, e prometeram que nunca, nunca mais iriam ficar nervosos. Quando o fizeram, a Criança abriu seus olhos, olhou para eles gravemente, e disse:

“Agora, nunca briguem ou fiquem nervosos. Se ficarem nervosos de novo, qualquer um dos dois, eu morrerei, sim, e serei enterrado também, antes que vocês possam dizer ‘raquetes’”.

“É mesmo, Be”, disse May, “nunca, nunca ficarei brava de novo. Ao menos, eu tentarei não ficar”.

Disse Sibold:

“Eu lhe garanto, senhor, que sob nenhuma provocação, resultando de quaisquer concatenações de circunstâncias, eu serei culpado da *malfaisance* da raiva”.

“Como ele fala bonito”, disse May; e o Bebê acenou a ele com sua cabeça de maneira familiar, como se dizendo:

“Tudo bem, velho, nós nos entendemos”.

Então, por um tempo, todos eles ficaram bemquietos. De repente, o Bebê virou seus olhos azuis para May e disse:

“Por favor, mãezinha, cantaria para mim?”

“O que você gostaria, Be?”, perguntou May.

“Oh, qualquer coisinha, algo patético”, ele respondeu.

“Algum estilo em particular?”, perguntou May.

“Não, obrigado; qualquer coisa que venha a calhar. Prefiro algo simples – alguma coisinha elementar, como, por exemplo, qualquer cançãozinha começando com uma escala cromática em quintas e oitavas consecutivas, *pianíssimo* – *rallentando* – *excellerando*–*crescendo* – até uma mudança harmônica na dominante da nona bemol diminuta”.

“Oh, por favor, Be”, disse May, muito humildemente, “não sei ainda nada sobre isso. Estou ainda nas escalas e, perdão, não sei do que tudo isso se trata”.

“Olhe, e você verá”, disse a Criança, e tomou um pedaço de graveto e escreveu uma música na areia.

“Ainda não sei”, disse May.

Bem naquele momento, um pequeno animal marrom-amarelado apareceu na clareira caçando um rato. Quando ficou no lado oposto deles, de repente disparou como o som de uma pistola.

“Agora você sabe?”, perguntou a Criança.

“Não, querido Be, mas não importa”, ela respondeu.

“Muito bem, querida”, disse a Criança, beijando-a, “qualquer coisa que lhe agradar, só deixe vir diretamente de seu coraçãozinho amável”, e ele a beijou novamente.

Então May cantou algo muito doce e belo – tão doce e belo que a fez chorar, e também Sibold, e o Bebê. Ela não conhecia a letra, e ela não conhecia a melodia, e ela tinha somente uma noção bem vaga do que falava; mas era muito, muito bela. Durante todo o tempo enquanto cantava, ela cuidou do Bebê, e ele colocou seus bracinhos gordos em volta do pescoço dela, e a amou muito.

Quando ela terminou de cantar, a Criança disse:

“Chlap, Chlap, Chlap, M-chlap!”

“O que ele quer dizer?”, ela perguntou a Sibold, desconfortada, pois ela viu que o Bebê queria algo.

Naquele momento, uma bela Vaca colocou sua cabeça por sobre os arbustos e disse: “Muu-uu-uu”. A Bela Criança bateu suas palmas; assim também May, que disse:

“Oh, eu sei agora. Ele quer ser alimentado”.

A Vaca entrou sem ser convidada, e Sibold disse:

“Acho que sim, May, melhor eu tirar leite dela”.

“Por favor, sim, querido”, disse May.Ela começou a ninar novamente o Bebê, a beijá-lo, a acalentá-lo, e a lhe contar que logo ia ser alimentado.

Enquanto ela estava assim ocupada, sentou-se com suas costas a Sibold. Mas o Bebê estava olhando para a ordenhação, com seus olhos azuis dançando com alegria. Subitamente, ele começou a rir, rir tanto que May olhou em volta para ver do que ele estava rindo. Ali estava Sibold tentando ordenhar a Vaca puxando seu rabo.

A Vaca não parecia se importar com ele, e continuou a pastar.

“Eia, Dona”, disse Sibold. A Vaca começou a se mover.

“Oh, ora essa”, disse Sibold, “vamos!Apresse-se e nos dê um pouco de leite; o Be quer um pouco”.

A Vaca respondeu a ele:

“O querido Be não deve desejar nada”.

May pensou que era muito estranho a Vaca poder falar; mas, como Sibold não pareceu achar isso estranho, segurou a língua.

Sibold começou a discutir com a Vaca: “Mas, convenhamos, Senhora Vaca, se ele não deve desejar nada, por que a senhora o faz desejar?”

A Vaca respondeu: “Não me culpe. A culpa é sua. Tente de outro jeito”, e ela começou a rir tão alto quanto podia.

Sua risada era muito engraçada, a princípio muito alta, mas gradualmente ficando mais e mais parecida com a risada da Criança, até que May não as conseguia distinguir. Então, a Vaca parou de rir, mas a Criança continuou.

“Do que está rindo, Be?”, May perguntou, pois ela não lembrava se sabia alguma coisa de ordenhação além do que Sibold sabia. Ela achou isso muito engraçado, pois sabia que muitas vezes ela havia visto as vacas serem ordenhadas em casa.

O Bebê falou: “Não é assim que se ordenha uma vaca”.

Então Sibold começou a levantar e abaixar o rabo da Vaca como a haste de uma bomba; mas o Bebê riu ainda mais.

Subitamente, sem saber como isso veio a acontecer, ela se sentiu derramando leite de um regador em cima do Bebê todo, que estava deitado no chão, com Sibold segurando sua cabeça. O Bebê estava gritando satisfeito e rindo como um louco; e quando o regador ficou vazio, ele disse:

“Muito obrigado aos dois. Nunca apreciei tanto um jantar em minha vida”.

“Esse é um Be muito querido e estranho!”, disse May, em sussurros.

“Muito”, disse Sibold.

Enquanto falavam, veio um som terrível de entre as árvores, muito, muito longe a princípio, mas que se aproximava mais e mais a cada momento. Era como gatos que estavam tentando imitar o trovão. O barulho veio bombardeando através das árvores.

“Meiau-u-room-r-p-sss. Rarkrrau-iau-p-ss”.

May ficou muito assustada;assim também Sibold, mas ele não iria admitir.Sentiu que tinha de proteger sua Irmãzinha e o Bebê, então se pôs entre os dois e o lugar de onde vinha o som. May abraçou forte a Criança, e lhe disse: “Não tenha medo, querido Be. Nós não vamos deixar ele tocar em você”.

“O que é ‘ele’?”, perguntou o Bebê.

“Eu não sei, Be”, ela respondeu. “Gostaria de saber. Lá vem ele agora”; pois, exatamente naquele instante, um grande e nervoso Tigre surgiu sobre os topos das árvores mais altas e ficou lá, olhando furiosamente para eles com seus grandes olhos verdes flamejantes.

May olhou para essa coisa terrível com seus olhos arregalados de terror; mas, ainda assim, ela abraçou o Bebê cada vez mais forte. Ficou olhando para o Tigre, e viu que ele não estava mirando nem ela nem Sibold, mas sim o Bebê. Isso a fez mais assustada do que nunca, e agarrou-o ainda mais forte. Enquanto olhava, no entanto, ela percebeu que os olhos do Tigre ficaram cada vez menos bravos a cada instante que passava, até que, por fim, eles ficaram tão gentis e amansados quanto aqueles do seu próprio gato malhado favorito.

Então o Tigre começou a ronronar. O ronronar era como o rugido de um gato, mas tão alto que parecia tambores. Entretanto, ela não se importou com isso, pois, apesar de alto, parecia gentil e carinhoso. Então o Tigre se aproximou e agachou diante da Criança Maravilhosa, e lambeu suas mãozinhas gordas com sua grande e áspera língua vermelha, porém muito suavemente. O Bebê riu, e acariciou o grande focinho do Tigre, e puxou os longos bigodes eriçados, e disse:

“Gii, gii”.

O Tigre passou a se comportar de maneira muito engraçada. Ele se deitou de costas e rolouao redor, depois ficou em pé e ronronou mais alto que nunca. Sua grande cauda se ergueu diretamente para cima, com a ponta se movendo ao redor e derrubando aqui e ali um monte de uvas que pendiam da árvore acima. Parecia inundado de alegria, veio e agachou novamente diante da Criança, e ronronou em volta dele em grande estado de alegria. Finalmente, deitou-se, sorrindo e ronronando, e guardando a Criança, como se de guarda.

Logo depois veio delonge outro som terrível. Era como um grande Gigante sibilando; e era mais alto do que um trem, e mais numeroso que um bando de gansos. Havia também o som de galhos se partindo, de esmagamento da vegetação rasteira; e havia um som terrível de algo sendo carregado como nada que eles já tivessem ouvido antes.

Novamente Sibold se prostrou entre o som e May, que, mais uma vez, segurou o Bebê para protegê-lo do mal.

O Tigre se levantou e arqueou suas costas como um gato bravo, e ficou pronto para avançar em qualquer coisa que viesse.

Então ali apareceu, sobre os topos das árvores, a cabeça de uma enorme Serpente, com olhos miúdos que brilhavam como fagulhas de fogo e duas grandes mandíbulas abertas. Essas mandíbulas eram tão grandes que realmente parecia como se toda a cabeça do animal estivesse aberta em duas; e entre elas aparecia uma grande língua ramificada que parecia cuspir veneno. Atrás dessa cabeça monstruosa apareceram do corpo da Serpente enormes chocalhos que se moviam continuamente. O Tigre rugiu como se a ponto de saltar; mas, de repente, a Serpente baixou sua cabeça em submissão. Estava fitando a Criança Maravilhosa; e,olhando May, também viu que o pequenino Bebê estava apontando, como se dando ordens à Serpente, a seus pés. Então o Tigre, com um rosnado baixo e depois um ronronado contente, voltou ao seu lugar para vigiar e ficar de guarda. A grande Serpente veio suavemente e se enrolou na clareira, e também parecia como se estivesse vigiando e guardando a Criança Maravilhosa.

Novamente veio outro som terrível. Dessa vez, fora no ar. Grandes asas pareciam bater com um som mais alto do que um trovão; e, de longe, o ar foi escurecido por uma portentosa Ave de Rapina que lançava uma sombra sobre a terra com suas asas abertas.

Quando a Ave de Rapina desceu, o Tigre se levantou novamente e arqueou suas costas como se prestes a pular e avançar sobre ela, e a Serpente levantou seus chocalhos poderosos e abriu suas mandíbulas como se prestes a dar o bote.

Mas, quando a Ave viu a Criança, ela também se tornou menos feroz, e suspendeu-se no meio do ar com sua cabeça inclinada como se estivesse reverenciando. Logo, a Serpente se enrolou como antes, o Tigre voltou a vigiar e ficar de guarda, e a Ave de Rapina pousou na clareira e ficou vigiando e também de guarda.

May e Sibold começaram a observar maravilhados o Belo Garoto, ante a quem esses monstros faziam reverência; mas eles não conseguiam ver nada de estranho.

Novamente, houve outro som terrível – dessa vez lá do mar –, uma arremetida e um assovio como se alguma coisa gigante estivesse chicoteando a água.

Olhando em torno, as crianças viram dois monstros se aproximando. Eram um Tubarão e um Crocodilo. Eles surgiram do mar e vieram para a terra. O Tubarão estava pulando, batendo com sua cauda e rangendo sua tripla fileira de grandes dentes. O Crocodilo estava rastejando com seus grandes pés e pernas curtas e curvas, e sua boca terrível estava abrindo e fechando, batendo seus grandes dentes.

Quando esses dois se aproximaram, o Tigre e a Serpente e a Ave de Rapina se ergueram todos para proteger a Criança; mas, quando os recém-chegados viram o Bebê, eles também reverenciaram e também mantiveram vigia e guarda – o Crocodilo rastejando na praia, e o Tubarão se movendo para lá e para cá na água – iguais a sentinelas.

Novamente, May e Sibold olharam para a Bela Criança e se espantaram.

Mais uma vez, houve um som terrível, mais horrível do que haviam escutado.

A terra pareceu tremer e um som profundo e abafado veio de muito abaixo. Então, um pouco longe, uma montanha se ergueu de repente; seu cume abriu, e dali estouraram, com um som mais alto do que o de uma tempestade, fogo e fumaça. Grandes volumes de vapor preto se ergueram e suspenderam, uma nuvem preta, acima. Pedras fervendo,de um tamanho enorme,foram atiradas para o alto e caíram novamente na cratera, e se perderam. Pelos lados da montanha rolavam torrentes de lava incandescente e fontes de água fervente irrompiam de todo lado.

Sibold e May ficaram mais assustados que nunca, e May segurou o querido Bebê fortecontra seu peito.

O troar da montanha flamejante ficou cada vez mais alto, a lava ardente jorrava densa e rápida, e da cratera se ergueu a cabeça de um feroz Dragão, com olhos como carvão incandescente e dentes como línguas de fogo.

Então o Tigre e a Serpente e a Ave de Rapina, e o Crocodilo e o Tubarão, todos se preparam para defender a Criança Maravilhosa.

Mas quando o feroz Dragão viu o Garoto, também ele domou-se, e rastejou humildemente para fora da cratera em chamas.

Então, a montanha furiosa afundou novamente para dentro da terra, a lava incandescente desapareceu; e o Dragão permaneceu com os outros para vigiar e ficar de guarda.

Sibold e May ficaram mais impressionados do que nunca, e olharam para o Bebê com ainda maior curiosidade. De repente, May disse a seu irmão:

“Sibold, quero cochichar a você algo”.

Sibold inclinou sua cabeça e ela sussurrou muito baixo em seu ouvido:

“Eu acho que Be é um Anjo!”

Sibold olhou para ele pasmo e respondeu:

“Eu tambémacho, querida. O que vamos fazer?”

“Não sei”, disse May, “espero que ele não fique bravo de novo conosco por o chamarmos de ‘Be’”.

“Espero que não”, disse Sibold.

May pensou por um momento, e então seu rosto se iluminou com um sorriso contente,dizendo:

“Ele não ficará bravo, Sibold. Você sabe que nós o divertimos sem intenção”.

“Bem verdade”, disse Sibold.

Enquanto estavam falando, todos os tipos de animais e pássaros e peixes estavam vindo à clareira, andando de braços dados tanto quanto podiam – pois nenhum deles tinha braços. Um Leão e um Carneiro vieram primeiro, e estes dois se curvaram à Criança, e depois se foram e se deitaram juntos. Então veio uma Raposa e um Ganso; e depois um Gavião e um Pombo; e depois um Lobo e outro Cordeiro; e depois um Cachorro e um Gato; e depois outro Gato e um Rato; e depois outra Raposa e uma Cegonha; e uma Lebre e uma Tartaruga; e um Lúcio e uma Truta; e um Pardal e uma Minhoca; e muitos, muitos outros, até que toda a clareira estivesse cheia de coisas vivas, todas em paz uma com a outra.

Todos eles se sentaram em volta da clareira em pares, e todos eles olharam para a Criança Maravilhosa.

May sussurrou novamente para Sibold:

“Acho que, se ele for um anjo, devemos ser muito respeitosos com ele”.

Sibold assentiu, mostrando que concordava com ela; então, ela aconchegou o Bebê mais perto e disse:

“Por favor, senhor Be, sentados assim, eles não parecem todos bons e belos?”

A Bela Criança sorriu docemente quando respondeu:

“Belos e doceseles parecem”.

May disse novamente:

“Gostaria que eles sempre fossem assim, e nunca brigassem ou discordassem de forma alguma, querido Be. Oh! Peço perdão. Digo, Senhor Be”.

A Criança perguntou a ela:

“Por que pede meu perdão?”

“Porque lhe chamei de Be, ao invés de Senhor Be”.

O Garoto perguntou novamente:

“Por que você deveria me chamar de Senhor Be?”

May não gostaria de dizer “Porque você é um Anjo” da forma como gostaria de ter dito, então ela aproximou mais a Criança e sussurrou em seu pequeno ouvido róseo:

“Você sabe”.

A criança colocou seus bracinhos em volta do pescoço dela e beijou-a, e disse, bem baixo e bem docemente, palavras que por toda sua vida ela não se esqueceu:

“Eu sei. Seja sempre carinhosa e doce, querida criança, e até mesmo os Anjos conhecerão teus pensamentos e escutarão tuas palavras”.

May sentiu-se muito feliz. Olhou para Sibold, que se inclinou e beijou-a, e chamou-a de “doce irmãzinha”; e todos os animais, em pares, e todos aqueles terríveis que estavam de guarda, todos disseram juntos, como uma aclamação:

“Certo!”

Então eles pararam e emitiram todos juntos cada um dos sons, um após o outro, que cada um usava para mostrar que estava feliz. Primeiro todos ronronaram, e depois todos grasnaram, e depois todos cacarejaram, e grunhiram, e bateram as asas e sacudiram suas caudas.

“Oh, que bonito!”, disse May novamente, “olhe, querido Be!” Ela estava prestes a dizer Senhor quando a Criança levantou seu dedo, então ela disse somente “Be”.

A Criança sorriu e disse:

“Certo, você deve me chamar somente de Be”.

Novamente, todos os animais disseram juntos como um grito:

“Certo, você deve me chamar somente de Be”, e então todos eles repetiram as mesmas maneiras de mostrar sua alegria como antes.

May disse à Criança – e de alguma forma sua voz pareceu muito, muito alta, apesar de ela não ter intenção de sair assim, mas somente de sussurrar:

“Oh, querido Be, eu desejaria muito que eles sempre continuassem felizes e em paz dessa maneira. Não há meios de fazer isso?”

A Bela Criança abriu sua boca para falar, e todas as coisas vivas colocaram suas garras, ou suas asas, ou suas barbatanas nos ouvidos para ouvir com atenção.

Ele falou, e suas palavras pareciam cheias de som, mas muito suaves, como o eco de um trovão distante vindo de águas longínquas nas asas da música.

“Sabei, queridas crianças, e sabeivós todos queescutais – haverá paz na terra entre todas as coisas vivas quando os filhos dos homens ficarem, por uma hora, em perfeito amor e em perfeita harmonia um com o outro. Lutai, oh!, lutai cada um de vós, para que assim o seja”.

Enquanto ele falou, ouviu-se um silêncio solene e eles ficaram muito quietos.

Então a Criança Maravilhosa pareceu flutuar dos braços de May e se mover em direção ao mar. Todas as coisas vivas instantaneamente se apressaram para formar uma fila dupla entre a qual ela passou.

May e Sibold seguiram-na de mãos dadas. Ela esperou por eles na borda do mar e então beijou-os ambos.

Enquanto ele os beijava, o barco se aproximou da margem; a âncora subiu a bordo; as velas brancas se abriram para cima; e uma brisa fresca começou a soprar em direção de casa.

A Criança Maravilhosa foi para a proa e ali repousou. Sibold e May subiram a bordo, e tomaram seus lugares de antes; e depois de enviar beijos com as mãos para todas as coisas vivas – que estavam, nesse momento, dançando juntas na clareira –, mantiveram seus olhos fixos no Belo Garoto.

Quando se sentaram de mãos dadas, o barco se moveu suavemente, porém muito rápido. A encosta, com seus muitos lugares belos, parecia deslizar, tornando-se uma névoa turva à medida que rapidamente passavam.

Logo depois, eles viram seu próprio riacho, e o grande Salgueiro erguendo-se acima de todas as outras árvores na margem.

O barco chegou a terra. A Criança Maravilhosa, flutuando no ar, moveu-se em direção ao Caramanchão do Salgueiro.

Sibold e May seguiram-na.

Ela entrou no caramanchão; eles seguiram logo depois.

Quando a cortina folhada caiu atrás deles, o vulto da Criança Maravilhosa se tornou cada vez mais turvo, até que, por fim, olhando-os amavelmente, e abanando suas pequeninas mãos, como se os abençoando, ela pareceu desvanecer no ar.

Sibold e May ficaram sentados por um longo tempo, de mãos dadas, pensando. Então, ambos se sentindo sonolentos, colocaram seus braços um em volta do outro, e deitaram-se para descansar.

Nessa posição, dormiram novamente, com as Papoulas ao redor deles.